

REAL É A NOSSA ESTRADA

*Uma senhora aventura,
de algumas determinadas senhoras!*



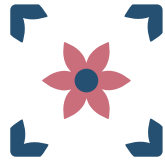
SONIA ESTEFANI



Sonia Estefani, de Ourinhos/SP, é mineira por osmose e opção! Tem as mãos mágicas para macramé, jardinagem, culinária, e organização. Sabe curtir caminhadas por este mundão, filmes e livros. Faz parte de um coral, é voluntária contadora de histórias. A sua alegria de viver derrama-se em bom humor tornando o convívio muito agradável.

Real é a nossa estrada: a escrita dos caminhos de Minas, do saudável encontro das caminheiras. Este livro aponta o perfil do viajante ao receber a beleza da estrada em contraste com o turista e suas *selfies*. Vislumbra a motivação dos nômades perambulando, invejavelmente, sob o céu estrelado ou sob os dedos róseos da alvorada na descrição de Homero na *Ilíada*. Mostra o contato enriquecedor com a gente mineira, costumes e sabores. Transborda do texto a disposição incomum, gratificante de percorrer, a pé, o vazio dos campos. A disponibilidade para os riscos do vento, da chuva ou das portas fechadas. Para as surpresas das cachoeiras, das boas-vindas, do cafezinho inesperado. Para o viajante toda a caminhada é um processo diferente e somos – ou deveríamos ser – um outro passageiro a cada vez. Esta Estrada traz o Real: uma viagem pode ser, simplesmente, um impulso, um bate-volta, um recreio ou um convite; levar ao nada ou à releitura do cotidiano; representar busca, fuga ou mudança de rumo; ser um momento de abraçar alguém, reatar laços ou desprendê-los... todos os caminhos podem se transformar em peregrinação para iluminar os cantos escuros...

Maria Brockerhoff



TEXTO © Sonia Estefani

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da autora.

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

FICHA CATALOGRÁFICA

E179r Estefani, Sonia.
2016 Real é a nossa estrada: uma senhora aventura,
de algumas determinadas senhoras! / Sonia Estefani.
- Belo Horizonte : Impressões de Minas, 2016.
288 p.

ISBN: 978-85-63612-31-1

1. Geografia e viagens - Brasil. 2. Peregrinos e peregrinações.
3. Viagens e descrições. I. Título

CDD: 918.1

Ficha catalográfica elaborada por: Júlia Gonçalves da Silveira
Bibliotecária/Documentalista
CRB-6 720



SONIA ESTEFANI

REAL É A NOSSA ESTRADA

*Uma senhora aventura,
de algumas determinadas senhoras!*

Dedico este livro ao meu pai, Manoel Luiz Augusto Pereira (*in memoriam*); ao meu marido, Jair Estefani (*in memoriam*); aos meus quatro filhos: Murilo Augusto, Rodrigo, Frederico e Renato, e aos meus dois netos, Augusto e Gabriel. Creio que, um dia, chegarei a compreender porque me coube viver nesse universo tão masculino!



Agradeço

Às integrantes do grupo de caminhantes *En beneficio de la salud*. À Maria Cecília, pelos inúmeros e incansáveis convites para caminhar e por dar nome à aventura; à Dôra, pelo apoio incondicional a este projeto desde o primeiro momento; à Leda, pela exaustiva revisão dos fatos narrados, aprimorando-os, ajudando na difícil escolha das fotos, e pela autoria do subtítulo do livro; e a todas, pelo vasto material que me disponibilizaram.

Ao meu filho Renato, pelas incontáveis vezes que me socorreu com os arquivos.

Ao doutor Eugênio Marcos Andrade Goulart pelo incentivo e pelos maravilhosos livros que escreve.

À minha família e às famílias das demais companheiras, pelo apoio que sempre nos deram. E a todos e todas que, sempre que lhes foi possível, nos deram o prazer de estar conosco por uma ou mais etapas de caminhada.

À Maria Brockerhoff, amiga constante, acolhedora, instigante...





À Eleni Cássia Vieira, por enriquecer esses relatos com aspectos do Museu de Ipoema e o Tropeirismo.

À Beth Pimenta, pelas considerações acerca da ACER – Associação das caminhantes da Estrada Real.

Ao Felipe Rodrigues Machado, Paula Versiani e Rodrigo Azevedo, do Instituto Estrada Real, pelas informações e apoio logístico que gentilmente nos prestaram.

A Equipe da Editora Impressões de Minas, pelo profissionalismo com que conduziu o processo de produção deste livro.

Agradeço, finalmente, a todas as pessoas que nos ajudaram nos caminhos, desconhecidas até o momento em que os mesmos se cruzaram, e que demonstraram grande generosidade: nossos anjos. Sem essa valiosa ajuda não teríamos conseguido alcançar o nosso objetivo.





As estradas do passado sobreviveram heroicamente em raros trechos e têm, agora, a chance de ser reabilitadas. Não são poucos os andarilhos que se propõem a retomar as trilhas dos antigos, numa busca saudável de alguma coisa que não se sabe muito bem o que é. Pouco importa, caminhar é preciso.

Eugênio Marcos Andrade Goulart
O caminho dos currais do Rio das Velhas: A Estrada Real do Sertão

Caminhar é preciso, *En beneficio de la salud!*

Quando a memória, ociosa, passeia no tempo, quando, à-toa, me perco em lembranças, me vem a impressão de que, apesar de tudo o que vivi, ainda me sentia incompleta. É provável que o mesmo sentimento de incompletude, essa sensação de algo que falta, uma ausência indefnida, tenha também envolvido minhas amigas. É provável que tenhamos ouvido nossa voz interior e conseguimos identificar: tínhamos desejos de caminhos... Tínhamos desejos de distâncias... Queríamos desafios, desapegos, experiência de viver com pouca bagagem e muita fé!

Foi assim que me juntei a um grupo em 2002 e caminhei, deslumbrada, por uma semana, pelo Vale do Jequitinhonha. Foi assim que as participantes do grupo de caminhantes *En beneficio de la salud*, inicialmente composto por Maria Cecília de Oliveira Salles Figueiredo, Leda Maria Benevello de Castro e Maria Auxiliadora Marques de Carvalho Mitre ficaram bastante entusiasmadas com a ideia de percorrer, a pé, todo o trajeto da Estrada Real.

O nome do grupo foi definido de forma bem humorada, a partir de um texto em espanhol encontrado por Dôra. Dizia o autor que bons amantes na vida fazem muito bem à saúde! Pessoas, atividades, hobbies, enfim, o que amamos fazer e nos dá muita alegria de viver resulta em benefício para a saúde. Como a primeira aventura do grupo havia sido no Caminho de Santiago, permaneceu o nome em espanhol mesmo.

Em 2003, pouco se sabia sobre a viabilidade de empreender tão grande e ousado projeto mas, 'fazer' a Estrada já era assunto decidido. Resolvidas as questões domésticas para o afastamento de tempos em tempos, as participantes decidiram que a solução dos

imprevistos dependeria da criatividade do grupo.

O texto que se segue narra a experiência coletiva desse grupo de amigas de caminhar 1.448 quilômetros na Estrada Real em quinze etapas, entre os anos de 2005 a 2010. Em novembro de 2011 completamos, numa única etapa, o Caminho de Sabarabuçu.

Uma senhora aventura, de algumas determinadas senhoras!

No início deste empreendimento me perguntei: por que relatar? Certamente por um apelo à disciplina; para organizar os vários relatos que o grupo produziu ao longo das viagens, ver o conjunto, fazer uma catarse provocada pelas lembranças e, principalmente, pela oportunidade de demonstrar nosso profundo respeito pela História.

Este livro, longe de ser uma obra literária de qualidade, também não pretende se aprofundar no histórico da Estrada Real. Algumas citações neste sentido aparecerão com os devidos créditos para que o leitor mais interessado possa buscar novos esclarecimentos. Uma explicação se faz necessária: escolhi dispor os capítulos seguindo uma ordem cronológica. A minha caminhada, portanto, de Diamantina ao Serro, realizada em 2002, abre a narração. Juntei-me ao grupo En beneficio de la salud em abril de 2007, durante a quarta etapa. Foram respeitadas as diversas opiniões das colegas caminhantes no decorrer dos relatos, a respeito de gostos, posturas e, principalmente, de crenças.

Oxalá essa leitura motive outras pessoas como nós a seguir as trilhas dos aventureiros do passado, dos jesuítas e das várias expedições que forjaram os primeiros passos dessa estrada...

Sonia Estefani, Belo Horizonte, julho de 2016.

Real é a nossa estrada...

Caminho de Santiago prestes a ser concluído, olhos treinados a enxergar além do cotidiano, vontade de abraçar novos caminhos, afinidade com as mochilas, botas e cajados, grupo constituído.

Em nossas andanças, ao nos depararmos com estradas principais, sulcando pastagens e áreas de plantio, nos orientávamos pelas setas que ali se apresentavam. Dentro de um vocabulário próprio, nascido nos nossos conchavos, atribuímos o nome Real à estrada mais importante. Informadas sobre uma rota mineira, recém-criada por um peregrino que concluía o Caminho de Santiago, atraídas pela possibilidade de voltar a pôr os pés na estrada, iniciamos o Caminho da Fé, partindo de Águas da Prata, estância hidromineral situada na divisa dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, com destino ao Santuário de Aparecida do Norte. Talvez ali começasse o nosso interesse em conhecer melhor a real estrada do nosso país.

Necessário se fez definir por onde e quando começar, manter a motivação do grupo, afastar as dificuldades, driblar as limitações... Muitos encontros e trocas de e-mails foram necessários para que três das quatro companheiras, motivadas pelos talentos que nos foram conferidos pelo Caminho de Santiago, resolvêssemos nos aventurar pelas plagas mineiras. E lá fomos: Leda, Maria Auxiliadora, Dôra pra nós, e eu, Maria Cecília, definindo roteiros. Pesquisas bibliográficas e contatos com o Instituto Estrada Real nos levaram a decidir por um trecho experimental. Assim começou a nossa aventura na Estrada Real.

Dôra, discreta nos anseios, mas firme nas decisões, aprofundou-se em estudos diversos sobre o assunto da nossa escolha. Leda, socióloga, professora universitária apo-

sentada, estudiosa pertinaz, que rapidamente se tornou nossa 'chefa' de Planejamento e Coordenação Geral, debruçou-se sobre planilhas, estudando mapas, dividindo trechos. Tomei para mim a tarefa de manter acesa a chama da motivação do grupo, desqualificando as possíveis dificuldades e apresentando alternativas possíveis, quando necessárias. De fato, priorizei a empreitada, pois confiava nela! Magali, distante fisicamente do grupo por morar no Estado do Paraná, e ocupada na ajuda com netos trigêmeos, sempre se mostrou presente na medida do possível, interessada pelos planejamentos e maravilhada com as concretizações.

Convencer Sonia a caminhar conosco não foi tarefa fácil. Além dos encargos oriundos de uma família numerosa, ela havia iniciado uma atividade profissional que não lhe permitia se encaixar na nossa agenda. Felizmente, sempre aparecem brechas quando a motivação é forte. Sonia, a narradora deste livro, pisou na estrada, superou limitações e descobriu o gosto de andar vinte quilômetros por dia neste 'mundão' de Deus.

Nessa aventura, tivemos a oportunidade e o prazer da companhia, em alguns trechos, de Regina, Vânia, Simone, Nair e até de uma jovem canadense que fazia intercâmbio no Brasil, todas emprestando ao grupo alegria, entusiasmo, conhecimento adquirido em outras caminhadas, solidariedade, apoio... Presença masculina? Sim, do Domingos, por apenas uma etapa. Domingos, amigo da família de uma das caminhantes, interessou-se pelo nosso projeto, arrumou sua mochila e partiu conosco. Discreto e muito bom companheiro, conferiu-nos força e confiança. Despediu-se da experiência, deixando-nos a leveza da sua breve companhia na estrada. Realce à integrante mais jovem, minha sobrinha Juliana, filha da Magali. Juliana é jornalista, recém-chegada de uma experiência de

cinco anos com uma mochila pela Europa. Enfeitou o grupo com sua jovialidade e graça. Ajudou-nos a rir e a sorrir para o mundo.

Sueli Marília Graeser Blaszyk, carinhosamente Sussu, chegou à Estrada Real já no Caminho de Sabarabuçu, feito por último, com muita chuva e barro, demonstrando uma garra que já era por nós conhecida. Correu firme de um rio ameaçador e carregou com ela, pelo caminho, um apoio forte e incondicional.

A experiência de vida que adquirimos ao fazer a Estrada Real é inenarrável; está entranhada em cada uma de nós. Passamos a ver e a ouvir aspectos que podem passar despercebidos até aos mais interessados viajantes. Afinal, sentir o chão, às vezes poeirento ou encascalhado, cruzar com gente da terra sorvendo suas experiências, alimentar-se acompanhado de quem preparou o alimento, vendo as labaredas do fogão à lenha, preenche o espírito aprendiz.

Somos, sim, aprendizes dos caminhos que nos emprestaram olhos para ver, ouvidos para sentir e sensibilidade para entender. Real foi e continua sendo a nossa estrada!

*Maria Cecília de Oliveira Salles Figueiredo,
'chefa' do grupo En beneficio de la salud*

Um pouco de História

(...) Logo uns homens se veem; que vão rompendo com intrépida força o mato horrendo; nus os braços e os pés, mal socorridos do necessário à vida, estão metidos por entre as feras e o gentio adusto, cada um, de si só, perdido o susto, se embosca ao centro dos sertões, se entranha já pelo serro, já pela montanha.

Poema Vila Rica, canto V - Cláudio Manoel da Costa

O termo **Estrada Real**, originalmente de natureza tributária, foi utilizado sobretudo a partir da primeira metade do século XVII pela metrópole portuguesa para designar vias abertas por índios e bandeirantes, que eram usadas pela Fazenda Real como postos de cobrança de impostos sobre circulação de ouro, diamantes, pedras preciosas, pessoas, gado e escravos que saíam ou chegavam a Minas Gerais. São quatro os principais caminhos históricos:

Caminho Velho: de Paraty a Ouro Preto.

Caminho dos Diamantes: de Ouro Preto a Diamantina.

Caminho Novo: do Rio de Janeiro a Ouro Preto.

Caminho de Sabarabuçu: de Barão de Cocais a Glaura.

Além da importância para o ciclo do ouro, a Estrada Real exerceu um papel importante no desenvolvimento político, cultural e socioeconômico do Brasil. Belíssimas cidades do Brasil colonial, verdadeiros cartões postais, encontram-se nessa rota, deslumbrando o viajante com inesquecíveis paisagens. A Universidade Federal de Minas Gerais, por meio do seu *Centro de Referência em Cartografia*, lançou a magnífica obra *Os Caminhos do Ouro*

e a Estrada Real, de onde retirei algumas citações que seguem. Para maior conhecimento do que foi o ciclo do ouro, recomendo a leitura desse estupendo trabalho:

Para a conquista, ocupação e exploração das riquezas desses sertões, fazia-se necessário o seu reconhecimento. Esse, por sua vez, iniciado a partir da segunda metade do século XVI, levou à construção dos caminhos para os recônditos sertões, ignotos e bravios, escondidos por detrás de muralhas de serras, presentes em boa parte do litoral brasileiro. (...) Fazendo, quando possível, proveito de antigas trilhas indígenas, os caminhos foram sendo construídos, mostrando estreita relação com a localização dos fabulosos depósitos de ouro e de diamantes, guardados nos sertões do Brasil, a leste ou a oeste da Linha de Tordesilhas. Como consequência deste movimento em direção ao interior desconhecido, os primeiros povoados foram surgindo em locais nem sempre muito adequados, bastando, para tanto, a expectativa de se encontrar prata, ouro e pedras preciosas. (p. 30)

Todo viajante que se dirigia às minas tinha que alcançar a Villa de São Paulo pelo Caminho do Mar a partir de Santos, e então tomava a direção da Mantiqueira, acompanhando o Parayba. (...) No início dos setecentos, essas dificuldades impostas pela mata e pelas serrarias foram finalmente vencidas com a descoberta de estreitas e profundas gargantas nas encostas das serras do Mar e da Mantiqueira. Cavadas por afluentes do rio Parayba, como as do Piabanha e do Paraibuna, essas passagens naturais permitiram que as minas fossem alcançadas também a partir do Rio de Janeiro. (...) Por conta de salvaguardar essas riquezas, estrangeiros foram impedidos de viajar pelo Brasil, ficando, assim, afastados da região das minas. (...) Já no início dos Oitocentos, com a transferência da Família Real Portuguesa e a abertura dos portos do Brasil às nações amigas, foi permitido

que um grande número de viajantes estrangeiros chegassem às áreas das minas. A partir dos relatos, mapas e pinturas gerados por esses viajantes – pesquisadores, comerciantes, religiosos, políticos ou engenheiros – foi possível tornar conhecido ao resto do “civilizado” a grande diversidade dos sertões brasileiros e em especial o das regiões das minas. (p. 42)

As tentativas em alcançar essa rica região concentraram-se, em um primeiro momento, nas Entradas, expedições oficiais baianas, seguidas pelas famosas Bandeiras paulistas. Essas incursões foram responsáveis pelas primeiras informações sobre a geografia do interior do Brasil (...). Bandeiras alcançaram Minas Gerais, Goiás e o Mato Grosso, a partir das capitânicas de São Vicente e do Espírito Santo. Entradas adentraram o território das minas gerais, principalmente a partir da Bahia. Do conjunto de Bandeiras paulistas e Entradas baianas, aquelas organizadas entre meados e o fim dos Seiscentos podem ser consideradas como sendo as demarcadoras dos caminhos para as Minas ou dos caminhos do Ouro e das Estradas Reais. No entanto, os viajantes dessas expedições não foram os primeiros a percorrer esses sertões, pois trilhas indígenas já se encontravam dispostas segundo o sentido dos cursos de água, atravessando os campos abertos ou aproveitando as gargantas naturais, que permitiam a passagem de uma bacia para outra. Dessas trilhas ou caminho primitivo dos índios dois merecem destaque: o primeiro é o chamado Caminho dos Guaianases que atravessa a Serra do Mar e os campos de Cunha alcançando Paraty. O outro, denominado Caminho dos Goitacases, demandava a região das minas a partir de bifurcação em Guaratinguetá, atravessando a serra da Mantiqueira pela garganta do Embaú. [Cruzeiro, S.P]. (p. 43)

Muitos desses caminhos utilizados por tropas foram, posteriormente, transformados em estradas de ferro; e outros, no século XIX, em estradas carroçáveis que deram lugar a rodovias no século XX. Em 2005, o empresário Eberhard Hans Aichinger, então diretor do projeto Estrada Real, do governo de Minas Gerais, concedeu uma entrevista ao Jornal Pam-

pulha (26/02/2005 C4) na qual ele trata da organização desse projeto pelo poder público estadual. Segundo ele:

Diversos fatores influenciaram positivamente no desenvolvimento do projeto Estrada Real e no turismo em Minas Gerais e no Brasil. Em janeiro de 1999, o governo de Minas Gerais cria a Secretaria de Estado de Turismo. Minas define, então, que o seu desenvolvimento turístico se dará através de circuitos. O Instituto Estrada Real também se dedica a estudos e conscientização das comunidades ao longo e no entorno da Estrada Real, em número de 162 municípios, incluindo também oito municípios no Rio de Janeiro e sete em São Paulo. Os empresários das indústrias, comércio e serviços começam a perceber as vantagens em se agregar ao desenvolvimento de um projeto desta envergadura. O presidente do Sistema Fiemg, Robson Braga de Andrade, entregou ao governador Aécio Neves o projeto Estrada Real já totalmente estruturado e com um levantamento feito dos seus 62 municípios mineiros e com um diagnóstico de desenvolvimento por regiões. O governador de Minas, entendendo esse grande potencial, incluiu a Estrada Real como um dos projetos estruturadores do turismo no Estado. Na mesma época, o presidente Lula criou o Ministério de Turismo e nomeou como ministro o deputado mineiro Walfrido dos Mares Guia, que colocou imediatamente a Estrada Real como um dos projetos prioritários de seu ministério. Em abril de 1993, o projeto Estrada Real é lançado oficialmente em São João Del Rei, numa parceria conjunta da Fiemg, Governo de Minas e Ministério do Turismo.

A seguir, apresento o texto de Felipe Rodrigues Machado, turismólogo do Instituto Estrada Real, no qual ele fala sobre a importância da Estrada Real nos dias de hoje e sobre o trabalho do órgão responsável pela gestão dessa rota turística.

Atualmente a Estrada Real (ER) ocupa o lugar de maior rota turística do país e é fruto de muito trabalho e dedicação de todos que fizeram e fazem parte dessa história. Desde 1999 o Instituto Estrada Real (IER), responsável pela gestão do projeto, vem trabalhando forte para promover o desenvolvimento do turismo ao longo dos caminhos, consolidando o destino com ações de divulgação, articulação e parceria com atores locais, poder público e órgãos ligados direta e indiretamente com o turismo.

A Estrada Real resgata as tradições do percurso, valorizando a identidade e as belezas da região, além de promover o desenvolvimento socioeconômico e a preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental.

Com a gestão do IER, o trabalho realizado na Estrada Real beneficia inúmeros municípios e diversas localidades. As atrações culturais, históricas, gastronômicas e naturais são cada vez mais apreciadas e visitadas por turistas de todo o mundo.

A sociedade vem buscando a cada dia um contato mais próximo à natureza, aumentando significativamente a visitação na Estrada Real. A crescente demanda requer planejamento e o dinamismo da ER proporciona novos desafios e, conseqüentemente, o desenvolvimento de projetos e ações relacionadas ao incentivo do turismo nas regiões. Os resultados alcançados são positivos e fazem da Estrada Real um destino consolidado no país. Organizar, fomentar e gerenciar um produto turístico com mais de 1.600 Km de extensão é uma tarefa desafiadora, ainda há muito trabalho pela frente.

Felipe Rodrigues Machado, turismólogo do Instituto Estrada Real





A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Fernando Birri

Capítulo 1

A Estrada Real me é apresentada • julho de 2002

De longe, eu acompanhava as aventuras das amigas pelo mundo, aproveitando, me-recidamente, suas aposentadorias. Foi quando, em julho de 2002, em uma semana de folga, juntei-me a um grupo que, sob o comando de Marcus Pavani e Cirlene, proprietários da empresa de ecoturismo Andarilho da Luz, caminhou sessenta quilômetros, de Diamantina ao Serro. A Andarilho da Luz, operadora de ecoturismo fundada em 1998 e sediada em Belo Horizonte, tem uma proposta de trabalho baseada no conceito de caminhadas ecológicas terapêuticas, visando propiciar a alegria, a contemplação, as percepções e a interatividade como instrumentos para uma vida melhor.

A nos acompanhar, a natureza rústica e deslumbrante do Maciço do Espinhaço. Sobre isso, recorro ao portal www.serradoespinhaco.com.br, co-fundado por Bernardo Puhler, músico e compositor que conheço desde garoto, no qual se lê:

Defendendo de maneira exclusiva a denominação de Cordilheira Brasileira, a Serra do Espinhaço começa agora, 300 anos dos primeiros relatos de naturalistas europeus, a ser foco de atenção e cuidado em todo o mundo. Foi justamente de um alemão, o geólogo Ludwig Von Eschwege, que ela recebeu este nome, numa referência explícita a sua pequena variação longitudinal: uma espinha, uma linha quase reta, apontando Norte-Sul, Minas-Bahia, Ouro Branco-Xique-Xique, conservando ao longo dos seus mais de 1000 km características semelhantes e absolutamente singulares. Uma ode ao endemismo, espécies únicas de um só lugar, e também um universo plural, repleto de diversidades e imponência. Para quem se inicia no assunto, a serra do Espinhaço pode ser melhor entendida por suas partes: Serra do Cipó, Chapada Diamantina, Serra dos Cristais, Serra de Ouro Branco, Serra Geral são alguns dos seus trechos popularmente conhecidos. Sim, o Espinhaço são todas essas montanhas, serras, montes, vales reunidos por um mesmo motivo natal: dobramentos geológicos acontecidos no final do período Proterozóico, ou seja, a

mais de 2,5 bilhões de anos. Hoje todo esse conteúdo resultou numa das mais belas paisagens do planeta Terra. São cachoeiras, rios, cânions, lagos e pequenos riachos, distribuindo, dividindo e abastecendo mais de 50 milhões de pessoas em todo o território brasileiro. E é exatamente por conta desta importância que nossos olhares devem estar ainda mais atentos para os iminentes riscos que a Serra do Espinhaço está sujeita. Superpopulação, mineração predatória, monoculturas e extração ilegal de plantas e animais despontam no pior cenário. O site www.serradoespinhaço.com.br é o esforço daqueles que respiram e se inspiram nas escarpas desta cordilheira. Por sua preservação, pelo cuidado com seus povos e sua história, e para que esta seja sempre a mágica e singular Cordilheira do Brasil.

Em vista do meu interesse pelo paisagismo, os campos rupestres que dominam a paisagem nesse trecho me chamaram a atenção: sempre-vivas, canela-de-ema, bromélias, a famosa *Paepalanthus*... A palavra 'rupestre' lembra, quase sempre a arte em desenhos e inscrições em cavernas feitas pelos primeiros habitantes, mas convém lembrar que o termo abrange, também, a flora.

1º dia: Diamantina > Pousada Recanto do Vale

Uma linda montanha e um riacho borbulhante, gostoso de ver e de ouvir.

O ponto de partida da caminhada foi o simbólico Mercado Municipal, belíssimo cartão postal de Diamantina. Era grande a nossa expectativa, o início de uma aventura junto a pessoas, na maioria mulheres, que estavam se conhecendo naquele momento.

Ao longo do trajeto, tivemos o apoio necessário da equipe da Andarilho da Luz para, com segurança e tranquilidade, fazer a travessia.

A majestosa presença do Pico do Itambé, um dos pontos mais altos da Serra do Espinhaço,

durante todo o trajeto foi, também no passado, referência para os tropeiros. A lua cheia cada vez mais clara ao lado do Itambé dispensou as nossas lanternas na chegada à Pousada Recanto do Vale, uma experiência emocionante para esta estrepante. A Pousada Recanto do Vale, uma antiga fazenda, estava muito bem administrada por dona Regina. Uma grande fogueira na entrada aqueceu nossos ânimos. A fogueira era um hábito cotidiano dos ranchos para receber os tropeiros que chegavam para o pernoite, quase sempre molhados e tiritando de frio. No jantar, comida boa feita no fogão à lenha; eu me sentindo como atropelada por um caminhão após vencer os 25 quilômetros no primeiro dia de caminhada. Após uma noite de sono reparador, o barulho de patos e perus, gansos e galinhas de angola me acordaram. Ao abrir a janela, deparei-me com uma linda montanha e um riacho borbulhante, gostoso de ver e de ouvir. Após o café da manhã, dona Regina, suas filhas, o administrador, todas as empregadas e o Bito, cabritinho de estimação, reuniram-se para a despedida. Foi uma festa!

*2º dia: Pousada Recanto do Vale › São Gonçalo do Rio das Pedras
Caldo de legumes, servido ao pé do fogão à lenha, e chá de erva cidreira!*

Feitos os alongamentos para a caminhada de 14 quilômetros até São Gonçalo do Rio das Pedras, partimos. Meu corpo doía, principalmente a panturrilha, e o sol inclemente castigava. A coluna, que era minha grande preocupação, aguentava bem no trecho de subidas fortes.

Antes da parada em Vau para o lanche, nos refrescamos em uma pequena cachoeira. Atravessamos o lendário rio Jequitinhonha, onde ainda vimos a prática do garimpo de maneira rudimentar, como era feito há tempos. O rio Jequitinhonha nasce na região da cidade do Serro, atravessa o nordeste de Minas Gerais e deságua no Oceano Atlântico,

em Belmonte, na Bahia. Percorre uma região que já foi considerada das mais pobres do Brasil, o Vale do Jequitinhonha, que hoje apresenta algum desenvolvimento e projeta-se como uma região promissora. Marcus Pavani, que continua promovendo o ecoturismo na região, disse: *Minha impressão é de que a região tem melhorado em vários setores, como comunicação, atendimentos públicos, fluxos de visitantes e acessos às tecnologias e informações. A pobreza é muito relativa e ampla. Aliás, vejo a região hoje muito mais como uma situação de simplicidade do que uma questão de pobreza. O maior empobrecimento que hoje me preocupa é o cultural - distanciamento das raízes.*

Chegamos na Pousada Refúgio dos Cinco Amigos, em São Gonçalo do Rio das Pedras

Um lindo Bougainvillea nos recebe.

Emoldurando a placa de 'Bem-Vindos', um lindo *Bougainvillea glabra* nos recebeu na entrada da Pousada. Mais popularmente conhecido como primavera, o nome foi dado pelo botânico francês Philibert Commerçon, membro da expedição do almirante Louis Antoine Bougainville, que descobriu a planta e homenageou o chefe.

A proprietária da Pousada, Anna Maria Kuhne é suíça e está no Brasil há muitos anos. Ela nos explicou que seria nesse trecho do caminho que encontraríamos o pouco do que sobrou do calçamento original da estrada. O lugar agradável contribuiu para o melhor entrosamento do grupo. Jantamos um gostoso caldo de legumes servido na cozinha, ao pé do fogão à lenha, e tomamos chá de erva-cidreira à vontade.

3º dia: São Gonçalo do Rio das Pedras › Milho Verde

E nos foi servido o tradicional cafezim com queijim.

Sem pressa, tomamos um café frugal e fizemos alongamentos na frente da pousada, com a bela igrejinha estilo barroco ao fundo e duas grandes paineiras (*Chorisia speciosa*). Juntaram-se a nós dois guias da região, o João e o Martins, este com carinha de menino; soubemos depois ser ele um poeta. Foram poucos quilômetros nesse dia, apenas duas horas de caminhada, e chegamos à Pousada do seu Josias Ferreira de Moraes. Milho Verde é distrito do Serro. Uma das justificativas para o nome se deve ao português Rodrigo Milho Verde, que ali chegou atraído pelo ouro. Almoçamos uma comida simples, mas saborosa, incluindo frango ensopado e ao molho pardo, ora-pro-nobis (uma folhagem comestível, bem popular entre os mineiros) e travessas e mais travessas de batata frita!

O jipe que nos levaria a *Ausente* enguiçou e não pudemos conhecer a figura lendária do senhor Crispim; então, rumamos para Capivari, onde o casal Marcus e Cirlene mantêm um trabalho de base comunitária em desenvolvimento naquela localidade, com distribuição de roupas, atendimento médico, dentário e aulas de preservação ambiental, com a colaboração de profissionais voluntários. Vimos de perto esse importante programa desenvolvido em Capivari. Conhecer aquela comunidade de pessoas simples, na maioria mulheres, catadeiras de sempre-vivas do cerrado, foi surpreendente. A rotina delas é sair de casa ao amanhecer e voltar ao final do dia com grandes braçadas de flores que, na época, eram exportadas para vários países, inclusive Japão. Muita pobreza, mas também muita hospitalidade. Na casa da dona Maria, irmã do seu Moraes, nos foi servido o tradicional *cafezim com queijim*. Tenho, até hoje, a nítida lembrança das mãos sofridas daquelas mulheres.

Momento raro de beleza que vivi, com as catadeiras de sempre-vivas de Capivari.



3º dia: ainda em Milho Verde

Prosa boa é que não faltou naqueles dias.

Após o café, saímos para conhecer o *Lajeado*. Passamos por uma caverna de pedra com mais ou menos 50 metros de comprimento, um ninho de morcegos. O lugar é lindo e perigoso. Foi necessário que nos arrastássemos no chão, evitando cair nos muitos poços de água que não sabíamos serem fundos ou não. O *Lajeado* constitui-se de uma grande passagem de pedra, quase plana, trabalhada pela água e pelo vento, água do mar, inclusive, e uma cachoeira espetacular. É um lugar ideal para ficar em silêncio, meditando, ouvindo somente o barulho do vento... o barulho da paisagem... A região é famosa pelas cachoeiras que estavam com pequeno volume de água devido à estação extremamente seca; mesmo assim, nos deliciamos com a água geladíssima. Após o almoço, na frente da pousada, acompanhamos a difícil tarefa de colocar uma grande pedra em pé onde havia sido afixado, em aço, o mapa da Estrada Real. Infelizmente, a tarefa não teve êxito e foi preciso amarrá-la até serem provi-

denciadas técnicas mais eficazes. Foi a primeira vez que vi toda a rota da Estrada Real e jamais poderia imaginar que, um dia, percorreria todos aqueles caminhos.

Ainda em Milho Verde conhecemos uma figura ímpar, a Cida, uma mulher muito especial conhecida de todos, de ascendência indígena e mãe de Maíra (nome dado em homenagem ao livro de Darci Ribeiro). Conta-se que ela chegou ao povoado ainda grávida e, encantando-se com o lugar, decidiu que ali viveriam. Conhecedora da utilização de ervas curativas, está sempre pronta a sair em auxílio às pessoas. Cida fazia deliciosos pães com ingredientes naturais e assim ganhava a vida. Fez sua casa com a ajuda da comunidade, e de qualquer cômodo da casa é possível acompanhar a trajetória do sol e da lua! Maíra, ainda garota, que hoje deve estar uma bela jovem, mostrou-se alegre e vivaz, conversou com todas nós com muita desenvoltura e interesse. Na verdade, prosa boa é que não faltou naqueles dias, assim como a boa e gostosa culinária mineira.

Na pousada, após o jantar, saímos para ver a lua que estava linda e inspiradora. Após um dia de atividades prazerosas, sem grande esforço físico fica a agradável sensação de leveza... Momentos mágicos!



o *Cirlene e eu.*

4º dia: Milho Verde › Serro

Um espetáculo inesquecível! Um final de dia perfeito!

De Milho Verde ao Serro foram vinte quilômetros de estrada de terra. Era sábado e haveria um *rally* de motos em Três Barras, com grande festa em honra a Nossa Senhora do Rosário. Engolimos muita poeira das motos que passavam e, também, dos muitos carros de apoio ao evento. Valeu cada quilômetro percorrido, toda canseira, calor e poeira e chegar à linda cidade de casarões do século XVIII, avistar a Igreja de Santa Rita de Cássia no alto de seus muitos (!) degraus e sermos muitíssimo bem recebidos por Lidiane na hospedaria Ares do Serro, um casarão do mesmo século, que providenciou uma boa massagista para nos aliviar as dores e o cansaço. A cidade do Serro foi uma das primeiras comarcas da Capitania de Minas Gerais, tombada pelo Patrimônio Histórico, rodeada por montanhas e onde se produz o famoso queijo, também um patrimônio imaterial de Minas Gerais. No mês de setembro acontece a Festa do Queijo, com degustação e palestras sobre o processo de fabricação.

Após saborear uma *pasta*, acompanhada de ótimo vinho, nos dirigimos para uma confluência de ruas onde acontece a tradicional Bolerata, que consiste na apresentação de uma orquestra com instrumentos tocados por crianças e adolescentes alojados nas sacadas do primeiro e segundo andares dos casarões. O maestro, posicionado sobre um tablado na rua, comandava o show. As pessoas, acomodadas ao redor, acompanhavam cantando, também, lindas e saudosas canções. Foi um espetáculo inesquecível! Um final de dia perfeito!

No dia seguinte, saboreamos um desjejum de hotel cinco estrelas, tanto na variedade de pratos quanto na beleza da apresentação. O mingau de milho verde, por exemplo, veio em tigelinha de porcelana sobre um pratinho enfeitado com flores, um luxo! E, evidentemente, não

poderia ter faltado o famoso queijo!

Um passeio pelos pontos atrativos do Serro nos permitiu uma visita ao passado. Conforme diz minha amiga Maria Bockerhoff: *deixar-se levar pelo fio condutor do passado pode ser uma fonte de descobertas!* Fizemos fotos na escadaria da Igreja de Santa Rita de Cássia, cartão postal preferido de todos. Vale ressaltar que são muitas as igrejas da cidade, como a Matriz de Nossa Senhora da Conceição; a Igreja do Senhor Bom Jesus de Matozinhos; a Capela do Menino Antônio; a Igreja de Nossa Senhora do Rosário; a Capela de São Miguel; e a Igreja de Nossa senhora do Carmo. Terminado o passeio, voltamos para Belo Horizonte.



*Igreja de Santa Rita.
Serro, Minas Gerais.*

Capítulo 2

*Trecho experimental de Bom Jesus do Amparo
a Senhora do Carmo passando por Ipoema*

• Grupo En beneficio de la salud • Dezembro de 2003

Entre março de 2003 e junho de 2004, Dôra, Cecília, Magali e Leda caminharam, em três etapas de cerca de uma semana cada uma, o Caminho da Fé. Entusiasmadas pela extraordinária oportunidade de vivenciar um Brasil amigo, hospitaleiro, solidário, bonito e decente, como o encontrado nas estradas e comunidades rurais, e nas adoráveis pequenas cidades do sul de Minas e São Paulo, elas se puseram a buscar novos roteiros, novos caminhos.

Morando em Belo Horizonte, foi natural para elas acompanhar o lançamento e os primeiros eventos associados ao projeto Estrada Real. Após os vários encontros e trocas de e-mails, estudos e planejamentos, conforme citou Maria Cecília no início deste livro, elas decidiram, em dezembro de 2003, fazer uma primeira exploração, escolhendo o trecho entre Bom Jesus do Amparo e Senhora do Carmo. Nessa primeira sondagem, somente Dôra, Leda e Cecília caminharam, fazendo o caminho no sentido inverso ao que fizeram quando, em 2005, iniciaram a caminhada em Diamantina.

As destemidas amigas foram, no carro da Leda, até Bom Jesus do Amparo. Lá, buscaram informações com um taxista, na praça principal. Esse senhor não apenas lhes deu as informações necessárias de como pegar a estrada à pé, como também ofereceu o terreiro da sua casa para que deixassem o carro estacionado e, no dia seguinte, ele iria buscá-las em Senhora do Carmo.

Não foram feitas anotações, mas elas se lembram de que no primeiro dia foram de Bom Jesus do Amparo até Ipoema, onde pernoitaram numa pequena pousada. O caminho era agradável, com pequenas fazendas, uma bela lagoa, uma capelinha rural. A amabilidade das pessoas locais já foram sendo notadas e as primeiras fotos, das centenas de outras que seriam feitas com essas pessoas, foram tiradas. Em Ipoema, uma bela vila

colonial, visitaram o Museu do Tropeiro e as Termas do Rei. No dia seguinte, seguiram para Senhora do Carmo, de onde telefonaram para o taxista de Bom Jesus, que foi buscá-las.

O poético nome Ipoema significa 'ave que canta', em língua indígena. A 82 quilômetros de Belo Horizonte, esse pequeno distrito de Itabira oferece ao visitante muita história, comida da roça no fogão à lenha, natureza bruta, cachoeiras (...). (Jornal "O Estado de Minas" 21/8/2005, p. 3)

Três episódios elas registraram na memória, de maneira especial. O primeiro foi uma manifestação de confiança da jovem que as recebeu na pousada em Ipoema que, ao ir embora, avisou: *Amanhã, joguem a chave por sobre o portão de serviço*. Simples assim! O segundo foi um espetáculo inusitado: à noite, após um breve passeio, voltavam para a pousada quando a cidade ficou às escuras. Tentaram comprar velas, mas elas haviam acabado, pois, segundo um morador, é comum ficarem sem energia. Aproveitando a claridade dos rápidos faróis dos carros que passavam, continuaram, até que, ao passar sobre uma ponte, viram centenas de vagalumes sobre o riacho, com seus intrigantes pisca-piscas. Foi um momento raro de encantamento, beleza e gratuidade... O terceiro foi a interminável ladeira na chegada à Senhora do Carmo, na hora mais quente do dia, em pleno verão. As mochilas pesavam, as botas também, o cansaço se apoderava das três...

Dada a importância do Museu do Tropeiro para a história do tropeirismo e da Estrada Real, transcrevo parte do excelente texto escrito por Eleni Cássia Vieira, diretora do Museu de 2003 a 2012.

A construção do Museu do Tropeiro de Ipoema

Distrito de Itabira – Estrada Real

O Museu do Tropeiro foi inaugurado em 29 de março de 2003. (...) A ideia nasceu com a passagem da Expedição Spix & Martius, em julho de 1999, comandada por Túlio Marques, da Tropa Serrana. (...) O chefe da Expedição, Túlio Marques, conhecendo o colecionador José Dutra, fazendeiro na cidade de Rio Vermelho, foi até ele e comercializou mais de 500 peças. (...) O Museu do Tropeiro de Ipoema recebe a herança e lhe confere novas formas de uso numa visão de ações compartilhadas. (...) O Museu do Tropeiro constitui espaço privilegiado à produção e reprodução de conhecimento, tendo a cultura como instrumento de trabalho. (...) Os grupos de manifestações culturais nada mais são do que parte constituinte de uma identidade cultural e fundamento de vida da comunidade.

O Grupo das Lavadeiras de Ipoema reconstrói o cotidiano e se identifica com os tropeiros na busca das águas. Mulheres, em sua vivência, trouxeram a salvaguarda da cantoria à beira dos rios. Relembrando o gesto do lava-roupas, dançam, cantam, homenageando, assim, às muitas companheiras de ofício que sabem que roupa suja se lava nos rios. Os Estaladores de Chicotes representam os tropeiros que, ao chegarem em vilas, cidades e povoados, e até mesmo nos ranchos, estalavam o chicote no chão como gesto de boas-vindas, sinal de comunicação repetido na hora da partida. Os Meninos Trovadores refletem a presença de cantadores, trovadores e poetas nas tropas. Crianças e adolescentes declamam poemas do poeta maior, o itabirano Carlos Drummond de Andrade, cujo olhar contemplou, com maestria, a cultura tropeira. Meninos do Berrante saúdam os tropeiros através dos boiadeiros, pois ambos, com modos de vida semelhantes, circulavam pelas mesmas estradas. As Pastorinhas de Ipoema, vestidas de azul e branco, cores da padroeira Nossa Senhora da Conceição, louvam em gestos, cantos e oferendas o nascimento do Deus-Menino. As apresentações ocorrem durante o Ciclo do Natal. Ao fim, o Trança- Fitas man-

tém a tradição, simbolizando a união dos povos. O Auto de Natal tem como tônica a religiosidade dos tropeiros, vivida pela comunidade. Trabalhar o artesanato teve como objetivo, além da identificação e valorização dos saberes e dos ofícios, ir além das ações de preservação. O desafio do projeto era o de criar oportunidades de geração de renda, incluir as potencialidades no mercado, elevando, assim, a autoestima da população. O projeto Bordadeiras das Quartas trouxe de volta as matriarcas da bordaria e, com elas, o fortalecimento da arte passada aos jovens, garantia e continuidade às gerações futuras. Por que Bordadeiras da Quarta? Tropeiros utilizavam a quarta como medida, além de ser o dia da semana para encontro na Rancharia do Museu. Quarta é medida da unidade e vem trabalhar a união. O Varal Literário, por meio da criatividade, estabeleceu o elo de interação entre comunidade, museu e escola. A busca dos estagiários do Internato Rural de Odontologia da UFMG, como parceiros, criou um diálogo permanente. Conseguimos atrair crianças com seus saberes espontâneos. Redações, poesias, desenhos colocados no varal da Rancharia mergulhavam de surpresas o olhar do visitante. (...) O Museu do Tropeiro, como lugar da coletividade, permite a chegada das transformações. Sugere uma obra não acabada, pois tem como perspectiva estar sempre aberto à construção. Algo, porém, não pode ser negociado e o tropeiro tão bem soube dizer: a identidade do homem.

Eleni Cássia Vieira

Rancho

Carlos Drummond de Andrade

Carga e cangalhas

Dormem solidariamente com os tropeiros.

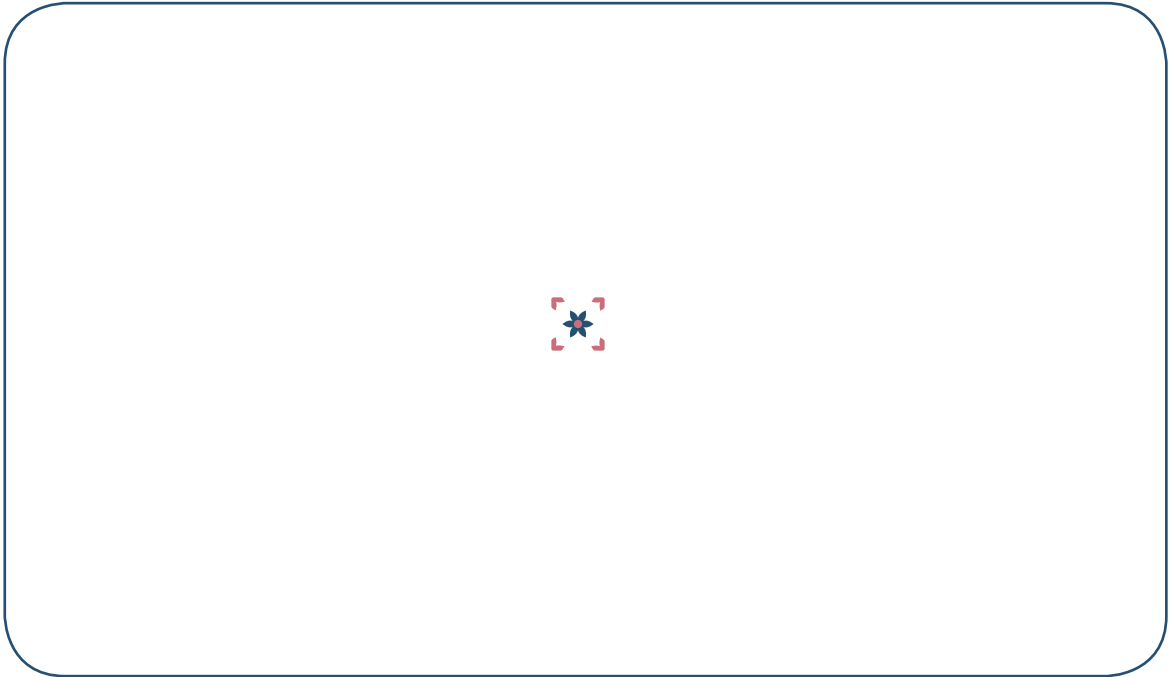
Homens, arreios, mercadorias

Não se distinguem uns dos outros

Confluídos no bloco noturno sem estrelas.

Viagem dormindo.





CAMINHO DOS DIAMANTES E CAMINHO VELHO

1ª Etapa: Diamantina ➤ Conceição do Mato Dentro

2ª Etapa: Conceição do Mato Dentro ➤ Bom Jesus do Amparo (Posto Campo Alegre) BR 381

3ª Etapa: Bom Jesus do Amparo (Posto Campo Alegre) ➤ Santa Bárbara

4ª Etapa: Santa Bárbara ➤ Mariana

5ª Etapa: Mariana ➤ Alto Maranhão

6ª Etapa: Alto Maranhão ➤ Lagoa Dourada

7ª Etapa: Prados ➤ Carrancas

8ª Etapa: Carrancas ➤ São Lourenço

9ª Etapa: São Lourenço ➤ Guaratinguetá

10ª Etapa: Guaratinguetá ➤ Paraty

CAMINHO NOVO

11ª Etapa: Ouro Preto ➤ Queluzito

12ª Etapa: Queluzito ➤ Ressaquinha

13ª Etapa: Ressaquinha ➤ Santos Dumont

14ª Etapa: Santos Dumont ➤ Simão Pereira

15ª Etapa: Paraibuna/Monte Serrat ➤ Rio de Janeiro

CAMINHO DE SABARABUÇU

16ª Etapa: Barão de Cocais ➤ Glaura

Capítulo 3

*Primeira etapa da Estrada Real - Caminho dos Diamantes
Diamantina ➤ Conceição do Mato Dentro - 142 km*

• *Abril/Maio de 2005*

O Anjo da Clareza

Quanto mais simples se torna a vida, mais nos voltamos para a luz interior que surge para orientar corretamente nossa ação. Isto é clareza, uma espécie de conhecimento interior que nos conduz com facilidade e leveza para o que é correto.

(Meditando com os Anjos, p. 26.)

1º dia: Diamantina > Pousada Recanto do Vale - 23 km

A melhor moldura para qualquer quadro!

Participaram dessa etapa Maria Cecília, Dôra e Leda. Sem mapas, planilhas, tampouco com os marcos sinalizadores que haviam sido instalados, as amigas utilizaram, nas primeiras etapas, as referências, de grande valia, feitas por GPS pelo Cláudio Leão.

Saindo da Pousada Vale dos Cristais, em Diamantina, a indicação era assim: Mercado Velho; Rua do Bonfim; Rua da Saudade; Quartel da Polícia Militar; Igreja da Consolação; Rua da Palha; início da estrada de terra, bifurcação – pegar à direita; bifurcação – pegar a principal; ponte sobre o Ribeirão do Inferno, etc, etc.

Apesar da preocupação em seguir as indicações, nem por isso elas deixaram de se empolgar com as montanhas da Serra do Espinhaço: *a melhor moldura para qualquer*

*O início da jornada.
Diamantina, Minas Gerais.*



quadro, conforme registraram no álbum, e as belas flores do cerrado.

Após a ‘segunda bifurcação’, pararam para um rápido descanso em área de repouso, com direito a ducha para refrescar os pés. Continuando o caminho, encontraram-se com o João do Nico, filho do Nico do Mercado de Diamantina. Com um dedo de prosa, ficaram sabendo que, de 1958 a 1960, houve a substituição das tropas por carros para o transporte de mercadorias levadas ao Mercado. Sempre dispensamos carinhosa atenção para com as pessoas que encontramos nos caminhos. Ouvir delas, memórias vivas, as histórias das localidades, é um constante aprendizado de civilidade.

No início da jornada, as amigas carregavam as mochilas pesadas e, naquele dia, o peso e o terreno muito íngreme as deixaram tão exaustas que foi necessário pedir a um motorista que passava o favor de levar as mochilas até a Pousada Recanto do Vale, onde pernoitariam, então já bem próxima. Logo em seguida, passou um ônibus indo em direção ao Serro e pediram carona. Carona mesmo, não lhes foram cobradas as passagens. Que sorte! Mal entraram na pousada e despencou um forte temporal. Seu Geraldo, empregado da pousada, já as esperava com franguinho caipira ao molho pardo.

Após o jantar, tiveram uma boa prosa com Renato, dono da pousada, e seu cunhado, o Orlando. Este, com fazenda na região, tinha gado nelore para a venda de bezerros. Renato também, na época, era dono do Hotel Serrano, em Belo Horizonte. Ambos dividiam o tempo entre as duas cidades.



Diamantina, o maior município do Alto do Jequitinhonha, situa-se junto à serra do Espinhaço, rodeado por montanhas e cortado por córregos que formam numerosas cachoeiras. A cidade surgiu em 1713 com o nome de Arraial do Tijuco (ou Tejuco), pelas mãos de bandeirantes cujas expedições procuravam ouro, prata e esmeralda. Para surpresa geral, no entanto, sua grande riqueza estava nos diamantes. As descobertas ocorridas desde 1719 fizeram com que em 1730 a Coroa Portuguesa estabelecesse o distrito Diamantino, impondo regulamentos severos à atividade mineradora, e em 1838 Diamantina se tornaria cidade, já com o nome atual. Com um importante conjunto de construções coloniais, do qual se destacam igrejas barrocas e belos casarões, a cidade foi declarada Patrimônio Cultural Mundial pela Unesco em 1999. (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 26)

2º dia: Recanto do Vale › Milho Verde - 16 km

Costelinha de porco, mamão refogado, salada e angu!

A primeira providência do dia foi arranjar um cabo de vassoura para substituir o cajado da Dôra, esquecido na estrada depois da prosa com o João do Nico.

A chuva continuava forte, mas as amigas, sem hesitar, pegaram a estrada. Fizeram uma rápida parada em Vau, onde usaram banheiro público, limpo, e avistaram uma linda cachoeira com piscina natural. Ah, se não fosse a chuva!

Ainda em Vau, conheceram o seu Rodolfo Lautner, ex-professor de Ciências em Diamantina e um estudioso da Bacia do Jequitinhonha. Rogério, seu filho, trabalhava com

programação visual e estava mapeando trilhas e fazendo roteiros, a fim de acompanhar turistas nos finais de semana. Eles as convidaram para almoçar num bar próximo, onde, disseram, serviam uma ótima refeição com costelinha de porco, mamão refogado, salada e angu; mas, ainda era cedo. Agradeceram e se despediram.



As impressões de Saint-Hilaire acerca do consumo da carne de porco na dieta dos mineiros parecem estar corretas: os bois eram utilizados para tocar os engenhos no transporte de mercadorias e no dia-a-dia das fazendas; as vacas serviam para dar cria e produzir leite, essencial na dieta dos mineiros e na produção dos queijos; o gado mais novo era comercializado e tinha destino certo, especialmente os mercados da Corte. Os fazendeiros só se desfaziam das vacas quando estavam muito velhas e não podiam procriar; os porcos não se destinavam apenas ao consumo interno das fazendas, o toucinho constituía um valioso ramo do comércio que estreitava as relações entre a comarca do Rio das Mortes e as províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo. (*Elites Regionais e a Formação do Estado Imperial Brasileiro*, p. 118)

Podemos completar as observações de Saint-Hilaire lembrando que, no passado, era comum as famílias morarem em casas e poderem manter um chiqueiro no quintal, engordando alguns porquinhos para consumo próprio.

Após esse agradável descanso, de novo pé no caminho, num longo trecho de subidas fortes, o grande canyon e a velha ponte sobre o rio Jequitinhonha.



Ponte sobre o rio Jequitinhonha

Ao retomar o rumo de São Gonçalo do Rio das Pedras, as amigas foram surpreendidas com um carro do modelo Gol que parou e o motorista gritou: *Parem e abaixem a cabeça!!!* Eram Túlio Marques, Lulu e Rodolfo, empreendedores, guias turísticos e jornalistas. Disseram ser os idealizadores da Estrada Real e faziam viagem de reconhecimento do trecho para trabalho de divulgação. Por um breve período, eles e as caminhantes se engajaram numa conversa sobre o projeto da Estrada Real. Túlio criticou aqueles que queriam fazer da Estrada Real algo semelhante ao Caminho de Santiago.

Chegando em São Gonçalo, elas passaram no Refúgio dos Cinco Amigos para conhecer Anna Maria Khune, que juntamente com seu ex-marido fundou a Associação dos Artesãos locais; os dois mantinham uma Organização Não Governamental (ONG) na qual meninas teciam tapetes tipo arraiolo e *killim*, além de realizarem outros trabalhos. Mantinham, também, um coral de crianças. Anna Maria disse que para custear essas atividades eles recebiam ajuda financeira de outros países.

Almoçaram, no restaurante da Cida, um farto prato com arroz, feijão, quiabo, angu, bife de boi, salada de agrião, farofa de cenoura e marmelada! Tudo acompanhado de uma boa cerveja. Além do saboroso almoço, Cida providenciou que seu marido levasse as mochilas de carro até Milho Verde pela quantia de R\$ 15,00!

Mesmo sem as mochilas foi difícil vencer os seis quilômetros até Milho Verde. O almoço pesava, com certeza. Dali em diante decidiram fazer apenas um leve lanche, e refeição mesmo só no final da caminhada do dia.

Chegando a Milho Verde, a primeira impressão da Leda foi de um povoado praiano sem mar, um *linguição*. Após entrarem na cidade, ainda tiveram de caminhar dois quilômetros até a pousada onde se hospedaram.

No jantar, foi servido espaguete com tomate e manjeriço acompanhado de boa cerveja que foi bebida enquanto conversavam com Janduy, moveleiro do Serro e amigo das donas da pousada, Margot e Gaia. Ele falou sobre as dificuldades das pequenas empresas locais. Depois do farto jantar, e da prosa, foram dormir.

3º dia: Milho Verde › Serro - 27 km
É limpinho porque é o lazer da pobricidade.

Após aquela orgia gastronômica da véspera, o sono foi pesado. As amigas acordaram tarde, depois das 7 horas, mas sentindo-se muito bem para a jornada do dia. Janduy, o anjo* do dia, levaria as mochilas para o Serro e, na eventualidade de precisarem, as apanharia no caminho. Caminharam tranquilamente por nove quilômetros até o povoado de Três Barras. Entrando no povoado, depararam-se com muitas pessoas nas ruas, principalmente crianças. Era domingo. Um senhor se ofereceu para guiá-las até o Poção, atração do lugar, e comentou: *É limpinho porque é o lazer da pobricidade.*

Continuaram rumo ao Serro em estrada de terra com pouco trânsito e muitos morros. Não tiveram dúvidas em pegar carona com o providencial Janduy, que vinha no seu carro Fusca com as mochilas. Ele as deixou na entrada da cidade e, assim, com as pesadas mochilas nas costas, ainda tiveram que fazer um bom pedaço de chão, percorrendo

.....

* Anjo: pessoa facilitadora encontrada nos caminhos; capaz de remover obstáculos e fornecer ajuda em momentos difíceis. As participantes do grupo foram, a cada caminhada, introduzindo palavras e expressões em suas conversas, que eram logo aceitas e usadas pelas demais, passando a constituir um vocabulário próprio, com significações e/ou aplicações distintas do uso padrão, daí o sentido de iconoclástico. É o caso da palavra anjo, usada acima.

todo o núcleo urbano do Serro em suas ruas de asfalto mal conservado, muita sujeira e pobreza urbana.

Leda observou a diferença entre o Serro e as cidades do mesmo porte encontradas no sul de Minas, por onde passaram quando fizeram o Caminho da Fé. Para compensar, o centro da cidade é lindo. Tombado pelo IPHAN, os casarões assobradados, com inúmeras janelas, no estilo colonial do século XVIII, estão muito bem preservados. Chega a ser uma visão romântica o casario enfileirado com as sacadas em gradil de ferro compostos de lindos arabescos, as fachadas em coloridos azulejos, os telhados com eiras e beiras... A imaginação voa para o passado!

Prestigiando a chefe de cozinha de Belo Horizonte, Dona Lucinha, nascida naquela cidade, as amigas almoçaram no Restaurante Itacolomi a famosa comida mineira. Mais tarde, devidamente instaladas na Pousada da Tuca, uma bucólica chácara com um pequeno rio na frente, passaram a programar o dia seguinte para Itapanhoacanga, distante trinta quilômetros do Serro, trecho muito longo para um dia. Contaram, então, com a ajuda do Marcelo, filho da Tuca e vereador da cidade na época, para se informar sobre ônibus, táxis ou algum outro tipo de transporte complementar. À noite saíram para lanchar em um *trailer* e depois foram até a Pousada do Príncipe conhecer a Movelaria do Janduy, achando interessante o fato de as pessoas dessas pequenas cidades se envolverem em vários segmentos do comércio local. No café da manhã, na pousada cheia, com funcionários públicos e empregados de empresas ali hospedados, um deles, do Instituto Estadual de Florestas, observou que se mais pessoas se habituassem a caminhar, como elas, os hospitais ficariam vazios. Nós também pensamos assim.

Casario do Serro. ◦



Nas vertentes da Serra do Espinhaço, a paisagem montanhosa de Serro é marcada por acidentes importantes, como o pico do Itambé e os planaltos por onde correm as águas que formarão o rio Jequitinhonha. Nessas terras, recobertas por campos rupestres e trechos de cerrados, recortadas por riachos, córregos e cachoeiras, repleta de bromélias e orquídeas, nasceu o Arraial do Serro Frio, fundado pela expedição de Antônio Soares Ferreira e seu filho João Soares Ferreira, em 1702. O ouro facilmente encontrado nas cabeceiras do rio e de seus afluentes atraiu muita gente à região. Em 1714, Lavras Velhas do Serro era elevada à categoria de vila, com o nome de Vila do Príncipe do Serro, tornando-se cidade do Serro em 1838. (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 34)

4º dia: Serro › Itapanhoacanga - 27 km

Paciência, e a certeza de que tudo vai terminar bem.

Seguindo a sugestão do Marcelo, elas pegaram um ônibus para fazer parte do trecho. A caminho do ponto do ônibus, foram observando o movimento de pessoas numa segunda-feira de manhã e duas coisas chamaram a atenção delas: o grande número de pessoas nas portas das vendas e um enterro sendo acompanhado a pé. Viajaram no ônibus cerca de 14 quilômetros até o distrito de Mato Grosso, onde desceram e começaram a caminhada. Cruzaram com uma moça, Regina, que as reconheceu. Ela havia visto o grupo nas imediações da Pousada Recanto do Vale e ficou feliz em revê-las. Disse que gostaria de caminhar assim, mas... Esse tipo de comentário ouvimos muitas vezes: *Gostaria muito, mas...*

No início a caminhada foi leve, em estrada reta, bem arborizada e sem pedras, o que permite uma caminhada tranquila, pode-se conversar mais, sem muita atenção ao caminho. Mas, o sol foi esquentando, o desconforto aumentando e a água quase acabando. Alguém havia informado que elas passariam por um bar, um bar que não chegava nunca. Nesses momentos dá uma certa ansiedade e é hora de observar uma das mais importantes lições do caminho: ter paciência e a certeza de que tudo vai terminar bem. Finalmente elas avistaram o bar para uma 'parada técnica' e o abastecimento das garrafas de água.

Caminharam doze quilômetros, sendo os últimos três compostos por morros de onde avistaram, ainda distante, o povoado no grande vale. A beleza da paisagem, nessas ocasiões, é de tirar o fôlego. Literalmente, devido ao esforço da subida e pela extensão da vista, o próprio horizonte sem fim, deslumbrante! Ao chegarem em Itapanhoacanga, chamaram a atenção das crianças, em horário de recreio escolar, que disputaram um es-

paço na cerca da escola para ver as andarilhas. Pararam na Pousada da Marilda, que logo foi reclamando da falta de hóspedes.

Naquele ano, no mês seguinte à passagem delas, foi realizada uma homenagem ao nosso ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, com a apresentação de grupos de serestas que lembraram antigas modinhas, bem ao gosto do criador de Brasília. O evento, que teve patrocínio obtido por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, foi extensivo a várias cidades do circuito da Estrada Real, com o objetivo de divulgar e incrementar o turismo. (Jornal 'O Estado de Minas', 14/7/2005, p. 27)

Depois de se acomodarem nos apartamentos, elas se dirigiram à casa da dona Valdelice para o almoço. Enquanto este era preparado, foram no bar do Preto tomar cerveja. Além de servir a cerveja bem gelada, Preto deu todas as informações para a jornada do dia seguinte, até Tapera. Naquela época, as referências sobre a Estrada Real eram insignificantes, sendo, portanto, as informações do *local people** da maior relevância. Finalmente, dona Valdelice lhes serviu o farto almoço, que constava de arroz, feijão, peixe frito, batata frita, carne cozida, salada de tomates, couve da própria horta, doces de manga e de banana, e cafezinho coado na hora. Um banquete! Ah! O prazer contido nessas refeições simples, mas bem preparadas, é indescritível!

De volta à pousada, se surpreenderam com a beleza da piscina, sauna, ótimos apartamentos com TV e um bazar com artigos referentes à Estrada Real. No final da tarde, deram uma voltinha pela cidade e fizeram uma visita à igreja. Antes de dormir, tomaram chá de erva cidreira com rosquinhas.

.....

* *Local people*: população local; nativos da terra.



Pouso de tropeiros e refúgio de escravos, devido à localização em terrenos elevados, chamou-se Pouso Alto. Desmembrado de Diamantina, tornou-se município de Presidente Kubitschek em 1962. Um próspero povoado na época da mineração, mas com o esgotamento das jazidas, Itapanhoacanga entrou em decadência já no início do século 19. Distrito de Alvorada de Minas, é muito procurado por turistas em busca de belezas naturais, vida simples e a hospitalidade interiorana. (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 40)

5º dia: Itapanhoacanga › Córregos - 23 km

Olha o marco aí, gente!

Saindo de Itapanhoacanga, a paisagem, como na véspera, continuou maravilhosa. Devido aos morros a vista é de 360 graus! Felizmente as mochilas já estavam a caminho de Tapera, próxima parada para descanso, levadas na moto do irmão do Preto, Caquinho, que cobrou R\$30,00 pelo transporte.

Após oito quilômetros, as amigas chegaram à Escadinha para o *preventivo**, mas o bar, único do lugar, estava fechado. Célia, uma moradora local, ofereceu o banheiro da própria casa e deu água para que elas bebessem. A prosa foi ficando boa e outras mulheres foram se juntando. Dona Ana, 77 anos, secava farinha de mandioca sobre uma lona preta. Nascida e criada no povoado, disse ter boa saúde, mas *exés de trabaio*. Todas elas

.....

* Preventivo: providência para uso do banheiro, quando disponível.

queriam saber sobre a Estrada Real, se poderiam esperar melhorias para o lugarejo.

Continuando rumo à Tapera, ainda enfrentaram longas subidas, a grande serra, conforme dissera dona Valdelice. Estavam muito cansadas quando Caquinho passou por elas transportando as mochilas. Alguém teve a ideia de pedir a ele que, na volta, lhes trouxesse um refrigerante bem gelado... Foi aí que começou o hábito da bebida bem gelada para aliviar o cansaço. Revigoradas, começaram a longa descida da serra. Ainda do alto avistaram o povoado de Tapera. Parecia perto, mas ainda faltavam dois quilômetros de declive forte. Tapera lhes pareceu um bonito povoado, com avenida arborizada e uma bela igreja colonial. A indicação dada pelo Preto era de parar no bar do Baixinho. Como este não se encontrava, sua mãe providenciou o almoço para a turminha. Após o almoço, fizeram o já rotineiro city tour* e, conversando com alguns moradores, ficaram sabendo que a bela igreja fora construída pelos bandeirantes.

Elas deveriam caminhar até Córregos, mas a tarde avançada, o calor forte e a certeza de topografia elevada fizeram com que elas decidissem por uma condução. Conversaram com Flávio, diretor da escola local, um entusiasta na luta por melhorias, tanto na escola como no povoado. Foi difícil convencê-lo de levá-las até Córregos, pois ele expressou que gostaria muito que elas pernoitassem em Tapera. Finalmente ele se rendeu e as levou em sua caminhonete Saveiro.

Olha o marco aí, gente! Pela primeira vez, elas encontraram um marco da Estrada Real. Esses marcos são feitos em concreto, pesam 440 quilos cada um. Além do mapa simbólico da estrada, placas com inscrições identificam onde o caminhante está, informando

.....

* *City tour*: passeios pelos povoados ou cidades para reconhecimento.

a quilometragem de onde saiu e o próximo local a chegar. Também traz inscritos pequenos textos históricos relativos à região e um número de telefone para emergência. Infelizmente encontramos muitas dessas placas arrancadas ou amassadas. Estava prevista a colocação de 1.926 unidades ao longo dos 1,4 mil quilômetros do roteiro.

Viajaram sentadas na carroçaria da caminhonete e Leda teve o desprazer de ter sua nova calça de caminhada manchada por chiclete. A tal calça continuou sendo usada e a marca do chiclete só saiu muitos anos e caminhadas depois. Foi uma marca do caminho.

Em Córregos foram recebidas na casa dos moradores Dona Marilac e seu Renato, já habituados a hospedar caminhantes desde que a pousada de Córregos deixou de funcionar. Um casal simpático, acolhedor, casa boa em estilo antigo com um grande quintal. No fogão à lenha, perto da boca do fogo, havia um banquinho para 'quentar' os pés e foi ali que Leda se alojou para tomar café com mandioca cozida e, no jantar, sopa de macarrão com legumes, doce de leite, doce de figo e suco.

Córregos é distrito de Conceição do Mato Dentro e, segundo dona Marilac, muitos grupos de caminhantes já haviam passado por lá. Ela citou o Bispo Emérito Dom José Maria Pires, ali nascido, e o muito que realizou em benefício do povoado, como a instalação da fábrica de polpas de frutas, possibilitando empregos e um espaço para cursos diversos.

Os moradores de Córregos fazem uma tradicional caminhada anual até o Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, para a qual as caminhantes foram convidadas. Essa caminhada faz parte do jubileu anual do Santuário de Bom Jesus do Matosinhos de Conceição do Mato Dentro. Esse monumento sacro tem mais de 225 anos, e o jubileu, evento de maior importância na cidade, ocorre entre os dias 13 e 24 de junho. É, com certeza, por ocasião das festividades religiosas, que o turismo tem seu maior foco. Contudo, durante

todo o ano, fiéis e devotos do Bom Jesus visitam o Santuário em busca de milagres, numa manifestação de fé.

Outra moradora, dona Odete, acompanhou as caminhantes até a igreja, e lhes deu detalhes da imagem de Nossa Senhora Aparecida dos Córregos, branca, em estilo barroco, que foi trazida pelos portugueses no século XVIII.

6º dia: Córregos › Conceição do Mato Dentro - 26 km

Em certo ponto, toparam com alguns búfalos e touros.

A volta para Belo Horizonte estava prevista para aquele dia. No entanto, elas caminharam ainda um bom trecho na estrada pela qual passaria o ônibus que deveriam pegar. Em certo ponto, toparam com alguns búfalos e touros. Cecília, assustada, se negava a prosseguir. Esperaram um tempo até que os ditos cujos se movimentassem e deixassem de ser uma ameaça.

Já estavam bem aquecidas na caminhada quando passou o ônibus que as levou até a rodoviária de Conceição de Mato Dentro. Lá, o ônibus para Belo Horizonte, por sorte, já estava estacionado. Embarcaram rapidamente, chegando em suas casas na hora do almoço.



Quando os bandeirantes chegaram aos contrafortes da serra do Espinhaço, encontraram uma região habitada por índios Botocudos. Ao se depararem com as riquezas do solo, os aventureiros se instalaram, erguendo uma capela em honra de Nossa Senhora da Conceição, em 1702. Com a abundância do ouro, a população cresceu e o povoado situado às margens do ribeirão Santo Antônio e seus afluentes, tendo a serra do Cipó a oeste, desenvolveu-se, tornando-se uma das mais belas vilas da região. Com o declínio da mineração, os moradores passaram a se dedicar à subsistência, isolando a vila em relação dos maiores centros. Ao fim de uma estrada que serpenteia pela serra do Cipó, em meio ao verde, às flores e aos pássaros, Conceição do Mato Dentro surge com seu casario colonial e antigas igrejas em estilo barroco. Região divisória das bacias dos rios São Francisco e Doce, apontada como uma área de importância biológica, resguarda os raros ecossistemas da cadeia do Espinhaço. Para garantir a integridade dos seus recursos, a Prefeitura criou o Parque Municipal Ribeirão do Campo, a APA Serra do Intendente e o Parque Municipal do Salão de Pedras. Numerosas quedas d'água e corredeiras compõem o cenário desses locais. (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 42)

Capítulo 4

Segunda etapa da Estrada Real – Caminho dos Diamantes

Conceição do Mato Dentro ➤ Bom Jesus do Amparo

(Posto Campo Alegre), BR 381 - 113 km

• Outubro de 2006

O Anjo da Positividade

Essa positividade não se contrapõe à negatividade; simplesmente a transforma e possibilita que tenhamos uma visão clara e uma ação correta.

Ser positivo é saber que a energia é de acordo com o que pensamos ou sentimos. Se escolhermos o caminho de criar, aqui e agora, realidade mais apropriada e bela, a energia responderá. A luz da positividade passa pela menor fresta da nossa consciência e se apressa em revelar um caminho para o bem de todos
(Meditando com os Anjos, p. 34)

Entre os dias 2 e 5 de outubro de 2006, as caminhantes retornaram à Estrada Real: Maria Cecília, Leda, Dôra e Regina Campos, pela primeira vez fazendo um trecho da etapa. Em *e-mail*, Cecília fala dos preparativos para a viagem:

Oi amigas! Fica então decidido que, em benefício da vida e da saúde, vamos nos equipar e sair por aí em busca de nós mesmas e do ar livre a que temos direito! De 1 (ou 2 /10, bem cedinho) até o dia 05 ou no máximo dia 06 em casa, para equilibrar gregos e troianos... Conversei com Dôra pelo telefone, que acredita que podemos sair e ir acertando os detalhes no caminho. Que tal a inovação? Sem a necessidade de nos encontrarmos antes para economizar o tempo, que está sendo curto para as três aposentadas, nem tanto vagabundas*. Que tal sairmos direto de BH para Conceição do Mato Dentro? Se for possível e agradar a todas, quando Dôra voltar da viagem, ela já compra as passagens. Podemos ir nos acertando pelos e-mails, ok? Beijos e abraços,

Maria Cecília.

A partir desse trecho, Leda passou a ser a responsável pelo planejamento das viagens, enquanto Cecília cuidava da mobilização e orientação geral para as etapas da caminhada. Por isso, na brincadeira que refletia um trabalho sério, Cecília se tornou a chefe geral e Leda a chefe de planejamento e coordenação geral. Esses cargos permaneceram ao longo das viagens e outros foram criados, com maior rodízio entre as participantes, como tesoureira e secretária.

.....

* Uma alusão às palavras do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, referindo-se às pessoas que se aposentavam.

1º dia: Conceição do Mato Dentro > Morro do Pilar - 25 km

Uma casa grande, antiga, cheia de retratos dos familiares.

Na manhã de 02 de outubro, as caminhantes saíram de Belo Horizonte e, chegando na rodoviária de Conceição do Mato Dentro, foram almoçar.

Em seguida, procuraram o Júnior, taxista e dono do posto de gasolina, seguindo recomendação do doutor Raul, colega de trabalho da Cecília e médico dos filhos dela, nativo e entusiasta de Conceição do Mato Dentro, já falecido.

O Júnior as deixou na metade do caminho, na direção do Morro do Pilar. Leda registrou que foi necessário esse suporte com o carro porque o caminho é cheio de morros, muito íngremes. Afinal, estamos em Minas e Morro do Pilar está a vinte e cinco quilômetros de Conceição do Mato Dentro.

No caminho para Morro do Pilar, Regina e Dôra.



Elas seguiram as planilhas do caminhante Cláudio Leão, do Morro do Pilar para Conceição do Mato Dentro, mas no sentido inverso à caminhada feita por ele e por seu amigo Antônio Gil.

Cláudio Luís de Carvalho Leão e Cláudio Antônio Gil dos Santos, juntos, percorreram, a pé, em uma única jornada de 39 dias, 1.410 quilômetros da Estrada Real, em fevereiro de 2002. Eles tiveram o apoio do Instituto da Estrada Real para realizar esse projeto que foi chamado de *Caminhantes da Estrada Real*. Na preparação do projeto, fizeram um levantamento de mapas (geográfico, topográfico e rodoviário) e, durante a caminhada, utilizaram GPS (*Global Positions System*). Esse projeto, de grande sucesso, abriu a possibilidade para novos caminhantes se aventurarem a pôr os pés no caminho, como nós.

Em Morro do Pilar, as caminhantes se hospedaram numa pensão/pousada bem central, da dona Maria Matos. Uma casa grande, antiga, cheia de retratos dos familiares. O jantar foi no único restaurante do pequeno lugar. A lembrança que ficou, bem desagradável, foi do som ligado muito alto em um carro estacionado na frente do restaurante e bem próximo da pousada. Isso é comum em muitas cidades desse interior de Minas, e ali não foi diferente. Sentindo-se incomodadas, pediram ao dono do carro que abaixasse o som, mas ele preferiu ir embora.

O doutor Raul sugerira, também, que, se precisassem, procurassem pelo Valdo, dono de uma padaria e de fazendas na região de Morro do Pilar. Ele foi o anjo delas no dia seguinte.



Em vez de esmeraldas, a expedição de Gaspar Soares encontrou ouro. Foi em 1701, em um lugar chamado Alto da Canga. Quase dez anos mais tarde, construiu-se uma capela dedicada a Nossa senhora do Pilar, em torno da qual formou-se o arraial. As explorações duraram quatro décadas, até que um desmoronamento, no qual morreram dezoito escravos, paralisassem a mineração. Com a morte de Gaspar Soares, o povoado entrou em decadência. Em 1809, o intendente Manoel da Câmara Bittencourt e Sá instalou no Morro do Pilar, ou Morro de Gaspar Soares, a Real Fábrica de Ferro, que em 1814 conseguiu produzir ferro líquido pela primeira vez no país. A localidade foi desanexada de Conceição do Mato Dentro, tornando-se município em 1953. (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 44)

2º dia: Morro do Pilar › Itambé do Mato Dentro - 35 km

As soluções vão aparecendo antes dos problemas.

Valdo as levou na caminhonete por mais ou menos dez quilômetros até a ponte do Córrego do Funil. Dali, elas seguiram a pé por vinte quilômetros. Na planilha está registrado: *Percurso difícil, em estrada de terra e sinuosa. Muitas subidas e descidas íngremes.* Nessas situações, é necessário mais atenção ao caminhar. Quanto mais difícil o trajeto, mais lindas são as paisagens... Uma bela compensação. No entanto, as caminhantes sofreram bastante com o calor e, ainda, ficaram sem água. Um motorista que passava, Dênio, as viu caminhando, foi a Itambé e voltou trazendo água! Que bênção, que alívio! Posteriormente, elas ficaram sabendo que ele tinha parentes caminhantes que estavam

justamente fazendo aquele trecho da Estrada Real e dirigia o carro de apoio para o grupo. Eram eles Rigollo, Vô Gil, seu filho Beto, e também o Toninho, irmão do seu Gil. Foram os primeiros e talvez os únicos caminhantes da Estrada Real, como elas, encontrados nas dezenas de outras viagens. Uma raridade, portanto! Ficaram amigos solidários, como costuma acontecer entre caminhantes.

Dênio lhes indicou a Pousada Cachoeira do Itambé. Segundo a Leda, *chiquérrima e longérrima*, uma pousada para turistas que chegam de carro. A cidadezinha de Itambé do Mato Dentro as encantou: agradável e muito florida em sua área central. Jantaram no restaurante Alternativo, da Mirna, e de volta para a pousada, não descartaram a carona do *santo* Dênio. Ficaram, então, conhecendo um dos caminhantes, Rigollo, que já foi se oferecendo para levar as mochilas delas no dia seguinte para Senhora do Carmo e deixá-las no restaurante da Efigeninha, já conhecida da turma na primeira caminhada experimental que haviam feito. Não é incrível? As soluções vão aparecendo antes dos problemas!



(Itambé do Mato Dentro). Data de fins do século 12 a origem do povoado fundado pelo bandeirante Romão Gramacho, que edificou uma capela a Nossa Senhora das Oliveiras. O nome Itambé (“pedra afiada”, em tupi), é uma provável referência ao pico do Itacolomi do Itambé. Município desde 1962, quando foi desmembrado de Santa Maria do Itabira, já pertenceu a Itabira e Conceição do Mato Dentro. Sua população dedica-se à agricultura, além da pecuária desenvolvida no entorno do relevo montanhoso que abriga suas belezas naturais. (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 56)

3º dia: Itambé do Mato Dentro › Senhora do Carmo - 16 km

Um presente do caminho: um rocambole!

Depois de um farto café, despediram-se de Regina, que voltou para Belo Horizonte. Feliz com a experiência, ela voltaria a se juntar ao grupo em outras etapas.

A previsão da caminhada do dia era um percurso em estrada de terra com subidas moderadas. A jornada de 16 quilômetros foi tranquila. Estrada linda, um presente do caminho: um rocambole!* Esse termo foi dito pela Cecília e se tornou mais uma expressão do nosso vocabulário iconoclástico.

Nessa segunda etapa, os marcos da Estrada Real já estavam colocados e passaram a ser um evento especial: a parada para ler as inscrições, comentar, descansar, fotografar. Num marco, fotografado, estava escrito:

(seguimos) caminho para o Rio das Onças, que é todo circundado de altas matas. Papagaios e macacos, sobretudo o sagui-chico, enchem essas selvas com o seu vozerio – Spix & Martius em “Viagem pelo Brasil”, 1817.

Algumas palavras estavam riscadas por quem não tem o que fazer, uma lástima. Tão logo foram colocados os marcos da Estrada Real, como tantas placas e equipamentos públicos por esse Brasil afora, já estavam vandalizados.

Senhora do Carmo é distrito de Itabira e pareceu, para elas, ser um dos povoados mais lindos da Estrada Real até então. Visitaram a Pousada dos Neves, que promove passeios nas

.....

* Rocambole: caminho plano, sombreado, ameno, sem dificuldades.

cachoeiras. Fizeram uma excelente refeição, comida mineira das boas no restaurante da Efigeninha e se despediram de seus novos amigos caminhantes, Vô Gil e seus companheiros.



(*Senhora do Carmo*). A 14 km de Itambé do Mato Dentro, pela estrada da Serra, Distrito da cidade de Itabira (35 km), seu principal ponto de interesse ecológico é a Serra dos Alves, na vertente leste da serra do Espinhaço, divisora de águas das bacias dos rios São Francisco e Doce. A serra, que integra a APA Morro da Pedreira, abriga o rio Tanque, com suas várias cachoeiras e o cânion do Marques. Entre as cachoeiras da serra estão a do Bongue, a do Borges e a da Boa Vista, numa região de mata de galeria, com várias quedas de 50 m que descem entre pedras, formando corredeiras e piscinas. (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 58)

4º dia: Senhora do Carmo > Bom Jesus do Amparo - 27 km

Foram recebidas com atenção pelo Adenir.

Esse trecho foi feito de ônibus, visto já o terem realizado em dezembro de 2003. Chegando à tardinha em Bom Jesus do Amparo, procuraram informações na prefeitura. Foram recebidas com atenção pelo Adenir, Secretário de Esportes e Turismo da cidade, que tirou uma foto para documentar a passagem das caminhantes pela cidade e lhes indicou a Pousada Real para o pernoite. A pousada ficava num morro, quase fora da cidade e, depois do jantar, tiveram que usar um táxi para retornarem. Aproveitaram para combinar com o taxista o transporte das mochilas no dia seguinte até o Posto Campo Alegre, situado na BR 381.

5º Dia: Bom Jesus do Amparo › Posto Campo Alegre - 10 km

Caminharam de Bom Jesus do Amparo na direção de Cocais até cruzar o asfalto na BR 381. Andando mais um pouco, chegaram ao Posto Campo Alegre, onde o taxista já as aguardava com as mochilas. Ali elas aguardaram o ônibus para o retorno a Belo Horizonte.

Capítulo 5

Terceira etapa da Estrada Real - Caminho dos Diamantes

Bom Jesus do Amparo/Posto Campo Alegre, na BR 381 ➤

Santa Bárbara - 46 km

• *Dezembro de 2006*

O Anjo da Alegria

Os Anjos voam porque não se deixam puxar pelo peso de uma sisudez auto imposta. A alegria é leve, luminosa; vem sem criar apego ou divisão. Sejamos a alegria enquanto ela passa e nos tornaremos alados como os Anjos.

(Meditando com os Anjos, p. 36)

A terceira etapa foi realizada entre os dias 5 e 7 de dezembro apenas por Leda, Cecília e Dôra. O planejamento da viagem seguiu os mesmos procedimentos anteriores: estudos dos trechos para a elaboração de um roteiro, convite a outras amigas, escolha de pousadas, compra das passagens, no caso entre Belo Horizonte e o trevo de Itabira, na BR 381. Daquela vez, elas estrearam uma primeira camiseta da Estrada Real, que Dôra mandou confeccionar, com o mapa da Estrada Real e uma lista de parte dos caminhos já percorridos pelo grupo *En beneficio de la salud*.



Parte dos caminhos percorridos pelo grupo



Agora, é a Estrada Real

1º dia: Bom Jesus do Amparo /Posto Campo Alegre › Cocais - 18 km

Café, bolo e muita cortesia.

Saíram de Belo Horizonte às 9 horas da manhã, em ônibus da Viação Braúnas. No trevo de Itabira desceram e tomaram um táxi até o Posto Campo Alegre, onde fizeram um lanche rápido, tiraram fotos e puseram os pés na estrada na direção do distrito de Cocais, que pertence ao município de Barão de Cocais.

Caminharam dentro de uma mata reflorestada por eucaliptos pela Cenibra - Celulose Nipo-Brasileira, com chuva leve, o que é uma coisa abençoada. Mesmo assim, chegaram bem cansadas. Pararam num barzinho para tomar um refrigerante e assuntar sobre uma pousada. Duas foram indicadas, a Biruska e a das Flores. Optaram pela segunda.

O proprietário da pousada, Ewerton, as acolheu com café, bolo e muita cortesia. Tiveram ótima impressão, tanto da decoração como da lojinha com doces, artesanato, bebidas, temperos, geleias, xampus de fabricação artesanal com matéria-prima da própria pousada. Animadas, fizeram várias compras, principalmente porque o Ewerton prometeu fazer a entrega no apartamento da Leda, em Belo Horizonte.

O jantar, original em termos de combinações de ingredientes, agradou muito. Como sempre, no bom papo nessas horas após o jantar, Ewerton comentou sobre a dificuldade de encontrar mão-de-obra para os serviços da pousada devido ao grande número de bons empregos nas indústrias ali instaladas. Isso acabou inflacionando o mercado imobiliário, mas também é a causa da boa aparência das casas, jardins, praças, etc.



Cocais é distrito de Barão de Cocais, a 12 km da sede, que tem como grande atração a cachoeira da Pedra Pintada, do Garimpo ou dos Cocais, localizada na serra da Conceição. (...) A água forma dez quedas e desce por uma montanha de pedra com mais de 30 metros. (...) Pouco antes fica o Sítio Arqueológico da Pedra Pintada, que possui 122 pinturas rupestres com cerca de 8 mil anos. (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 66)

2º dia: Cocais › Barão de Cocais - 14 km

E foram apelidados de marcantônio.

No dia seguinte, ao perguntarem sobre a direção para Barão de Cocais, as pessoas ficavam admiradas porque elas iriam a pé. O trecho enfrentado no dia não era longo e continuava muito bonito, mas era cheio de subidas fortes e elas estavam carregando as mochilas pesadas. Por isso, ao passar um caminhão, não tiveram dúvidas, pediram carona. Subiram na carroceria e assim foram por uns três quilômetros, o que as aliviou bastante.

De acordo com a planilha do Cláudio Leão, caminharam entre reflorestamento de eucaliptos, um bom trecho sombreado. Leda registrou: *Os eucaliptos são lindos, pena que agridem tanto a natureza!* Como demorasse a aparecer um marco, chegaram a pensar que estavam no caminho errado, mas, por fim, avistaram o viaduto Vitória-Minas. Alívio!

E apareceram também os importantes marcos que foram apelidados de marcantônio*.

A estrada estava excepcionalmente bonita naquele dia devido às chuvas da véspera. Apreciaram com prazer a beleza das flores, as samambaias e um pequeno riacho que as obrigou a tirar as botas para atravessá-lo. O sol da manhã, filtrado pelas árvores, proporcionava uma claridade, um brilho especial no verde da mata. O cheiro era doce e agradável. Passaram por um antigo muro de pedras, provavelmente construído por escravos, e por raros pedaços da estrada original, em pé de moleque.

Chegando à Barão de Cocais, pararam no Bar Vermelho, onde lancharam carne com fritas acompanhadas de refrigerante. Depois do lanche, um dedo de prosa na venda do seu Roquinho, que lembrou a passagem das *mulheres caminhantes*, referindo-se ao grupo organizado por Beth Pimenta e Maria Elvira, que caminhou pela Estrada Real com muito apoio e visibilidade pública, promovendo esse empreendimento ecoturístico uns meses antes da passagem do nosso grupo. Várias vezes aconteceu de moradores locais associarem o nosso grupo àquele.

Aproveitando a lembrança do seu Roquinho, faço um necessário adendo a esta narração. As mulheres caminhantes, as quais ele se referiu, são da ACER – Associação das Caminhantes da Estrada Real. Envie e-mail para Beth Pimenta, sua fundadora e uma das principais lideranças que, gentilmente, fez as seguintes considerações:

Fiz o Caminho de Santiago de Compostela em Abril/Junho/2002 e, após minha volta, nos corredores da PUC, encontrei-me com uma amiga de tempos de colégio interno, em Conceição do Mato Dentro, e resolvemos ir a pé para

.....

* Marcantônio: apelido carinhoso que demos para os marcos da Estrada Real.



Estrada Real

Ouro Preto

Paraty

Rio de Janeiro

MasterCard

GOVERNO
ESTADO
MUNICÍPIO
MINISTÉRIO
TURISMO
L. E. N. G.

*A beleza dos marcos
sinalizadores da Estrada Real!*

aquela cidade que tão bem nos recebeu. Dalva Tomaz e eu convidamos algumas amigas e lá fomos nós “com a cara e a coragem”, iniciando nossa caminhada em Bom Jesus do Amparo até Córregos, distrito de Conceição do Mato Dentro. Éramos 23 amigas. Isto aconteceu em junho de 2003. Desta experiência ficou “um conhecimento do interior de Minas, sua gastronomia, seu artesanato, a famosa ‘hospitalidade mineira’, mas sobretudo um grupo de amigas que se tornou uma Grande Família. Já fizemos toda ER: Caminho Velho, Caminho do Ouro e Caminho Novo em 10 anos. A cada ano fazíamos um trecho, até finalizar os 1.620 km da ER.” A ACER hoje tem 75 mulheres de diversos segmentos, muito amigas, tendo como objetivo comum o “caminhar” e divulgar a cultura mineira. Iniciamos o projeto Árvore é Vida, em parceria com a BPW, que tem por finalidade plantar um milhão de árvores por toda ER e no interior de Minas. Nossa Presidente hoje é a ex-deputada, Maria Elvira Salles Ferreira, e temos uma sede no Parque das Mangabeiras.

No caminho para o hotel, a impressão que tiveram foi que Barão de Cocais cresceu muito, e desordenadamente, devido às muitas indústrias ali estabelecidas, como a Gerdau, a AngloGold, a Mina de Brucutu, entre outras. A cidade é bem movimentada, com comércio variado e muitos hotéis. Hospedaram-se no Hotel Hotur, que fica na praça principal. Tiveram que esperar um tempo na portaria até que um apartamento fosse liberado e, finalmente acomodadas, saíram para um pequeno passeio.

As amigas visitaram a igreja de São João Batista e contrataram um *motoboy* para levar as mochilas até Santa Bárbara, no dia seguinte. Jantaram no restaurante da Lucinda. À noite, tiveram dificuldade para dormir no hotel situado na área central, próximo a uma passagem de trem de minério. Mas, o sono sempre vence com o cansaço do dia.

3º dia: De Barão de Cocais › Santa Bárbara - 14 km

Planejaram fazer, no ano seguinte, os Passos de Anchieta, no Espírito Santo.

Naquele último dia de caminhada da etapa, tiveram um início difícil: muita divergência nas informações e nenhuma sinalização. Ao chegar na estrada asfaltada, ficaram confiantes de que estavam no sentido correto.

Passaram por São Bento e Barra Feliz, chegando em Santa Bárbara por volta das 11 horas. Encontraram o *motoboy* com as mochilas num posto, na entrada da cidade, conforme combinado.

Atravessaram toda a cidade, que lhes pareceu muito bem cuidada, com antigos casarões restaurados, praças floridas, comércio grande e moderno. Como sempre, a visita a uma igreja é desejada, para agradecer e ter um momento de silêncio e reflexão, mas elas estavam todas fechadas. Passaram defronte da casa onde nasceu Afonso Pena e fizeram fotos. Almoçaram no *self-service* Karaíba, bem perto da rodoviária, onde logo mais tomaram o ônibus de volta para Belo Horizonte.

A viagem de volta foi demorada devido a um acidente na estrada. Aproveitaram o tempo com os *bordadinhos** e planejaram fazer, no ano seguinte, os Passos de Anchieta, no Espírito Santo. Chegaram bem, despedindo-se do ano e da amiga Cecília que estava se mudando para Poços de Caldas.

.....

* *Bordadinhos: ocupações diversas e variadas, capaz de preencher espaços de tempo ocioso.*



Afonso Augusto Moreira Pena nasceu em Santa Bárbara no dia 30 de novembro de 1847 e morreu no Rio de Janeiro em 14 de junho de 1909. Membro do Partido Republicano Mineiro foi deputado federal, governador do estado de Minas Gerais, vice-presidente e presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1906 e 14 de junho de 1909, data do seu falecimento. Foi governador de Minas Gerais entre 1892 e 1894, sendo o primeiro governador de Minas Gerais a ser eleito pelo voto direto. Foi durante o seu governo que se decidiu pela mudança da capital do estado, de Ouro Preto para a Freguesia do Curral d' El Rei, hoje Belo Horizonte. (*Wikipédia*)

Capítulo 6

Quarta etapa da Estrada Real - Caminho dos Diamantes

Santa Bárbara ➤ Mariana - 63 km

• Abril de 2007

O Anjo da Confiança

Quando confiamos no nosso potencial interior, jamais desperdiçamos energia. Sentimos confiança quando somos motivados pela verdade mais profunda em nós e não por aquilo que é a expectativa dos outros a nosso respeito. Quanto mais permitimos que a luz da Alma flua pelo nosso ser, tanto mais sólidas serão as bases de confiança que nos apoiarão nas ações do dia a dia.

(Meditando com os Anjos, p. 40)

Nessa quarta etapa, realizada entre 09 e 12 de abril de 2007, juntei-me ao grupo.

Tive a oportunidade de viver, junto a esse grupo de mulheres, uma das melhores experiências da minha vida, algo parecido com a prazerosa e enriquecedora convivência que tiveram ao fazer o Caminho de Santiago, que Dôra tão bem relata em seu livro *Um trecho do Caminho*. Participaram também dessa etapa, além das três caminhantes oficiais Leda, Dôra, Cecília, e de mim mesma, Sonia, Simone Gonçalves e Regina Campos.

Saímos de Belo Horizonte de ônibus, à tarde, para pernoitar em Santa Bárbara e iniciar a caminhada no dia seguinte. O grupo continuava a usar as referências do livro e mapas do Cláudio Leão, já citado, para orientar a caminhada.

Naquela época, não fazíamos reservas para o pernoite. Chegando ao Hotel Quadrado, um dos principais da cidade, não encontramos vagas, mas a Cida, recepcionista desse hotel, conseguiu que nos recebessem na Pousada Fonte de Pedra. Os *local people* são muito gentis! Ficamos muito bem acomodadas numa antiga chácara, que foi residência dos proprietários, então transformada em pousada.

Ao sair do restaurante onde jantamos, conhecemos Dulce e Neca, que se comprometeram a levar as nossas mochilas para Catas Altas no dia seguinte. Incrível como as soluções das pequenas ou grandes questões aparecem tão prontamente! A mãe da Neca, dona Maria do Rosário, possuía uma pousada em Catas Altas. Então, o próximo pernoite também já estava garantido.



O arraial que deu origem à cidade foi fundado às margens do ribeirão de Santa Bárbara em 1704 pelo bandeirante paulista Antônio Bueno. Santa Bárbara teve grande relevância histórica durante o ciclo do ouro. Mais tarde, com o esgotamento das reservas e sua posição privilegiada junto à Estrada Real, desenvolveu-se como importante entreposto de abastecimento. Até recentemente, de 1911 a meados de 1950, chegavam e partiam quase 600 tropas de mulas por dia, distribuindo os carregamentos que vinham pelo ramal da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA). (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 66)

1º dia: Santa Bárbara › Catas Altas - 15 km

O bom vem depois do difícil.

Pela manhã, durante o café, conhecemos o Ramón, rapaz que administrava a pousada. Bom de prosa, ele possui vários troféus de *trekking* e outras modalidades de esportes ecológicos. Ele nos deu referências importantes para a caminhada.

Santa Bárbara tem mais de 300 anos. Além de ser uma bela cidade colonial, possui um acervo histórico-cultural relevante, observado nos imóveis espalhados pela cidade: o prédio da prefeitura, por exemplo, e a Igreja Matriz de Santo Antônio, que visitamos, além de muitas residências grandes e bem conservadas.

Por feliz coincidência, me veio às mãos o livro *A Celebração do Tricentenário de Santa Bárbara*, do Dr. José Anchieta da Silva, filho de Santa Bárbara. No livro, ele relata os preparativos e a festa da celebração do tricentenário de Santa Bárbara, ocorrido em 04 de

dezembro de 2003. Para os vários eventos na época da data, não foram medidos esforços, tampouco gastos, para a restauração da Igreja Matriz de Santo Antônio, oriundos, na maior parte, de doações. Essa igreja guarda, por séculos, a maravilhosa obra do mestre Athaíde.

Nas palavras do autor: *Animava-nos o amor à Santa Bárbara, a importância da obra e o desejo de uma grande realização movida, sobretudo, pela fé católica que todos professamos.*

Após a chuva que caíra à noite, a temperatura estava ótima para o início da jornada. Passando em frente à igreja, vimos que estava sendo celebrada a missa e pudemos conhecê-la por dentro, um presente do caminho!

Precisamos da ajuda de transeuntes para encontrar o primeiro marco. Essa é uma questão fundamental: antes desses marcos serem colocados, não raro acontecia de ficarmos perdidas por algum tempo.

No primeiro dia a caminhada é mais difícil, o corpo resiste. Tivemos as primeiras baixas: Regina e Dôra atolaram as botas na estrada lamacenta, e eu tive a calça e a perna rasgadas por um prego enferrujado quando, ao sentar num velho banco de madeira para comer o lanche, o banco, já meio podre, não suportando o peso de todas nós, desabou do meu lado.

Achamos que o trecho foi maior que os quinze/dezoito quilômetros indicados nos mapas e guias. Às vezes, já bem cansadas, a próxima parada parece infinitamente longe... Passamos pelo *Bicame de Pedra*, a doze quilômetros de Catas Altas, aqueduto construído por escravos em 1792, conforme inscrição numa das pedras, que captava águas do Córrego Quebra Ossos, no Caraça, para fazendas e mineradoras; por grande área de reflorestamento de eucaliptos, que Leda chama de desertos verdes; por pastos, flores, e por nos-



*Igreja Matriz de Santo Antônio,
em Santa Bárbara*

so anjo do caminho, Adriano dos Santos, sentado à sombra de uma grande árvore e com um galão de água de mina fresquinha, que nos foi ofertada: a nossa tinha se acabado.



A partir da esquerda: Leda, Simone, Sonia, Cecilia e Regina no caminho de Catas Altas.

Distante uns dois quilômetros, avistamos Catas Altas e a primeira imagem avistada foi da Matriz, que se destacava, imponente. Chegamos à pousada da dona Maria do Rosário e, após um bom banho, saímos para o almoço/jantar, com comida mineira e cerveja geladíssima. Foi aí que Leda inaugurou a frase: *O bom vem depois do difícil!* Voltamos para a pousada, desejando uma boa cama! Ainda naquela noite o próximo presente do caminho se apresentou: uma cachorrinha nos seguiu até a pousada sem que ninguém percebesse.



A cidade (Catas Altas) teve origem em 1703, pertenceu a Santa Bárbara por mais de dois séculos e seu nome é devido às escavações em busca do ouro em locais elevados. Entrou em decadência econômica até que Saint-Hilaire sugeriu substituir a exploração do ouro pelo ferro. A igreja matriz é de Nossa Senhora da Conceição. (*Guia de Ecoturismo da Estrada Real Brasil*, p. 65)

*2º dia: Catas Altas › Santa Rita Durão › Bento Rodrigues - 26 km
Vitória Aparecida, a cachorrinha andarilha, nossa companheira de trecho.*

Após o café da manhã, a filha da dona Maria do Rosário me levou ao excelente Posto de Saúde local, onde recebi os curativos necessários no machucado e tomei vacina anti-tetânica, um alívio para mim e para as amigas, que estavam muito preocupadas. Na saída da pousada, qual não foi nossa surpresa ao ver a cachorrinha enroladinha num canto da varanda. Dona Maria do Rosário disse que ela já estava lá na noite anterior e pensou que pertencia ao nosso grupo. A cachorrinha se pôs a caminhar conosco!

Deixando Catas Altas, cidade de uma limpeza incrível, fizemos linda foto que mostra bem o casario colonial e o paredão de pedra da Serra do Caraça. Acima, um céu azul sem nuvens.

Demos à cachorrinha o nome de Vitória Aparecida: Vitória porque o caminho logo cruzava a estrada de ferro Vitória-Minas, e Aparecida porque foi assim que ela chegou até nós. Junto com a andarilha madrinha, sempre à frente, acompanhou-nos em toda a jornada do dia, causando-nos apreensão nas muitas vezes em que quase foi atropelada

Casario de Catas Altas com a Serra do Caraça ao fundo



nos trechos de asfalto. A bichinha nos cativou de imediato. Dividimos com ela nosso lanche e nossa água. Tentamos deixá-la em várias casas pela beira da estrada, mas ninguém a aceitou, nem ela queria nos deixar. O filho de dona Maria do Rosário, que levava nossas mochilas, nos resgatou na entrada de Santa Rita Durão. Vitória Aparecida foi a primeira a entrar no carro! Entrando no vilarejo, fizemos com que ela se afastasse de nós, ali provavelmente alguém cuidaria dela.



A cadelinha Vitória Aparecida com Cecília.

Chegamos à pensão do lugar e, segundo a Cecília, parecia um lugar para curta permanência. Quartos pequenos, com aparência de pouco limpos, sem uma recepção adequada. Dôra mostrou seu descontentamento e fomos tomar uma cerveja e pensar numa alternativa. Fomos vistas pela dona Zizi, moradora da casa ao lado do bar, que

se interessou pela nossa causa. Ela disse haver ali perto uma escola em reformas e que, talvez, pudéssemos nos arranjar por lá. Simone foi incumbida de verificar.

Ao voltar, de longe vimos que ela vinha acompanhada, nada mais nada menos, que pela Vitória Aparecida! Quem explica isso? Simone nos contou que a escola estava em obras, sem a menor possibilidade de nos abrigar. Continuávamos com a questão de onde dormir quando dona Zizi falou que uma irmã dela, Sandra, estava terminando a construção de uma pousada em Bento Rodrigues, povoado a nove quilômetros à frente. Como quem faz um cesto faz um cento, resolvemos seguir. Ao entrar na casa da dona Zizi a fim de telefonar para Sandra, Vitória Aparecida foi a primeira a entrar e topou com vários outros cachorros e gatos da casa: foi aquele 'pega'! Com custo, agarrei-a e já ia colocá-la porta fora quando a cunhada da dona Zizi, Elizabete, ali morando de favor, visto que sua casa havia incendiado, pegou-a no colo e apertou-a no peito. As duas se encontraram, felizes! Estava sacramentada a adoção. Aí entendemos o destino da cachorrinha, e nós fomos as facilitadoras.

Sandra foi, naquele dia, nosso grande anjo! Ela foi ao nosso encontro nos avisar de uma pequena cachoeira à beira da estrada, próxima a Bento Rodrigues, que aproveitamos mesmo! Refrescadas, seguimos com ela, no carro, para a pousada, construída anexa ao bar, o Bar da Sandra. A pousada, terminada a 'toque de caixa' para nos receber, cheirava a tinta fresca e nos atendeu muito bem. No jantar, comida gostosa feita especialmente para nós: frango caipira com quiabo, angu, arroz, feijão, mandioca frita, linguiça de porco, salada de tomates e beterraba. Como dizem os mineiros, bom demais da conta! À noite, muitos clientes do bar (trabalhadores da Companhia Vale do Rio Doce – mineroduto) se espantaram com a nossa empreitada e custaram a crer nos quilômetros já percorridos pelo grupo, nos vários caminhos, estampados na camiseta da Dôra.

Depois de um breve passeio pelo povoado, fomos dormir. Durante a noite, um gato se infiltrou no nosso quarto, causando certo tumulto. Também teve a intrigante história de uma peça de roupa minha descoberta dentro da bota da Leda e, mais intrigante ainda, a fronha misteriosa. A história da minha roupa foi fácil elucidar: ao trocá-las pelo maiô, dentro do carro da Sandra, para ir à cachoeira, a dita cuja se alojou dentro da bota e lá ficou sem que eu notasse a falta. O caso da fronha foi mais ou menos assim: Leda, arrumando sua mochila de manhã, encontrou uma fronha extra, que pensou logo ter trazido, inadvertidamente, da pousada de Catas Altas. Pediu à Sandra que assim que tivesse um portador, a mandasse para dona Maria do Rosário. Quando tratavam disso, Simone vê a fronha e fica aliviada! A fronha era dela e pensava tê-la deixado em Catas Altas. Contando até não tem muita graça, mas na hora esse fato rendeu muitas risadas!

Apesar do sono interrompido pelo gato noturno, levantamos bem descansadas, mais cedo que nos outros dias. Após um café simples, conversamos com o seu Olívio, pai da Sandra, já falecido. Na época, ele contava 80 anos. O antigo tropeiro tinha muitas lembranças dos tempos em que também desbravava os sertões.

3º dia: Bento Rodrigues > Mariana - 22 km

Conversa boa e a amizade se estreitando.

Quando começamos a caminhada bem cedo, como naquele dia, temos a vantagem da baixa temperatura e da vegetação ainda estar molhada do orvalho da noite, o que é muito agradável de se ver e sentir. Aos poucos, porém, o sol foi esquentando e a nossa conversa também, a amizade se estreitando. Frequentemente as amigas lembravam

fatos ocorridos no Caminho de Santiago e o faziam com tanto sentimento, de maneira tão visceral, como se estivessem revivendo. E vou me acostumando com os nomes: Finistère, Cebreiro, Roncesvales...

Na estradinha de terra cruzamos com alguns burros transportando lenha, conduzidos por um senhor idoso. Essa cena nos remete ao passado, lembranças de infância, e nos agradam muito. Se, como dizem, encontrar uma ferradura é sinal de sorte, nós já acumulamos sorte para muitas vidas. Encontramos muitas pelos caminhos. As minhas, para que eu possa vê-las sempre, enfeitam a chaminé da nossa churrasqueira e têm o valor de medalhas de ouro! Passamos, ainda, por mais uma grande igreja e, à frente dela, um raro e lindo cruzeiro! Havíamos percorrido dezessete quilômetros quando Sandra nos alcançou com nossas mochilas e nos levou até a rodoviária de Mariana, onde tomamos o ônibus numa viagem tranquila até Belo Horizonte.



A cidade de Mariana surgiu a partir do Arraial de Nossa Senhora do Carmo, erguido pelo bandeirante Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, que em 1696 encontrou pepitas no ribeirão do Carmo. Em 1712, recebeu o nome de Mariana. (...) Foi a primeira capital das capitânicas de Minas e São Paulo – título que perdeu para Vila Rica (Ouro Preto) em 1740 – e a primeira aglomeração urbana mineira planejada, por causa de sua importância política. Além de seu conjunto arquitetônico, que transformou a cidade em Monumento Nacional em 1945, Mariana oferece uma série de atrativos naturais. (*Guia de Ecoturismo Estrada Real*, p. 74)

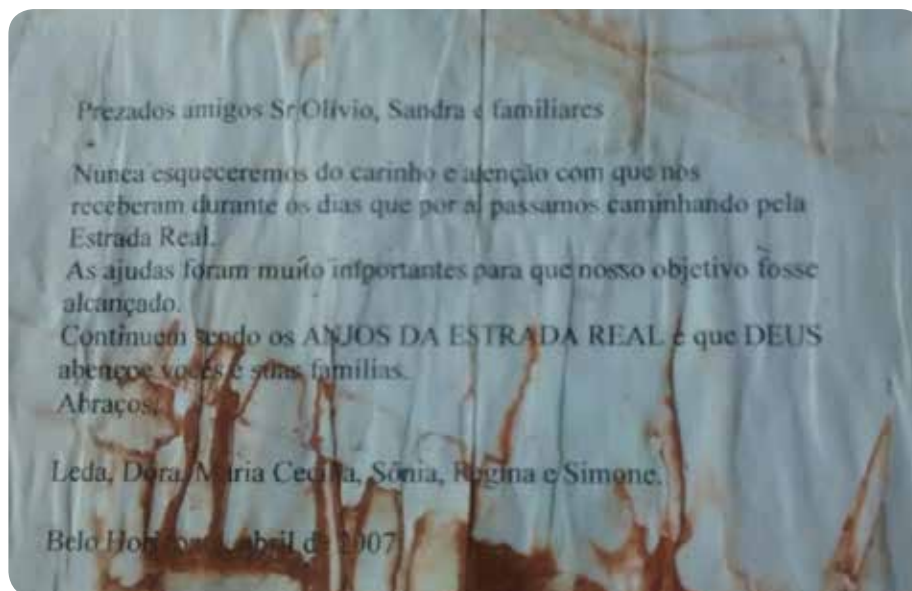
O povoado de Bento Rodrigues, onde viviam pessoas tranquilas, felizes e trabalhadoras, foi varrido do mapa do Brasil ao ser atingido por 40 milhões de m³ de rejeitos quando, em 05 de novembro de 2015, estourou a Barragem do Fundão, pertencente à mineradora Samarco/Vale/ BHP. (Jornal O Tempo 04/11/2016). A mídia oficial veiculou a notícia, mas foi por meio das redes sociais que tomamos conhecimento da extensão da tragédia. O mar de lama percorreu quilômetros, tirou vidas, atingiu o Rio Doce e chegou ao oceano Atlântico, causando devastação por onde passou. É possível que tenha sido o maior desastre ecológico já acontecido no Brasil, talvez no mundo.

Preocupava-nos a falta de notícias dos moradores de Bento Rodrigues e, entre eles, a Sandra Domertides Quintão. Somente dias após o ocorrido, através de um amigo do Facebook, soube que ela estava bem, num hotel que a Samarco disponibilizara para os desabrigados, em Mariana.

Falei com ela pelo celular, e no dia 08 de dezembro de 2015 Leda e eu fomos à Mariana levar nosso abraço solidário. Ela nos esperava na rodoviária com sua filhinha, Ana Amélia, de dois aninhos. Chorando, ela nos contou da fuga dos moradores por uma montanha, em meio à mata. Em desespero, medo e sofrimento, viram suas casas e todos os seus bens serem levados pela enxurrada de lama. Emocionada, nos mostrou as únicas coisas que tinha conseguido resgatar da lama: o registro do seu imóvel, duas fotos dela e de seu pai com o nosso grupo, além do cartão de agradecimento que temos o hábito de enviar para as pessoas que nos ajudam nas jornadas. Sandra continua sendo a mulher de coragem que conhecemos anos atrás. Excelente cozinheira, utilizou a cozinha

do hotel para fazer deliciosas coxinhas de frango com requeijão e, depois, recebeu uma barraca na feira de Mariana para vendê-las. Disse, otimista e cheia de esperança, que um dia vai produzi-las para exportação. Quem a conhece acredita nisso.

Enquanto espera que uma nova comunidade seja construída, até 2019 para as vítimas da lama, Sandra vai constantemente a Bento ou, aos escombros do que foi um dia o lugar onde nasceu e viveu com a sua família.



Cartão de agradecimento resgatado da lama em Bento Rodrigues

Capítulo 7

Quinta etapa da Estrada Real - Caminho dos Diamantes/Caminho Velho Mariana ➤ Alto Maranhão/Distrito de Congonhas do Campo - 63 km

• Setembro de 2007

O Anjo do Nascimento

Quando um ciclo se completa, outro está na hora de nascer. O nascimento é o momento de transição que antecede uma grande revelação. Tudo o que nasce é pleno de frescor, novidade e inocência. Nada é mais importante do que o nascimento do AMOR em nossos corações.

(Meditando com os Anjos, p. 48)

A quinta etapa foi realizada entre 10 e 14 de setembro de 2007. Daquela vez, o grupo iniciante, formado por Cecília, Dôra e Leda, contou com o retorno da Magali, irmã da Cecília, que fez sua estreia na Estrada Real, e, pela primeira e única vez, também ocorreu a participação de ‘um’ caminhante, o Domingos, tio do marido de uma das filhas da Dôra. Nesse trecho, devido a imprevistos domésticos, não pude acompanhar as amigas. Dos preparativos da viagem, resgatei um e-mail da Dôra enviado para sua filha, apreensiva com as aventuras da mãe:

Oi, filhinha, sinto muito ficar preocupando vocês por tão pouco... Estou simplesmente tentando levar a minha vida de uma forma alegre, prazerosa e saudável, junto a pessoas que também gostam muito de mim... Até quando Deus o permitir, e isso é fundamental. Posso até estar errada, mas ainda não me convenceram de tal. Abraços e bom feriado.

1º dia: Mariana › Ouro Preto - 8 km

A maravilhosa visão da cidade dos Inconfidentes, a sempre Vila Rica!

Os caminhantes saíram de Belo Horizonte às 8:30 horas, em ônibus da Viação Pássaro Verde, chegando à Mariana por volta das 10 horas. Entraram em contato com o seu Sidney, do Pouso Burgalhau, em Ouro Preto, local já determinado no planejamento para o pernoite, avisando que chegariam logo mais.

Lancharam na rodoviária mesmo e iniciaram a jornada. O caminho é a própria estrada de asfalto entre Mariana e Ouro Preto. É sempre difícil andar no asfalto, espe-

cialmente em estrada estreita, sem acostamento, com muito movimento, e sempre subindo um morro, às vezes disfarçado, mas que exige muito esforço. Naquela etapa, as amigas usaram os chapéus brancos, de abas largas, que Dôra mandou fazer a partir de um modelo comprado no Caribe. O chapéu original era muito elegante, mas as cópias... As primeiras pessoas que as viram indagaram se eram freiras... Foram muitas risadas! O dia começava bem.

Passaram pela famosa *Mina da Passagem* e, evidentemente, não perderam a oportunidade de uma visita. Antônio, o guia que os atendeu, disse que a mina foi desativada em 1985. Segundo o folder explicativo distribuído na ocasião aos visitantes:

(...) a maior mina de ouro aberta à visitação no mundo, a Mina da Passagem, guarda segredos e mistérios que encantam a todos. A descida para as galerias se faz de modo incomum, através de um trolley, que chega a 315m de extensão e 120m de profundidade, onde se vê um maravilhoso lago natural. O cenário do interior da Mina impressiona a todos. A temperatura é estável entre 17 a 22 °. Desde a sua fundação, no início do século XVIII, foram retirados aproximadamente 35 toneladas de ouro.

Utilizaram o *trolley* para descer até o subsolo e, dali, percorreram alguns dos corredores da mina, admirando-se com a beleza do inusitado para elas. Leda se encantou e fotografou uma parede escavada onde um pedaço de minério de ferro se unia a outro, de mármore, formando uma estrutura preta e branca, muito bonita e original, segundo ela.

Nos poucos quilômetros até Ouro Preto, as caminhantes continuaram enfrentando árduo e difícil trajeto de subidas constantes, asfalto e sol quente. Na chegada a Ouro

Preto, viram novamente os burrinhos, no transporte de cargas, e se depararam com a maravilhosa visão da cidade, a sempre Vila Rica!

Segundo o mapa da cidade distribuído pelo Posto Avançado de Turismo, Ouro Preto tem três matrizes, oito igrejas, duas capelas e um oratório. Outras informações sobre essa histórica cidade se encontram no capítulo 13 deste livro. Chegaram à Praça Tiradentes pela Escola de Minas, em reformas na época, e foram ao Centro de Informações Turísticas, que as decepcionou, como em outras cidades, com a falta de preparo dos atendentes.

Estar na Praça Tiradentes é quase como estar em um grande centro cosmopolita. Ouvem-se vários idiomas, veem-se diferentes tipos de pessoas, e Ouro Preto é, por excelência e tradição, a cidade das históricas repúblicas estudantis.

Almoçaram por ali mesmo, no centro, e foram para a pousada, já aproveitando para um rápido *city tour*. Descendo pela rua Direita seguiram a rua São José, passando pela Casa dos Contos, chegando até o fim da rua do Comércio. Tomaram a direção da Igreja do Rosário e logo a rua Irmãos Kennedy, onde fica o Pouso Burgalhau.

Depois da caminhada pela bela cidade do inconfidente Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, chegaram ao Pouso e foram recebidas pelo Sidney, o proprietário. Segundo ele, o nome Burgalhau é de origem portuguesa e significa 'calçamento com pedras irregulares'.



Tudo começou no Córrego do Tripuí. Expedições bandeiristas encontraram algumas pedras escuras e pesadas, mas ninguém sabia do que se tratava. Com o tempo, descobriu-se que era ouro recoberto por uma fina camada de óxido de carbono. O ponto de referência para atingir o Tripuí era o Pico do Itacolomi, uma formação rochosa de 1752m, fincada na serra do mesmo nome, parte do Maciço do Espinhaço, que domina toda a paisagem do vale. Em 1689, Antônio Dias, um bandeirante de Taubaté, localizou o pico e conseguiu chegar à região, onde fundou um povoado. As notícias sobre as riquezas do local atraíram outros pioneiros, que de acordo com os veios auríferos descobertos, montavam assentamentos esparsos, formados por gente de toda a parte e com suas próprias capelhas: os arraiais de Antônio Dias, do Padre Faria, do Morro de São Sebastião, do Passa Dez, do Caquende, do Ouro Preto. Com a criação da capitania de São Paulo e Minas do Ouro em 1711, os povoamentos foram reunidos sob a denominação de Vila Rica de Albuquerque. Chamou-se ainda Vila Rica de Ouro Preto antes de ter o nome atual. Próspero, como alguns de seus vizinhos, Ouro Preto, contudo, diferenciou-se dos demais em desenvolvimento por ter sido sede do governo desde 1721, ainda nos tempos das capitanias, até a transferência para Belo Horizonte, já como capital de um Estado Republicano. Diante de sua importância histórica, a cidade foi declarada Monumento Nacional em 1933 e Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco em 1981. (*Guia de Ecoturismo da Estrada Real*, p. 68)



O grupo em Ouro Preto com o Domingos, companheiro dessa etapa.

2º dia: Ouro Preto › São Bartolomeu - 16 km

Onde tomaram chá e tiveram um bate papo bem animado.

Saindo de Ouro Preto no sentido São Bartolomeu caminharam por três quilômetros, saíram do asfalto e entraram por uma estrada à direita sinalizada com o marco da Estrada Real. Aí sim, caminharam por estradas boas, tranquilas e com lindas paisagens. Cruzaram com várias pessoas, de carro ou a pé, sempre parando para uma conversa. O seu Célio, por exemplo, numa caminhonete, indicou a Pousada São Bartolomeu.

A pousada, uma bela casa em estilo colonial, era cuidada pela Dica, que não servindo refeições, encaminhou o grupo para a casa da dona Nha-Nhá. Esta, deixando o trabalho na horta, fez um ótimo almoço, bem no estilo mineiro, e o serviu com grande alegria. Enquanto esperavam pelo almoço, foram tomar uma cerveja bem gelada na mercearia da Simone, único estabelecimento desse pequeno distrito de Ouro Preto, um agradável povoado colonial de uma só rua principal com calçamento de pedras, ladeada por um

belo casario setecentista, uma capela em louvor à Nossa Senhora do Rosário, e a Matriz, esta reverenciando São Bartolomeu. No apogeu do ciclo do ouro, São Bartolomeu teve um papel importante, fornecendo alimentos à multidão que acorreu a Ouro Preto, pois estando todos em busca de riquezas, ninguém plantava. E, seguindo a tradição, hoje se produz ali variados doces que os caminhantes provaram e aprovaram. A goiabada cascão é considerada, desde o ano 2000, patrimônio imaterial de Minas Gerais.

Após o almoço, foram buscar as mochilas trazidas pelo Cláudio, o motorista do ônibus com quem conversaram na véspera, e já acertaram com ele o envio das mesmas, no dia seguinte, para Glaura. O almoço servido por dona Nha-Nhá estava muito bom, mas a sobremesa foi saboreada na casa do senhor Vicente, dono do cartório local e vendedor dos doces que sua esposa fabrica. No passeio pela cidade visitaram o adro da pequena Igreja de São Bartolomeu, muito necessitada de reformas. Já anoitecendo, passaram pelo bar do Nonô, filho de dona Nha-Nhá, onde tomaram chá e tiveram um bate-papo bem animado antes de irem dormir.

3º dia: São Bartolomeu › Glaura › Cachoeira do Campo - 17 km

E saíram para conhecer o Museu das Reduções.

Após o suculento café na casa da dona Nha-Nhá, com mandioquinha frita e bolo, a anfitriã se despediu com beijinhos e ainda preparou o lanche de trilha para todos.

Por falta de sinalização, o grupo errou o caminho para Glaura. Felizmente encontraram uma mulher guiando umas vaquinhas que confirmou o erro e lhes indicou o caminho certo. Glaura, ou Casa Branca, é o mais antigo distrito de Ouro Preto, tendo sido ponto

de passagem dos bandeirantes e onde se travou, também, a Guerra dos Emboabas (ver p. 264). Fizeram ali apenas uma rápida passagem, já seguindo para Cachoeira do Campo, em estrada de muitas subidas. Contudo, foram apenas oito quilômetros, e mais dois quilômetros até o Posto Painha, para almoçar e pegar as mochilas.

Em Cachoeira do Campo, todos os hotéis e pousadas estavam sem vagas, tomadas pelos empregados das mineradoras locais. Depois de muito procurar, chegaram à Pousada Real e, graças à boa vontade da funcionária Lourdinha, conseguiram um quarto. Domingos ficou, segundo ele, num cômodo bastante precário, mas que lhe serviu de quarto naquela noite.

Rapidamente arrumaram as poucas coisas nos quartos e saíram para conhecer o Museu das Reduções, em Amarantina. Tiveram que subir, e rápido, um morro enorme, pelo adiantado da hora, antes de o museu fechar. Acharam o museu muito interessante, valeu a pena toda a correria. De volta, jantaram no restaurante da Eva. Na pousada havia televisão no quarto, uma raridade, para felicidade de Leda e Magali, que puderam assistir ao capítulo da novela que passava na época, antes de dormir. Cachoeira do Campo, outro distrito de Ouro Preto, tem traços históricos. Ali ficava o quartel de Tiradentes, e a bela matriz de Nossa Senhora de Nazaré é considerada por muitos o mais notável exemplar da primeira fase do barroco.

4º dia: Cachoeira do Campo › Engenheiro Corrêa - 16 km › Ouro Branco

Domingos comprou máscaras para todos.

No caminho para Engenheiro Corrêa, passaram por Santo Antônio do Leite e outras comunidades, como Gouvêa e Chapada. Segundo as anotações da Leda, na região já

se desenvolvia um certo turismo rural que a tornava bem atrativa, bonita mesmo, com casas de campo, algumas pousadas e lojas de artesanato. Atrativa e bonita, mas com o ar bastante poluído, talvez devido às mineradoras em plena atividade. Precavido, Domingos comprou máscaras para todos.

Na sede desse povoado, foi servido aos caminhantes um cafezinho pela janela do restaurante do seu Mauro Pedrosa, que já foi adiantando não haver nenhuma pousada ou algo similar em Engenheiro Corrêa, mas que, cinco quilômetros antes, havia a Pousada Gota de Minas. De fato, eles passaram por essa pousada, mas decidiram arriscar seguindo em frente, pois ainda era cedo para encerrar a caminhada. Apostaram na sorte e numa possível ajuda de uma vereadora indicada pelo seu Mauro.

Em Engenheiro Corrêa, a vereadora citada não foi encontrada; abordaram outras pessoas, que em nada ajudaram. Um homem, que se dizia assessor da vereadora, deu informações incorretas, dizendo que fossem para Miguel Burnier, onde, certamente, encontrariam pouso, e indicou o ônibus para irem. Leda, Magali e Domingos embarcaram imediatamente, enquanto Cecília e Dôra ficaram esperando as mochilas que seriam trazidas de Cachoeira do Campo pelo seu Iraci, irmão da dona Nhá Nhá.

Aquela foi a primeira vez que não encontraram alojamento. Outras situações aflitivas ainda aconteceriam, mas a diferença é que as pessoas desses outros locais foram mais receptivas e acolhedoras. Em Miguel Burnier, também conhecida por São Julião, tentaram os alojamentos da mineradora Gerda e tiveram outra decepção. No local só existiam, além de uma antiga estação de trem, a triste lembrança dos tempos em que havia trens cortando este país continental, umas poucas casas, um colégio/seminário enorme e uma igreja. Algumas máquinas preparavam o terreno para a mineração, e

mais nada. Conversaram com as duas freiras que cuidavam da enorme construção que havia sido colégio e abrigo para jovens, e que estava sendo reformada para ser escritório e alojamento da Gerdau. A grande igreja, muito bonita, construída nos anos 1930 nos moldes das igrejas italianas, chamou a atenção dos caminhantes.

Também ali não encontraram lugar para o pernoite. Decidiram ir de táxi até Ouro Branco, onde, com dificuldade, encontraram, por fim, uma pousada. Além dos



Este Santuário é bem conhecido dos mineiros, mas vale uma breve explicação para quem ainda não o conhece. A cidade é visitada por milhares de peregrinos e turistas de Minas Gerais e outras partes do Brasil, sobretudo no período do Jubileu, que ocorre em setembro, pois o Santuário é também o centro de uma das mais populares devoções do país. 'O conjunto foi construído em várias etapas entre 1757 e 1875. Sua implantação cenográfica e monumental, seguindo o modelo dos "sacro montes" europeus, não tem paralelos no Brasil à sua altura, e as capelas e o adro abrigam a parte mais relevante do legado escultórico do Aleijadinho. Tornou-se um ícone do Barroco brasileiro e do estado de Minas Gerais, e uma grande atração turística. Devido à sua superior importância histórico, social e artística, o conjunto foi tombado em 1939 como patrimônio histórico nacional pelo SPHAN, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e foi declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1985. Em 26 de julho de 1957 o papa Pio XII elevou a igreja à dignidade de basílica menor' (*Wikipédia*).

trabalhadores das mineradoras, as pousadas e hotéis estavam ocupados pelos peregrinos da festa anual do Santuário de Bom Jesus do Matosinhos, em Congonhas do Campo, que estava acontecendo por aqueles dias. Após se instalarem na pousada, os caminhantes aproveitaram o final da tarde para um *city tour* pelo centro de Ouro Branco, que as impressionou pela beleza do seu casario colonial. O pernoite em Ouro Branco foi um desvio do trajeto previsto segundo os mapas da Estrada Real que, naquele trecho, passaria por Engenheiro Corrêa, Lobo Leite e Congonhas, no seu distrito de Alto Maranhão.

5º dia: (Ouro Branco) Congonhas do Campo › Alto Maranhão - 6 km

Decidiram ir de ônibus para Congonhas.

Pela manhã, após ouvir as informações dos moradores, decidiram ir de ônibus para Congonhas, pois o próximo povoado, Lobo Leite, segundo eles, era apenas uma venda às margens da rodovia BR 040, atualmente Via 040.

Em Congonhas, encontraram muitos romeiros da festa de Bom Jesus de Matozinhos. Aproveitaram a oportunidade para visitar o Santuário. Em seguida, caminharam até o distrito de Alto Maranhão. Chegaram lá bem cansadas e, ao avistarem uma linda igreja, somente Leda foi até ela e pediu a um transeunte que tirasse a foto à frente.



Leda na frente da capela de Alto Maranhão.

Capítulo 8

Sexta etapa da Estrada Real - Caminho Velho

Alto Maranhão ➤ Lagoa Dourada - 87 km

• Novembro de 2007

O Anjo da Parceria

Quando há parceria não existe dominação. As partes envolvidas em uma mesma situação comungam suas habilidades e talentos para criar uma meta compartilhada. Caminhar juntos em direção a essa meta, conscientes do processo que isto implica, é a verdadeira parceria, na qual os opostos descobrem que são absolutamente complementares.

(Meditando com os Anjos, p. 56)

1º dia: Alto Maranhão › São Brás do Suaçuí - 22 km

A agradável companhia de Timmian, a jovem canadense.

Fizeram parte dessa etapa seis caminhantes: Cecília, Dôra, Leda, Magali, a agradável companhia de Timmian, a jovem canadense de 18 anos que, na época, fazia intercâmbio no Brasil, e eu, Sonia.

Sáímos de Belo Horizonte já preparadas para a caminhada. O ônibus da Viação Sandra nos deixou na estrada, em Alto Maranhão, em frente a um bar e, ali mesmo, combinamos com o dono, seu Lavínio, o envio das mochilas para o Hotel Muralha, em São Brás do Suaçuí. Beth, que deduzimos ser a esposa dele, mandaria o nosso almoço na hora e local combinados.

Pelo adiantado da hora, o sol já estava bem quente e, naquele início da temporada de chuvas a natureza foi complacente conosco, fazendo chover apenas durante a noite. Caminhamos no trecho inicial por trilhas bem sinalizadas pelos marcos. A primeira parada foi no distrito de Pequeri, após seis quilômetros de caminhada. Sentamo-nos debaixo de uma grande árvore diante da porteira de uma fazenda e esperamos o almoço, que chegou rapidinho, na motocicleta com o seu Lavínio. Na 'quentinha', macarronada e bife de boi já cortadinho! Uma garrafa de refrigerante completou o cardápio!

Continuamos a caminhada e, à certa altura, nos deparamos com um marco dentro de um pasto, cheio de bois rentes à porteira. Era o primeiro desafio do dia. Timmian demonstrou um pouquinho de medo, mas não hesitamos. Como se todas nos animássemos mutuamente, fomos em frente. Foi uma longa e penosa subida. Enquanto subia, eu pensava: *Se posso subir esse morro cheio de bois me encarando e com este sol abrasador, posso muitas coisas!* Lições do caminho!

No Hotel Muralha, em São Brás do Suaçuí, ficamos muito bem acomodadas em dois amplos apartamentos, de frente para a rua. Da sacada avistávamos belas casas bem construídas, com arquitetura nos moldes antigos e bonitos jardins. Após o banho, saímos para conhecer a cidade, o que não foi possível devido a uma inesperada chuva. Entramos rapidamente numa lanchonete que estava à luz de velas, pois o chuvisco se transformou em tempestade, deixando toda a cidade sem energia.

Já que tínhamos que ficar ali de 'castigo', repusemos as energias gastas no dia com um jantar demorado, acompanhado de cerveja bem gelada. A chuva não deu trégua, sendo necessário retornarmos ao hotel no carro do rapaz da lanchonete. As seis juntas! Naquela noite, a prudente Leda e sua inseparável lanterna nos foram de grande valia.

O grupo da sexta etapa com a companheira canadense Timmian, a segunda à esquerda.



2º dia: São Brás do Suaçuí › Entre Rios de Minas - 17 km

Nas fotos, é possível captar a alegria, o companheirismo, a solidariedade...

Acordamos bem dispostas, tomamos um farto café com leite e queijo legítimos da roça. Cecília, que deixara seus tênis na varanda, teve a desagradável surpresa de, pela manhã, encontrá-los encharcados.

O dia amanheceu lindo, céu azul e brisa agradável. Ao sair, cruzamos com uma senhora que caminhava, utilizando um cajado. Gilda era o nome dela, que rezou conosco o livro dos anjos (*Meditando com os Anjos*) no início da caminhada, como sempre fazemos, e nos acompanhou nos alongamentos. Ficou feliz ao ser convidada a fazer parte do grupo, mas em outra hora.

A estrada, evidentemente, estava barrenta. Cecília teve dificuldade para andar com sandálias. Caminhamos pela zona rural entre pastos e plantações de milho, uma linda paisagem! A certa altura, concordamos que era hora de parar para descansar e comer o sanduíche trazido do hotel.

Timian estava bastante queimada, não havia passado protetor solar, mas, caladinha, aguentou firme os dezessete quilômetros até Entre Rios de Minas. Revendo as fotos daquele dia é possível captar a alegria, o companheirismo, a solidariedade e, principalmente, a união de forças na hora de construir uma pinguela para atravessar um pequeno córrego.

Cansadas, chegamos a Entre Rios de Minas procurando pelo hospital, visto que a pousada recomendada por dona Maria, do Hotel Muralha, ficava ao lado. Chegando diante do hospital, olhando à esquerda, avistamos o seu Cícero, dono da pousada, acenando pra gente. Ele, muito atencioso, nos esperava ali porque a indicação da pousada era um

tanto confusa. A seta, onde se lia 'Dormitórios', indicava um porão, e era ali mesmo! Na parte de cima funcionava um bar de nome Arapuca. Abaixo, uma estranha arquitetura abrigava seis camas e, pela gentileza do casal (Beth, a esposa de seu Cícero, também foi nos receber), resolvemos ficar.

Seguindo a indicação da Beth, nosso almoço/jantar foi na Pensão São Mateus, da dona Maria, que nos serviu uma ótima refeição.

A cidade de Entre Rios de Minas nos surpreendeu, é bonita e limpa. Chamou a nossa atenção a grande quantidade de escolas, construções com arquitetura que, supomos, são do início do século passado. O prédio do hospital é belíssimo! O nome da cidade vem da sua situação geográfica, estando situada entre os rios Camapuã e Bruma.

Para a jornada do dia seguinte não tínhamos referências da estrada nem sabíamos se havia pousada, ou algo parecido, em Casa Grande. Pensamos em caminhar por alguns quilômetros e retornar, ficando mais uma noite em Entre Rios de Minas.

Foi nessas conjecturas que Dôra, talvez inspirada pela boa refeição, teve a brilhante ideia: *nada de ficar duas noites no mesmo lugar!* Grande decisão, Dôra! Decidimos fazer a caminhada em direção à Casa Grande e retornar a Entre Rios de Minas sim, mas para pegar um ônibus até Lagoa Dourada.



Igreja Matriz de Entre Rios.



As terras eram habitadas pelos ferozes índios Cataguases, que foram exterminados por uma expedição militar organizada especialmente para combatê-los. A região foi definitivamente ocupada pelos colonizadores a partir de 1713. Segundo documentação, o primeiro morador, Pedro Domingues, obteve de D. Brás Baltasar da Silveira, governador das capitanias de São Paulo e Minas Gerais, uma sesmaria entre os rios Brumado e Camapuã. Chamava-se Brumado (rio de muitas brumas), depois passou a Brumado do Suaçuí, para distinguir-se de outras localidades mineiras homônimas, e Vila de Entre Rios, em 1875. Tornou-se cidade em 1878, com o nome atual. Consta, no entanto, que o primeiro explorador a chegar à região foi o bandeirante Fernão Dias que, temendo encontrar os Cataguases, teria construído a alguns quilômetros, num lugar chamado Gambá, simples “colmados” ou malocas, onde mais tarde, em 1701, seria erguida a Casa de Pedra. Até hoje encontram-se por toda a região objetos que testemunham a vida indígena anterior à colonização. Também podem ser vistas as ruínas da Casa de Pedra do Gambá e trechos que restaram da Estrada Real. (*Guia de Ecoturismo da Estrada Real*, p. 92)

3º dia: Entre Rios de Minas > Lagoa Dourada - 58 km

Gelamos de medo com a presença de dois cães pastores.

Iniciamos a caminhada enfrentando dois quilômetros de asfalto, sem acostamento e de trânsito intenso, situação difícil e preocupante, pois não encontrávamos os marcos da Estrada Real. Seguindo a indicação de um senhor que passava, entramos à direita

numa bifurcação da estrada, indo em direção a um haras. Um carro parou ao nosso lado e o motorista, Ricardo, psicólogo morador em Entre Rios de Minas, parou o carro e conversou com a Leda, que já foi reclamando da falta de orientações para Casa Grande. Ao se despedir, disse que podíamos entrar na sua fazenda, logo à frente, para descansar e lanchar. Aceitamos o convite e, chegando na fazenda, ficamos encantadas com o maciço de bambus, ladeando a entrada, formando um túnel e, ao mesmo tempo, gelamos de medo com a presença de dois cães pastores. Passado o susto, sentamo-nos debaixo de um quiosque, mas não tínhamos fome, era cedo e a caminhada tinha sido curta. Retornando à estrada, passamos por uma criação de avestruzes e Timmian, muito admirada, fez várias fotos! Pensamos que era algo que ela jamais tinha visto de fato.

Quando achamos que tínhamos caminhado o suficiente de ida, retornamos para Entre Rios de Minas. No alojamento, ajeitamos nossas mochilas, pagamos a conta e fomos pegar o ônibus das 13:30 horas para Lagoa Dourada. Lagoa Dourada é famosa pela produção de rocamboles. O que mais se vê nas ruas centrais da cidade são padarias e afins com placas oferecendo a iguaria que vem com diversos tipos de recheios. As placas afirmam: 'O Rei do Rocambole', 'O tradicional Rocambole', 'O melhor Rocambole'...

Assuntando sobre hospedagem com os local peoples, indicaram-nos a Pousada das Vertentes. A pousada, um belo casarão, talvez do século XVI, estava sendo restaurada, devagar, mas com muito empenho, pela dona Haydê. *Restaurar a casa era o sonho do meu pai, que nunca pôde realizar*, ela nos disse.

Dona Haydê, após ouvir sobre as dificuldades que nos impediram de passar por Casa Grande na véspera, e do nosso plano de caminhar no dia seguinte naquela direção, telefonou para o primo dela, o seu Renato, criador do jumento Pêga na Fazenda do Vau.

Aquela conversa mudou nossos planos. No dia seguinte faríamos a caminhada costeira indo até a fazenda, que fica na mesma direção de Casa Grande, de forma que não sairíamos da Estrada Real.

Almoçamos no Restaurante Tremendão e, como anotou a Leda, comemos como boas filhas de Deus, muito bem atendidas pela Neusa.

Conhecer Haydê foi um privilégio. Já em idade avançada e com a saúde comprometida, administrava a pousada com a ajuda da irmã, Alba. O casarão, depois de restaurado, poderia receber até 100 pessoas, e o primo Renato garantiria os hóspedes, vindos de várias partes do mundo para conhecer o jumento Pêga. À noite, sentadas na copa, ouvimos delas muitas histórias. O casarão fora construído por padres que mantiveram ali o Colégio Santo Antônio, para rapazes. Alguns deles, na idade certa, faziam o Tiro de Guerra. O imóvel foi vendido para o pai de Haydê, que criou ali toda a família, em meio às ruínas. A restauração, sob a batuta da filha, só começou em 1998. Os quartos são imensos, de modo que pudemos ficar todas juntas, *emboladinhas**, como gostamos.

4º dia: Lagoa Dourada › Fazenda do Vau - 12 km

Na fazenda do Vau assistimos a uma aula de Zootecnia.

No dia seguinte, saindo da pousada, caminhamos cerca de doze quilômetros até a Fazenda do Vau. Estrada boa, de terra batida, com algum movimento de carros, passamos

.....

* Emboladinhas: convivência próxima das caminhantes, ficando de preferência em quartos grandes, todas juntas.

por muitas e belas fazendas. Os olhos agradeciam a exuberância das plantações, o viço do milharal, a terra arada esperando as sementes. Os cheiros também são bons mesmo quando passamos por um curral, cheiros de origem...

Estávamos quase a perder tempo em caminho errado quando a sensibilidade de caminhante da Cecília acusou: *Gente, isto não me parece estrada que leva à fazenda de jumento mundialmente conhecido*. Ela estava certa. Retornamos à estrada principal de onde não deveríamos ter saído. Às vezes, entrar por uma estrada desconhecida, menos viajada, pode nos trazer boas surpresas, mas não naquele dia.

Chegamos à fazenda por volta das 11 horas. Zelito, irmão do seu Renato, nos recebeu, muito alegre e gentil. As pessoas com as quais nos encontramos geralmente têm um certo respeito por nós. Penso que o fato de sermos caminhantes nos confere algo especial. Renato e Sônia, a esposa dele, chegaram trazendo a cozinheira e uma galinha para preparar o nosso almoço. Devido à insistência, foi difícil recusar a delicadeza. Convencidos de que isso atrasaria nossa volta para Belo Horizonte, declinaram.

O que presenciamos na Fazenda do Vau foi uma verdadeira aula de Zootecnia. A veterinária, com a ajuda de uma estagiária, coletou o sêmen de um jumento reprodutor. Foram momentos mesclados de surpresa, emoção e admiração. Cada uma de nós, depois, visualizou no microscópio os espermatozóides que seriam congelados por 12 horas e então, inseminados. Segundo o seu Renato, foi o avô dele quem fez o primeiro cruzamento, dando origem a esta nova espécie: o jumento Pêga. Fizemos várias fotos, registrando a visita que, podemos dizer, foi a melhor parte do trecho.

Zelito gentilmente nos levou de volta para Lagoa Dourada na sua caminhonete. Eu e Dôra na frente, as demais na carroceria, felizes ao sabor do vento. Paramos no Tremendão,

o mesmo restaurante da véspera, onde almoçamos em clima de festa, pois era o dia do aniversário da Cecília. A surpresa ficou por conta do bolo que Dôra, disfarçadamente, havia encomendado. Foi um belo final de jornada. Timmian, bem entrosada no grupo, apesar das diferenças de idade, estava radiante! Voltamos para a pousada e nos preparamos para partir. Saímos sem nos despedir de Haydê, que havia ido ao banco, mas felizmente a encontramos na rua voltando, com o filho. Mais uma 'brava' mulher das muitas que tivemos o prazer de conhecer pelos caminhos.



(Lagoa Dourada). A 32 km de Entre Rios de Minas, pela BR 383. O nome tem origem no ouro encontrado em uma lagoa. A ocupação do local começou por volta de 1625 com o assentamento da bandeira comandada por Oliveira Leitão. Em 1717, a região já estava bem povoada. Lagoa Dourada, emancipada em 1911, concentra suas atrações na zona rural. (...) A topografia privilegiada permite ainda boas caminhadas por estradinhas bucólicas que cruzam reservas de mata atlântica preservadas. Alguns trechos da Estrada Real levam a mirantes com ampla vista panorâmica. (...) Existem também trilhas por onde passaram os índios Cataguases, com vestígios de tocas e tabas da aldeia, na região de Catauá, próxima da cidade. (*Guia de Ecoturismo da Estrada Real*, p. 94)

Capítulo 9

Sétima etapa da Estrada Real - Caminho Velho

Prados ➤ Carrancas – 95 km

• Março de 2008

O Anjo da Ternura

A ternura da brisa sobre a relva, a ternura de um botão que se abre em flor, a mão que encontra o gesto perfeito, o toque que cura, o olhar de pura compreensão, sem pedir nada em troca. Em nossas vidas, a ternura se traduz na naturalidade de nossas ações porque a Alma dissolveu todo o medo de ser.

(Meditando com os Anjos, p. 60)

Para o planejamento dessa etapa, contamos com uma ajuda eficiente do pessoal do Instituto Estrada Real, especialmente o Rodrigo e a Paula. Por telefone e e-mail eles nos orientaram sobre o trecho entre Lagoa Dourada e Prados.

A Estrada Real ali se confundia com a estrada de asfalto para São João del-Rei, uma estrada movimentada e, naquela época, com vários trechos sem acostamento, muito perigosa para caminhantes. Eles nos desaconselharam fazê-la. Decidimos ir de ônibus até São João del-Rei, pernoitar na bela cidade colonial e, no dia seguinte, ir até Prados, onde retomaríamos a Estrada Real.

A novidade desse trecho foi que pudemos usar, pela primeira vez, uma planilha de distâncias entre os marcos, com as observações sobre a estrada e as indicações de latitude e longitude. Essas planilhas foram elaboradas por meio de trabalho *in loco* por técnicos do Instituto Estrada Real, usando nova tecnologia para medição, como o GPS. A partir dessa etapa, até o fim da viagem pela Estrada Real, as planilhas foram nossa principal ajuda. Leda, responsável pelo planejamento, as estudava antes de cada roteiro e todo o grupo as usava durante a caminhada. Foi, a partir de então, *um espetáculo!**

As caminhantes desse trecho foram: Magali, Leda, Cecília e eu, Sonia. Também contamos com a companhia da Nair, minha cunhada que mora em Londrina, no Paraná, e da Lígia, filha da Cecília, com o marido Cláudio e o filho Vinícius. Lígia e Cláudio, que viajavam de carro, nas férias, escolheram estar conosco e nos acompanharam, às vezes, bem de perto.

Saímos de Belo Horizonte em ônibus da Viação Sandra para São João del-Rei, no dia

.....

* *Um espetáculo!* – Expressão de admiração, de contentamento, muito usada pelas caminhantes nas suas observações dos caminhos.

24 de março. Quando eu e Nair chegamos à rodoviária de Belo Horizonte, as amigas agitaram os cajados no ar, numa saudação. Nesse gesto, toda a alegria de iniciar mais uma etapa de caminhada. Dôra, adoentada, não pôde estar conosco daquela vez, mas a sentimos bem próxima todo o tempo. Cecília fizera nossas reservas na Pousada Rotunda e, chegando em São João del-Rei, para lá fomos, carregando nossas mochilas. A pousada, localizada bem no centro de São João del-Rei, ao lado do complexo arquitetônico do Museu Ferroviário, tinha uma bela decoração, com uso de madeira, bem no estilo mineiro.

1º dia: Prados › Bichinho › Tiradentes - 16.7 km

Dona Lourdes, nosso grande anjo!

De São João del-Rei fomos, de ônibus, até Prados, onde iniciamos a caminhada para Tiradentes. O marco da Estrada Real, colocado logo abaixo do centro histórico, em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, nos tranquilizou. Era um bom prenúncio de que a estrada estaria bem sinalizada. Naquele dia, a jornada foi muito prazerosa. Passeamos por ruas onde se encontravam as melhores lojas de artesanatos, de 'encher os olhos'.

Tanto em Prados como em Bichinho a produção de artigos artesanais geram empregos, inclusão social e rendas para o município. Peças feitas na região podem ser encontradas em todo o país e, até, no exterior. Não há limites para a criatividade! São peças em palha, cabaças, cerâmica, madeira, sendo a reprodução de animais com esse material um dos mais procurados, e os leões, os preferidos. Em Bichinho, passamos defronte a uma linda igreja, mas toda cercada por muros altos e portão de ferro, fechado. Paramos

na Pousada Cipó e Arte, do Mauro e da Lena, conhecidos da Cecília, que já se hospedara lá com a família. Lígia, Cláudio e Vinícius chegaram em seguida. Entramos na pousada e enquanto Cláudio preparava as bicicletas para pedalar com o filho, admiramos as belas mobílias dos apartamentos, toda em cipó, feitas pelo próprio dono.

Retomando o caminho, o agradável aroma de uma loja de doces nos convidou a entrar. Vendia-se, ali, principalmente, cheirosas goiabadas e algum artesanato. Aproveitamos o local para comer o nosso lanche. A caminhada havia sido tranquila, sem surpresas ou dificuldades, e chegamos a Tiradentes por volta das 16 horas com a bela visão da Serra de São José. Fomos direto para o Pouso das Geraes, uma graciosa pousada onde já tínhamos reserva para o pernoite, feita pela Cecília, naturalmente.

Tomamos um banho bem relaxante e saímos para almoçar. Qual não foi a nossa surpresa ao encontrar todos os restaurantes e afins fechados. A cidade estava sem energia elétrica! Que fazer? Estávamos com muita fome. Após muito procurar, achamos uma lanchonete que estava com as portas descidas até o meio. Sem demora, entramos em busca de algum salgado, pelo menos. Saí pra rua, pois dentro da lanchonete estava escuro. Comia uma triste coxinha fria quando avistei uma senhora subindo a ladeira, porque de ladeiras é feita Tiradentes.

Após cumprimentá-la, expliquei a nossa situação e indaguei se, por acaso, ela sabia de algum lugar onde pudéssemos fazer uma refeição. Ela não sabia. Continuou subindo e, de repente, voltou-se e disse: *Eu moro logo ali, posso fazer um lanche pra vocês*. E, em seguida: *Lanche não, vou fazer uma sopa de legumes pra vocês!* E fez! Lourdes é o nome dessa pessoa generosa... Ela é natural de Tiradentes e trabalhou muitos anos na UFMG, em Belo Horizonte. Havia se aposentado e retornado à cidade natal. Deu-nos o seu endereço e quando lá

chegamos, a sopa já borbulhava na panela. Sentimo-nos muito bem ali, uma casa simples e acolhedora. Conversávamos à luz de velas enquanto Leda, ao celular, fazia contatos para organizar o dia seguinte, a questão de onde dormir, por exemplo, era uma incógnita.

Nem é preciso dizer que a sopa estava deliciosa! Foi um prazer saboreá-la enquanto conversávamos com dona Lourdes. Ao nos alimentar, ela fez muito mais que matar a fome dessas peregrinas, até então em apuros. Deixou-nos uma memorável lembrança de generosidade e delicadeza.



Às margens do Rio das Mortes e nas encostas da Serra de São José, nasceu o Arraial da Ponta do Morro de Santo Antônio, fundado em 1702, pelos bandeirantes João Siqueira Afonso e Antônio Bueno. Com a atividade mineradora o povoado logo se desenvolveu e em 1718 tornou-se Vila de São José del-Rei, nome dado em homenagem ao príncipe herdeiro de Portugal. Assim como não poupou nenhum dos núcleos da região, a decadência da mineração afetou São José del-Rei de tal maneira que a economia se deslocou para a área rural como solução de subsistência. Em 1850 a vila foi elevada à categoria de cidade, vindo a ganhar o nome atual com a proclamação da República em 1889. Tiradentes preserva em seu harmonioso centro histórico o traçado urbano colonial, o casario e as igrejas barrocas da primeira metade do século 18, época do apogeu da exploração do ouro. Atração curiosa é o passeio de Maria-Fumaça, entre a cidade e a vizinha São João del-Rei. A típica culinária mineira, servida em seus restaurantes e eventos culturais, também atrai os visitantes. (*Guia de Ecoturismo da Estrada Real*, p. 96)

2º dia: Tiradentes › Fazenda Celina - 15,65 km

Não há vida sem pão de queijo!

No café da manhã, Vinícius, como bom mineirinho, exclamou: *Não há vida sem pão de queijo!*

Saímos de Tiradentes em direção a São João del-Rei. Caminhamos três quilômetros até o povoado de Santa Cruz de Minas, onde tomamos um ônibus urbano de São João del-Rei para o centro da cidade. Seguindo orientações de pessoas locais, tomamos outro ônibus até o bairro Tejuco, descemos e retomamos a Estrada Real na direção de São Sebastião da Vitória, distrito de São João del-Rei, conforme indicava a planilha. Isso foi necessário para que não tivéssemos que atravessar a cidade.

Já sabíamos que o pernoite seria na Fazenda Celina. Penso que a Leda, mesmo depois de muitos telefonemas, não sabia exatamente onde ficava a tal fazenda. Pela planilha, estava a 15,6 quilômetros de São João del-Rei e a dez quilômetros de São Sebastião da Vitória. Pé na estrada...

Saindo da estrada principal, pegamos uma trilha difícil, em pasto aberto e bastante íngreme. Leda registrou no seu álbum de fotos: *Foi um dos trechos mais difíceis, uma Odisseia que estava só começando...* Felizmente, pudemos contar com a ajuda do Cláudio que, com sua bicicleta, desbravava o caminho à frente. Teve que carregá-la várias vezes quando a trilha não possibilitava a passagem. E, em outras tantas, nos ajudou nos imprevistos de uma trilha barrenta. Mas, também tivemos trechos bons, os rocamboles, e conseguimos chegar ao povoado do Rio das Mortes, onde fizemos um pequeno descanso, Leda ganhou uma linda rosa de um morador e seguimos em frente.

Andamos muito, sem qualquer indicação, visto que saímos da Estrada Real e, já presentindo o cair da noite, pegamos carona em um caminhão que transportava cimento. O prestativo motorista e seu ajudante conheciam a fazenda e nos deixaram numa entrada secundária, que era o caminho que tinham que fazer. Daquela porteira de traz ainda andamos bem uns dois quilômetros por trilha pouco usada e com capim alto. Acho que todas pensamos no perigo de cobras, mas ninguém comentou. A certa altura, tivemos que tirar as botas para atravessar um córrego. Havia uma pinguela, mas o mato a encobria e não a vimos. Passamos por um galinheiro, onde as moradoras, quietinhas, já se acomodavam em seus poleiros.

Não havia ninguém na casa da fazenda. Entramos, deixamos as mochilas a um canto, tiramos as botas, aliviando os pés e nos sentamos na varanda, admirando a paisagem, sentindo os cheiros da noite chegando. Hora de reconhecer a real importância das coisas, a valorização dos momentos... Akira Kurosawa, um dos cineastas mais importantes do Japão e de toda a história do cinema, sabia o que dizia quando no seu filme 'Sonhos' afirmou que *ar puro e água limpa são as coisas mais importantes da vida!* Escrever isto me lembra que é comum acontecer das coisas extraordinárias se tornarem banais, ordinárias, pelo hábito. Iniciar um dia de caminhada, pra nós, é sempre algo extraordinário, por mais repetitivo que seja.

Leonardo, responsável pela fazenda, com quem Leda havia conversado por telefone na véspera, estava no curral. Chegou se desculpando por não poder nos receber muito bem, visto que naquela mesma noite chegariam vários alunos da Universidade de Veterinária de Lavras com seu professor para um curso prático no final de semana.

Leo nos pareceu ser uma pessoa bem interessante. Não soubemos bem se era o dono

ou arrendatário da fazenda de criação de gado Gir. Agitado, não se sentava nunca e nos contou um pouco das tantas coisas que já tinha feito na vida. *Meu sonho é tornar a fazenda sustentável, só precisando comprar sal*, disse.

Eu e Nair ficamos em um quarto dentro da casa e as demais *colegas* ficaram do lado de fora. Elas tiveram que faxinar o quartinho, espantando as aranhas. Pelo menos tivemos onde dormir! O jantar foi uma deliciosa sopa de legumes que Lígia tinha deixado quase pronta. Lígia e a família seguiram de carro para pernoitarem em Carrancas.

3º dia: Fazenda Celina › São Sebastião da Vitória › Metade do caminho para Caquende - 18 km

Nesses momentos, falta-nos até a vontade de conversar!

Chovera durante a noite e a manhã estava radiante. No café tivemos a companhia dos alunos e alunas, universitários, numa conversa agradável sobre o curso de Veterinária. Colocamos nossas mochilas na caminhonete do Leo, conforme já combinado, para que ele as levasse até São Sebastião da Vitória, e saímos. Na porteira principal, diante de uma pequena capela de Santo Expedito, rezamos o livro dos anjos.

Até São Sebastião da Vitória, pela planilha, o percurso era de mais ou menos sete quilômetros, de estrada de terra e asfalto no final. Quase chegando lá, Leo nos alcançou. Subimos na caminhonete e, num instante, estávamos na pousada do seu Domingos, um abrigo simples à beira da estrada, ao lado de um posto de combustíveis, nosso único recurso para passar a noite. Combinamos o preço com seu Domingos, guardamos as mochilas e fomos ao posto comer alguma coisa.

No posto, encontramos com a Lígia, Cláudio e Vinícius, e aproveitamos para tratar

algumas providências para o dia seguinte. Depois da refeição simples, tomamos a rua principal de São Sebastião da Vitória, com intenso trânsito de carretas e, em seguida, a estrada para Caquende, que ficava a vinte e três quilômetros. Decidimos que, pelo adiantado do dia, faríamos a metade do trecho. Caminhamos pela estrada por onde trafegam ônibus de carreira, pois teríamos que voltar, num deles, para São Sebastião da Vitória. Em vista disso, não seguimos propriamente a Estrada Real, principalmente porque nos avisaram que ainda não haviam sido colocados todos os marcos sinalizadores.

Foi, como na véspera, um dia difícil. Pela hora avançada, o calor era muito e as sombras nenhuma, as subidas eram poucas, mas muito fortes. Nesses momentos, falta-nos até a vontade de conversar! Contudo, muitas vezes o silêncio nos faz muito bem.

Paramos para lanchar à sombra de uma árvore próxima a uma fábrica de laticínios. Logo à frente, à nossa espera, um morro enorme!!! Continuamos, enfrentamos o morro... Só mesmo amando o que fazemos!

Alguns quilômetros à frente chegamos a uma encruzilhada onde havia uma placa indicando 'Caquende à direita'. Calculamos que já tínhamos chegado à metade do trecho. Sentamos em um enorme tronco de árvore, acho que colocado ali exatamente para essa serventia, e esperamos o ônibus. Aos poucos foram chegando moradores locais para embarcar ou pegar encomendas trazidas no ônibus que vinha de São Sebastião da Vitória com destino a Caquende. Chegado o ônibus, embarcamos, visto que depois de Caquende o mesmo carro voltaria a São Sebastião da Vitória. No ônibus, ficamos tão entretidas com as conversas que ouvimos dos passageiros, casos interessantíssimos, que não vimos o temporal que desabou. Um caso, pelo menos, merece ser narrado. Chegando a Caquende, ainda chovia muito. Uma senhora da qual temos a foto, mas não o nome, estava

com várias sacolas. Como ninguém a esperava no ponto para ajudá-la, não teve dúvida, desceu avisando o motorista: *Leve de volta as sacolas que amanhã eu pego!* Despedimo-nos e agradecemos os muitos votos de boa caminhada daqueles que ficaram em Caquende. Continuamos no ônibus, de volta a São Sebastião da Vitória. O motorista, Denílson, gentilmente nos deixou na frente da pousada do seu Domingos. Após o banho, fomos ao já referido posto, onde jantamos uma comida mineira e churrasco.

4º dia: São Sebastião da Vitória › Caquende › Capela do Saco › Carrancas - 39 km

Dona Chica estava toda arrumada com unhas feitas, batom e muita alegria.

Preparar o nosso café da manhã na cozinha do seu Domingos, onde era também o dormitório dele, foi algo bastante inusitado para nós. Na véspera, Denílson já tinha nos informado que o ônibus passaria, às 6:30 horas, próximo à pousada. Antes desse horário já estávamos no ponto. Cecília tirou uma bela foto na neblina. Isso sim é hora de pôr os pés na estrada!

Fomos no ônibus até a encruzilhada onde havíamos parado no dia anterior. Despedimo-nos do Denílson e do Preto, apelido do cobrador pelo qual ele fazia questão de ser chamado. Eles deixariam nossas mochilas no Bar da Dona Chica, em Caquende. Essas gentilezas que as pessoas simples desses lugares nos dispensam, além de ajudar, me fazem pensar. Eu considero isso fatos extraordinários! Vivendo nos grandes centros, estou acostumada com o comum, o ordinário, que é sempre pagar pelo que preciso e, não raro, ficar mal servida.



Saindo bem cedinho para Caquende com a companheira Nair, à direita.

Era a época em que as quaresmeiras estavam em sua florada máxima, pintando as matas em tons de azul e roxo. Naquele dia tivemos nosso melhor desempenho. Na manhã fresca, caminhamos tranquilamente os onze quilômetros que faltavam até Caquende. No caminho, encontramos um vereador de São João del-Rei que parou o carro, indagou sobre a nossa caminhada e pediu ao rapaz que o acompanhava que fizesse uma foto conosco. Não temos a menor ideia do uso que faria dela.

Um pouco adiante, Maria Cecília, que estava à frente, parou, voltou-se para nós e disse estar pensando em regras para o grupo. Com a colaboração de todas, as regras ficaram assim:

1. Sentir segurança, mesmo em presença do desconhecido.
2. Confiar nas forças e apoio do caminho.
3. Amar verdadeiramente o que está fazendo.
4. Gostar da simplicidade e abrir mão do conforto.
5. Saber que conviver com o diferente enriquece.

As primeiras pessoas que nos viram chegar à Caquende se admiraram com a nossa rapidez. Já éramos esperadas e fomos a sensação do lugarejo naquele dia. Encontramos dona Chica toda arrumada, unhas feitas, batom e muita alegria. Ela nos convidou a entrar na sua casa, anexa ao bar, e nos serviu café com broa de fubá que, de tão boa, anotamos a receita.

Caquende é distrito de São João del-Rei e, naquela época, não tinha mais que cem habitantes. Capela do Saco, na outra margem da barragem, pertence ao município de Carrancas. Essas foram as informações dadas pela Lígia, que passara por lá antes de nós.

Pegamos as nossas mochilas e nos despedimos, agradecidas. Ainda passamos pela casa da Tida, moradora que faz da sua casa ponto de vendas de quitandas e trabalhos artesanais de várias pessoas do lugar. Com a balsa estragada, Lígia já deixara combinado com o barqueiro Edgar para nos ajudar na travessia da represa de Camargos*. Edgar estava na outra margem. Acho que ele esperava que chegássemos mais tarde e foi difícil fazê-lo nos ver, só mesmo com muitos gritos e acenos. A colaboração da Lígia e do Cláudio, naquela etapa, foi de alta relevância. Em Capela do Saco o nosso almoço também já estava encomendado por eles, na Pousada Reis. Isso tornou leve o nosso dia, sem imprevistos ou afobações. Sirlene, além de nos preparar o almoço, permitiu que usássemos dois quartos sem nos cobrar mais por isso. Tomamos banho, descansamos, lavamos roupa. Poder fazer isso foi bom, principalmente para

.....

* A Represa de Camargos está situada entre os municípios de Itutinga, Nazareno, Carrancas, São João del-Rei e Madre Deus de Minas. Seu lago foi formado com o represamento do Rio Grande pela barragem da Usina de Camargos que iniciou sua operação em 1960. A área do reservatório é de 73,35 Km², e o volume de acumulação é de 797,63 (hm³). Os frequentadores do lago são na maioria proprietários de imóveis no entorno do mesmo, que fazem desse seu local de lazer. Também são muitos os que utilizam o lago para a prática de esportes náuticos, como jet ski, caiaques, esqui aquático, barcos a vela, natação, etc. (<http://www.represadecamargos.com.br>)

a Nair, que teve a roupa molhada no barco. Quem ainda não sabia aprendeu que é necessário colocar todas as roupas dentro de saco plástico, e só então guardá-las na mochila.

Após o ótimo almoço, mas sem verduras ou legumes, saímos para conhecer o lugar, começando pela Igreja de Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem, segundo Sirlene, fiel guardiã das chaves da igreja, foi encontrada num rio. O cemitério fica ao redor da igreja e parece que ali ninguém morre, pois os túmulos existentes são muito antigos. Muitas das casas que vimos estavam fechadas. Elas pertencem às pessoas de Barbacena e de São João del-Rei que vão ali apenas nos finais de semana para o lazer na represa.

De volta à pousada, tomamos um cafezinho com biscoitos comprados da Tida. A conversa ia animada quando a Maria Cecília propôs que continuássemos a caminhada. Pretendíamos esperar o ônibus escolar da prefeitura, que traria os alunos no final da tarde, e seguiríamos nele para Carrancas. A proposta, assim de repente, nos pegou desprevenidas, mas por que não? Ficar horas paradas sem coisa alguma pra fazer não é do nosso estilo.

Caminhamos mais ou menos cinco quilômetros, perfazendo um total de dezesseis no dia, quando o Rodrigo, motorista do escolar, nos alcançou nas proximidades de Carrancas. Era final de tarde e o sol ia se pondo num crepúsculo apocalíptico! A paisagem foi adquirindo novas cores, o recorte das árvores e das montanhas contra as nuvens avermelhadas, algum gado nos pastos... Bom mesmo é ficar em silêncio, só contemplando...

Rodrigo nos deixou na Pousada das Candeias. Lígia, Cláudio e Vinícius já estavam lá. Pedro, o arrendatário da pousada, mostrou-se simpático e bom cozinheiro. Aproveitamos o jantar para comemorar, com antecipação, o aniversário da Nair, com caldos, crepes e vinho, tudo delicioso! É provável que ela jamais sonhou passar um aniversário assim, tão longe da família e com novos amigos.

Comemoração do aniversário da Nair em Carrancas. Lígia e Cláudio, à direita.



Tanto os bandeirantes de São Paulo, como os de Taubaté, faziam incursões na região em busca de ouro e para a exploração dos sertões. Por volta de 1720, dois desses grupos se encontraram às margens do Rio Grande e, empolgados com o potencial da região, decidiram se instalar juntos. Mandaram buscar as famílias e os escravos, ergueram uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, e criaram o povoado de Nossa Senhora da Conceição do Rio Grande, embora o ouro fosse descoberto somente em regiões circunvizinhas, as terras férteis propiciaram o desenvolvimento da agricultura e a expansão do núcleo. As escavações feitas na serra, associadas a duas grandes rochas, desenharam a forma semelhante a caras, o que fez com que a localidade, já em 1748, passasse a ser chamada de Nossa Senhora de Carranca. Mais tarde o município, criado em 1948, adquiriu o nome de Carrancas. A natureza generosa que envolve a cidade lhe garantiu o atual título de Cidade das Serras e Cachoeiras. (*Guia de Ecoturismo da Estrada Real*, p. 102)

5º dia: Carrancas › Morro Cruz das Almas - 5 km

Não há esbanjamento na criação?

Após o café, saímos rumo ao morro Cruz das Almas. Foram cinco quilômetros de pura subida. Bem, morro é morro! Lá no topo há um marco da Estrada Real, a vista é de 360 graus, sendo possível ver a bela represa de Camargos e alguns povoados em redor.

Não há esbanjamento na criação? Assim pergunta D. Helder Câmara em um de seus poemas, quando se deixa maravilhar pela generosidade do Criador.

Capítulo 10

Oitava etapa da Estrada Real - Caminho Velho

Carrancas ➤ São Lourenço - 106 km

• Maio de 2008

O Anjo do Propósito

Quando sabemos qual é o nosso propósito, o trabalho da Alma se realiza da melhor maneira possível através do nosso corpo. Um propósito claro elimina todas as dúvidas, pois imediatamente identificamos aquilo que nos conduz à nossa meta ou nos desvia dela. A energia em nossas vidas é imensa quando uma clareza de propósito está sempre presente.

Você sabe qual é a sua razão de ser? (Meditando com os Anjos, p. 74)

Participaram dessa etapa Maria Cecília, Magali, Timmian e eu, Sonia. Dessa vez Leda não nos acompanhou, pois sua mãe havia falecido naqueles dias. Ela fez essa etapa em agosto do mesmo ano, junto com duas amigas, Beth e Regina. Seu relato vem em seguida. Dôra também não nos acompanhou, mas fizemos um adendo na caminhada indo visitá-la em Campanha.

Timmian, pela segunda vez fazendo parte do grupo, e eu, saímos de Belo Horizonte para Lavras, nos juntando às companheiras que nos aguardavam na rodoviária daquela cidade: a Cecília, vinda de Poços de Caldas, e a Magali, vinda de Curitiba passando por São Paulo. Almoçamos ali mesmo em Lavras e pegamos outro ônibus para Carrancas, chegando à noite, e nos hospedamos novamente na Pousada das Candeias.

No roteiro elaborado pela Leda, a caminhada no dia seguinte seria em direção ao Hotel Fazenda Traituba. Infelizmente, soubemos que o hotel estava fechado para reformas. Tivemos que procurar uma alternativa para o pernoite do dia seguinte.

Fomos falar com Núbia, da agência de turismo de Carrancas, que em nada pôde ajudar, mas recomendou que procurássemos o seu Dutra na mercearia. O seu Dutra se inteirou do nosso problema e, imediatamente, pegou o telefone e ligou para Eliane, esposa do Marcelo, motorista do escolar da prefeitura. A casa deles, nas proximidades do Hotel Traituba, seria um ótimo local para nos abrigar. Depois de ouvir o seu Dutra ela, com certeza, disse: *Como vou receber essas pessoas que nem conheço?* E ele: *Mas eu conheço!* Estávamos ali havia apenas dez minutos! Tudo acertado, Marcelo pegaria nossas mochilas na Pousada Candeias e nós faríamos a quilometragem planejada para aquele dia.

Voltamos para a pousada. Pedro não pôde fazer o nosso jantar, então fomos ao restaurante 'Olé... Olá', da Marília e seu marido porto-riquenho, comer uma deliciosa *paella*

de frango. Timmian não nos acompanhou, preferiu dormir mais cedo. Nem a *paella*, tampouco a cerveja, aqueceram a Cecília, que se ressentia com o frio, aquele frio que faz a respiração esfumaçar!



A fazenda Traituba surgiu no lugar denominado “Rancho da Traituba”, um dinâmico pouso para tropeiros. [...] Quinze anos depois, este “imenso rancho” transformou-se na imponente Fazenda Traituba, construída pelo coronel João Pedro Diniz Junqueira [...] Trata-se de uma construção arrojada para os padrões da época e, especialmente, para uma sede ligada à atividade agropastoril e ao abastecimento interno. Segundo a tradição familiar, a sede era composta de dois pavimentos, mais um mirante, num total de 25 quartos, sete salas e dependências domésticas. Foi construída para receber D. Pedro I, que nunca veio, pois tão logo a fazenda ficou pronta, ele abdicou do trono. Também se comenta que o proprietário ficou bastante endividado em razão dos gastos com a construção da sede. (*Elites Regionais e a Formação do Estado Imperial Brasileiro*, p. 125)

1º dia: Carrancas > Casa da Eliane e do Marcelo (Chácara Vista Alegre) - 29,5 km

Todos ficaram encantados com Timmian.

Acordamos com uma linda manhã de outono, tomamos o café às 7 horas e deixamos as mochilas na recepção. Antes de pegar a estrada, fomos na mercearia do seu Dutra. Fizemos fotos e agradecemos a grande ajuda que ele nos prestou.

O caminho se apresentou árido. Era época de secas prolongadas e não havia nenhuma flor para fotografar, conforme pedido da Leda. As subidas eram leves e os marcos sinalizavam muito bem o caminho. Depois de caminharmos cerca de dezessete quilômetros, pegamos carona em um caminhão que fazia entrega de farelo de trigo nas fazendas da região. Fomos com Michel, o motorista, até a antiga Fazenda Bananal, contando mais de trezentos anos, muito empobrecida. A fazenda estava sem manutenção, em completa decadência. Dona Nezinha, a proprietária, em cadeira de rodas, lúcida apesar dos 91 anos, não queria que fôssemos embora sem tomar um cafezinho. Fizemos fotos com ela e voltamos para a estrada, ainda no caminhão.

Michel nos deixou a uns duzentos metros da casa do Marcelo. Eliane já nos esperava na estrada e nos cumprimentamos com abraços, como se nos conhecêssemos há tempos... Na casa simples, mas muito acolhedora, ela nos cedeu o seu próprio quarto.

O fogão à lenha, com serpentina, nos proporcionou um ótimo banho. Após o jantar, quando os filhos do casal chegaram, nos reunimos na sala para as fotos. Todos ficaram encantados com Timmian pelo fato de ela ser estrangeira e ser de tão longe. E ela retribuiu à altura, mostrando simpatia. Mais uma vez, a generosidade dos *local people* possibilitou a nossa caminhada.

2º dia: Casa da Eliane e Marcelo (Chácara Vista Alegre) › Cruzília - 35,8 km

É a minha medida, para não passar mal!

Eliane nos serviu o café com queijo feito por ela mesma. Maria Cecília saiu pela chácara fotografando as flores do jardim vernacular.

Na véspera, Marcelo já tinha combinado com um mecânico de Cruzília, o Tati, de transportar as mochilas. Essa providência foi da maior relevância pra nós, desde que ficou decidido, ainda na terceira etapa, que não mais carregaríamos as mochilas pesadas. Despedimo-nos muitíssimo agradecidas e pegamos a estrada. Alguns quilômetros adiante avistamos a fazenda Traituba. Na impossibilidade de ao menos conhecer o imponente casarão, sentamos num grande tronco de árvore caída e fizemos a leitura do livro dos anjos.

*Em frente à fazenda
Traituba perto de
Cruzília.*



Conforme Marcelo já tinha previsto, tivemos dúvida quanto à direção que devíamos seguir quando chegamos em frente a uma determinada fazenda. Eu, com os pés cheios de bolhas e sentindo muita dor, peguei carona com Danile, motorista de caminhão com carregamento de pedras. Danile foi muito gentil, me deixando na porta do Hotel Central, do seu Justo, em Cruzília. As demais companheiras, depois de encontrarem o caminho certo, ainda caminharam mais seis quilômetros e também pegaram carona com um carro de transporte de escolares nas proximidades da Fazenda do Narciso.

No marco nº 1091 está escrito: *O distrito da Encruzilhada, hoje Cruzília, tem seu nome ligado ao cruzamento do Caminho Velho da Estrada Real com a picada que seguia em direção a Goiás...*

Por volta das 16 horas estávamos todas no hotel, ansiosas por um banho, mas Tati só chegou com as nossas mochilas às 18 horas. Finalmente tomamos nossos banhos e, bem agasalhadas, fomos jantar no restaurante do próprio hotel. Na cozinha, comandada por dona Maria dos Anjos, esposa do seu Justo, a peça principal era o belo fogão à lenha, recoberto com um material parecido com inox que, segundo ela, é folha de flandres. Certamente... Comida caseira muito bem temperada, muita batata frita que Timmian adorou! Cerveja bem gelada, porque para isso Maria Cecília é exigente. Magali bebeu apenas um copo: *É a minha medida para não passar mal*. Eu, menos sensata, exagerei e tive forte dor de cabeça à noite, e noite mal dormida reflete em mau desempenho na caminhada do dia seguinte.

Antes de ir para o apartamento dormir, fomos à praça da igreja, que tem lindos lâmpões na iluminação. Maria Cecília se encantou com a farmácia antiga, a que chamou de apotek, denominação em alemão para farmácia, lembrando das vezes que precisamos comprar remédios numa antiga viagem, passando por Munique.

3º dia: Cruzília › Caxambu - 20,4 km (Visita para a Dôra, em Campanha)

Delicioso e exótico chá de alfavaca!

O carrilhão da igreja nos fez pular da cama às 6 horas. Tomamos o café no restaurante, providenciamos o lanche para a caminhada e saímos, aproveitando as primeiras horas da manhã. Novamente o Tati se incumbiria de levar as mochilas e nos apanhar na estrada, numa hora determinada, levando-nos até a rodoviária de Caxambu.

A caminhada, no início, foi do jeito que gostamos. Estrada boa, de terra batida, sombreada e com muitos pássaros. Maria Cecília me emprestou as suas sandálias e pude caminhar melhor até a entrada de Baependi. Infelizmente, o que era bom acabou e tivemos que enfrentar asfalto com trânsito pesado de caminhões e carretas, até que resolvemos parar e esperar o Tati. Foram momentos difíceis. Ficamos por mais de uma hora à beira da estrada, expostas àquele trânsito intenso e sob sol quentíssimo. Afinal, Tati chegou, e com ele estava uma moça de nome Vilma. Pouco antes da entrada de Caxambu, cidade na qual pegaríamos o ônibus para Cambuquira, onde Dôra estaria nos esperando, Tati, influenciado pela Vilma, propôs nos levar até Cambuquira. Aceitamos imediatamente. Foi muito mais confortável e mais barato do que nos custariam as passagens de ônibus. O caminho se faz ao andar.

Na rodoviária de Cambuquira, Dôra e a irmã dela, Natália, já nos esperavam com o Macarrão, apelido do motorista da van que nos levou à Campanha. Nosso encontro foi uma alegria! Chegando em Campanha, fomos almoçar no Restaurante do Coquinho e, depois, fizemos um breve *city tour*, incluindo no circuito a belíssima Catedral, os 'chalés' da Dôra, o aristocrático Colégio Sion e, finalmente, chegamos à casa da Dôra, onde a

mesa já estava posta para o lanche. Enquanto ela nos mostrava a casa, todas falávamos ao mesmo tempo! Quantas coisas para contar... Cada uma já estava com seu quarto preparado, tudo com muito carinho. Após lanchar, tomar banho e acomodar nossas coisas, fomos para o 'Casarão' da família Marques Carvalho.

Dôra é a sétima filha entre os quinze filhos do seu Milton e dona Margarida. Nena, uma das irmãs, nos recebeu no Casarão, mostrou todas as dependências, contando as histórias que ali se desenrolaram. E quantas histórias, numa família tão numerosa! Natália nos mostrou o livro de atas do 'Casarão', onde já estava registrada a visita do nosso grupo. Em meio àquela agradável conversa, em volta da grande mesa, foram servidos deliciosos pastéis e sopa de legumes, muito apropriada para o frio que fazia. Como sobremesa, doces de abóbora e laranja. Para finalizar, delicioso e exótico chá de alfavaca.



Nena, a primeira à esquerda, nos recebe no casarão da família Marques de Carvalho.

Campanha não está no traçado da Estrada Real sinalizada pelos marcos, mas é cidade histórica, tendo, inclusive, recebido a Princesa Isabel, que ali passou uma temporada em 1868.

4º dia: Caxambu › São Lourenço - 20,6 km

Um agrado a mais do familhão.

Quando nos levantamos, Dôra já tinha colocado o café na mesa e providenciado nossos lanches de trilha... Só temos a agradecer a generosidade da amiga!

Por volta das 7 horas, Macarrão nos apanhou, juntamente com Dôra e Natália, e nos levou até Caxambu, onde, solenemente, ocupamos dois apartamentos conjugados no famoso e tradicional Hotel Glória. Normalmente não usamos hotéis caros nas nossas caminhadas. Ficar ali só foi possível graças à intervenção da Natália com a gerência do hotel, que aceitou fazer uma redução no preço da diária pelo fato de o hotel, na época, estar vazio. Um agrado a mais do *familhão*! Na despedida, fizemos fotos na frente do hotel, registro dos momentos especiais passados em Campanha, que só fizeram enriquecer nossas jornadas.

Retomamos nossa condição de caminhantes na bucólica estrada para São Lourenço. Na estrada com pouco movimento, trânsito local apenas, percorremos nove quilômetros e retornamos a Caxambu, somando dezoito quilômetros a caminhada do dia.

Almoçamos no centro da cidade e, debaixo de chuva fina e intermitente, passeamos pelo Parque das Águas, lugar muito aprazível, com suas famosas fontes de água mineral. Apreciamos, apenas, as belas vitrines das lojas do pequeno centro comercial,

comemos pizza e, depois, o merecido sono no Hotel Glória.

No dia seguinte, voltamos para casa: Timmian e eu, às 8 horas, para Belo Horizonte; Magali, às 8:15, para São Paulo, e dali para Curitiba, às 11 horas; Maria Cecília tomou o ônibus para Poços de Caldas, onde residia na época.

Leda e Regina relatam a oitava etapa da Estrada Real, entre Carrancas e São Lourenço, em agosto de 2008

A caminhada de Leda e Regina foi feita entre 18 e 28 de agosto de 2008, seguindo o roteiro prévio do grupo e contando já com as nossas dicas e experiências, visto termos feito o trecho em maio. Elas fizeram os relatos originais da caminhada. Leda, a meu pedido, fez uma compilação e revisão desses relatos:

Em primeiríssimo lugar, um grande agradecimento, do fundo do coração, às amigas Regina e Beth, que se dispuseram a me acompanhar nesse trecho da Estrada Real, caminhada prevista para ocorrer entre 26 e 31 de maio de 2008. E, de fato, ela ocorreu para Magali, Maria Cecília, Sônia e Timmian, a garota canadense. Eu não pude ir. Mamãe caiu na quarta-feira, 21 de maio, à tardinha, e quebrou o fêmur. Teve que ser imediatamente hospitalizada e sofreu uma cirurgia. Infelizmente, não conseguiu se recuperar e veio a falecer na madrugada da sexta para o sábado, 24 de maio. Estava com quase 91 anos. Foi, certamente, uma das mais dolorosas experiências que vivi.

Como não havia perdido ainda nenhum dos trechos da Estrada Real, resolvi fazê-lo

antes da próxima etapa, e as amigas prontamente se dispuseram a acompanhar-me: Regina já havia feito conosco uma breve caminhada de dois dias entre Conceição do Mato Dentro, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro, em 2007, e todo o caminho dos Passos de Anchieta. Já fez o caminho do Pico da Bandeira e tinha já tarimba de caminhante. Beth tem costume de andar, mas era a primeira vez que estaria caminhando vários dias seguidos. Estava um pouco receosa, mas deu conta do recado com muita garra e alegria!

De Belo Horizonte a Lavras, e de Lavras a Carrancas, por ônibus:

Saímos da Rodoviária de Belo Horizonte pela Viação Gardênia com destino à cidade de Lavras, às 10 horas. Em Lavras, a Beth telefonou para sua irmã que, com seu marido, nos pegou na rodoviária. O simpático casal nos levou para almoçar no centro de Lavras, no restaurante O Tropeiro, que tem um cartaz escrito 'comida mineira ao vivo'. Sabe-se lá o que isto significa! Com as energias repostas, eles nos levaram de volta à rodoviária, mas, antes, tivemos direito a um 'city tour' pela cidade e pela famosa Universidade Federal de Lavras. A cidade é muito bonita e o campus maravilhoso, com belos prédios e jardins! Nos encantamos com os ipês amarelos e tiramos algumas fotos lá. Saímos da cidade felizes com a calorosa acolhida da irmã da Beth e seu marido! A viagem até Carrancas levou pouco mais de hora e meia: de Lavras a Itutinga, numa estrada mais movimentada e, depois, de Itutinga até Carrancas, numa típica estrada rural recentemente pavimentada. Esta sim é uma estrada belíssima, que sobe e sobe e sobe e, depois, desce e desce e desce: a famosa Serra de Carrancas. A vista é linda! Parece que o ônibus é um avião se preparando para aterrissar. Ficamos sabendo em Carrancas que aquela serra sempre dificultou,

e muito, o contato da cidade com o lado de Lavras. A principal via de comunicação era a estrada que passa por Cruzília ou Minduri e dali a Baependi e Caxambu.

Chegamos a Carrancas por volta das 18 horas. Tínhamos reserva feita na Pousada do Pedro – a Pousada das Candeias – mas, antes, fizemos questão de ir até a mercearia do seu Dutra, na praça central da cidade, para agradecer-lhe a ajuda dada às companheiras que ali estiveram em maio.

Voltando para a pousada, a Regina parou numa padaria indicada pelo senhor Dutra para pegar o telefone de uma pessoa que ela conhecera em uma viagem recente. Esta conhecida veio imediatamente nos buscar, de carro, e levou-nos à pousada para que tomássemos banho e, depois, fomos conhecer a cidade. Quis que conhecêssemos a casa onde ela morava, alugada de uma antropóloga/arqueóloga que vive em outra cidade. A casa é toda tipo 'bicho grilo', rústica e esotérica, charmosa, mas talvez pouco prática. Parece que Carrancas faz parte do circuito esotérico, que tem em São Tomé das Letras e Aiuruoca seus principais polos na região.

Essa amiga da Beth perdeu uma filha e, evidentemente, isso causou a ela e ao marido um grande trauma. Ela nos levou para ver a casa que estão construindo, pois escolheram viver em Carrancas, um local mais isolado e de boas energias. Sentimos que seu tempo ali tem sido um tempo de cura para feridas profundas...

Nesse trajeto existe uma cachoeira. Já era noite e a lua ainda não havia aparecido. Seguimos por uma trilha com uma lanterninha a nos guiar até o local da cachoeira. Um momento de silêncio e paz, ouvindo as águas rolando nas pedras...

No jantar, comemos a melhor truta do mundo num restaurante da praça, perto da igreja matriz. De fato, a truta estava uma delícia! Acompanhada de uma cerveja bem

gelada, preparou-nos o estômago e a alma para uma suave noite de sono na Pousada do Pedro. Quando chegamos à pousada, fizemos o pagamento e certifiquei-me com o Pedro de que estava tudo certo no contato com a Eliane e o Marcelo, para dormir lá no dia seguinte. A amiga da Regina, nossa extraordinária anfitriã, que parecia saber tudo de Carrancas, nos disse que a saída para a fazenda Traituba, nosso roteiro do dia seguinte, era pelo alto, próximo à pousada. Nem pensamos em checar essa informação: isso foi um erro. Primeira lição do caminho que iríamos reconhecer mais tarde!

Primeiro dia de caminhada, com Beth e Regina.



1º dia: De Carrancas à Chácara Vista Alegre, 5 km antes da Fazenda Traituba: pelos erros de trajeto, caminhamos mais de 20 km

Levantamos às 6 horas, tomamos um café bem reforçado, preparamos o lanche de tripla e ganhamos a estrada às 7:30 horas. Estávamos iniciando nossa caminhada de quatro dias com muita energia e emoção. Seguimos pela estrada indicada pela amiga da Regina com destino à Fazenda Traituba.

Antes de sair, já tínhamos sido avisadas que o Marcelo, da Chácara Vista Alegre, onde pernoitaríamos, havia telefonado dizendo que não poderia nos resgatar na estrada para nos levar até a casa dele porque estaria fazendo campanha eleitoral com o prefeito de Carrancas. De qualquer maneira, não poderíamos caminhar os 30 km entre Carrancas e a Fazenda Traituba. O Pedro, da Pousada Candeias, nos tranquilizou dizendo que o ônibus escolar passava pela mesma estrada e poderia nos dar carona. Por precaução, ficamos com o número do celular do Marcelo bem às mãos.

Na saída da cidade, pessoas locais confirmaram a direção da estrada para a Fazenda Traituba, mas não avistamos nenhum marco da Estrada Real. Achamos que isso indicava a pouca atenção da prefeitura local à Estrada Real. Seguimos tranquilas, o tempo estava bom, com pouco sol e calor. A estrada de terra era muito boa, de vez em quando passava um carro ou caminhão. Andamos cerca de 14 km, até às 12:30 horas, por uma estrada de chão batido bem larga.

Paramos para descansar e lanchar. Então, numa saída da estrada principal, à esquerda, lá estava um marco da Estrada Real! Viva! Estávamos no caminho certo! O marco indicava que estávamos a 15,3 quilômetros de Carrancas e a quase 15 quilômetros da

Fazenda Traituba. Se o marco apontava para a estradinha rural, tínhamos que ir pela estradinha rural, saindo da estrada principal.

Não tínhamos dúvidas de que a estrada principal nos levaria até Traituba. Mas, quem sabe aquela estradinha rural, que tinha o marco, não seria um atalho? E lá fomos nós. Andamos pouco mais de 1 km e vimos outro marco. Mas, algo nos intrigou: o marco indicava que estávamos mais perto de Carrancas do que de Traituba. Notamos isso e pensamos: Esse povo da Estrada Real fez um erro na colocação dos marcos! Então, por sorte, vimos uma casa de fazenda mais à esquerda da estrada e duas mulheres indo em direção a ela. Nossa alegria tinha dois motivos: já passava de uma da tarde, o calor aumentava e nós estávamos sem água: a Beth bebe muita água e já havia acabado com duas garrafinhas. As duas outras só tinham um pouco. Não vimos quase nenhuma fazenda na estrada principal desde Carrancas, apenas um riacho, debaixo de uma ponte. Não podíamos continuar assim.

Era a 'Fazenda Canundá', ainda no município de Carrancas, onde mora Dona Elzy, mais conhecida por Ziza. Também estava lá sua filha, Maria Tereza. Tomamos água, proseamos um pouco e, após informações pouco precisas, reiniciamos a caminhada. Eram 13:30 horas.

O próximo marco encontrado continuava diminuindo a distância para Carrancas. Matamos a charada: estávamos voltando para Carrancas! Nesse erro, andamos cinco quilômetros voltando para Carrancas e mais 5 Km para retornar ao primeiro marco que havíamos encontrado e retomar a estrada que, sabíamos, nos levaria na direção de Traituba.

Cansamos o corpo numa subida íngreme e ficamos meio sem graça pela nossa desatenção na saída de Carrancas. Após vários telefonemas para a casa do Marcelo e troca de

informações com a Eliane, sua esposa, ficamos num entroncamento da estrada esperando o ônibus escolar que não demorou a passar e nos deixou perto da casa do Marcelo. Eliane nos recebeu como se já nos conhecesse e já fomos tomar banho e, em seguida, jantar. Depois de uma boa prosa, fomos dormir. Aprendemos, nesse dia, que toda informação para sair da cidade deve ser checada mais de uma vez.

Ao retornar a Belo Horizonte, Leda nos contou que a foto que tiramos com a família do Marcelo e Eliane estava lá, num porta-retratos, num móvel da sala. Esse hábito de enviar as fotos que tiramos com nossos anjos do caminho sempre foi da incumbência da Dôra. Junto com a foto, ela enviava um cartão de agradecimentos dizendo:

Prezados amigos, chegamos em casa depois da caminhada e encontramos tudo em paz. Agradecemos a vocês, anjos do caminho, que nos acolhem, estimulam, colaboram e, sobretudo, nos ajudam a resolver as questões práticas que enfrentamos ao caminhar. Sem vocês nossa aventura seria muito diferente. Que Deus abençoe e proteja seus trabalhos, suas famílias e que continuem a dar apoio a outros caminhantes. Obrigada por tudo.

O relato dos demais dias da viagem se baseia, sobretudo, no texto da Regina.

2º dia: Da Chácara Vista Alegre a Cruzília - 35,8 km

Café na barriga, matula na mochila. Com o erro do dia anterior, ficamos inseguras, mas o Marcelo nos orientou bem sobre a direção da Fazenda Traituba e, de lá, para a Fazenda

Maria Cecília, onde o Senhor Tati nos apanharia para nos levar até Cruzília. Pela planilha, esse trecho tem quase 36 quilômetros de distância, o que é muito para um dia, então, planejamos caminhar cerca de vinte quilômetros até o ponto combinado para o resgate.



Houve no século XIX, no entorno da Fazenda Traituba, uma das maiores revoltas de escravos do Brasil. No dia 13 de maio de 1833, escravos da Fazenda Campo Alegre, de propriedade de Gabriel Francisco Junqueira, se rebelaram sob o comando do cativo Ventura Mina. Mataram o filho do patrão e levaram a revolta para outras fazendas, assassinando os seus proprietários e familiares. Foi um sangrento episódio que repercutiu na região, ficando na memória social, sendo até hoje lembrada pelos moradores locais. (Livre citação do livro *Elites regionais e a formação do Estado Imperial Brasileiro*, p. 299)

A paisagem nessa região é linda! As casas de fazenda, centenárias, nesse trecho, são de grande porte, majestosas, e testemunham um passado de glórias e de produção agropecuária. Hoje, as fazendas foram subdivididas e a atividade econômica se limita à criação de gado, com algumas plantações de batata, feijão e milho para consumo próprio e para forragem. O céu continuava azul, sem nuvens, e podíamos ver a lua bem branca durante o dia. Caminhamos até às 13 horas, fizemos uma parada técnica, com direito a água, banana passas, castanha do Pará, nozes e os quitutes preparados por Eliane. Telefonamos para o Senhor Tati nos buscar e retomamos a caminhada. Estávamos muito cansadas, mas seguimos em frente. Logo, ouvimos o barulho da caminhonete D20 do Senhor Tati.

Cruzília é uma cidade limpa e bonita. Segundo moradores, é o berço do cavalo 'Manga Larga Marchador' e também foi a primeira cidade de Minas a receber vacas importadas de Portugal para produção de leite. Lá, eram fabricados queijos finos por imigrantes dinamarqueses. Hoje a fábrica só produz a 'isca' para que outros laticínios façam os diversos produtos derivados do leite. Cruzília fez a migração de seu talento de fazer artesanato em madeira para a indústria de móveis, transformando-se em um polo moveleiro. Almoçamos em um restaurante típico de cidade de interior uma refeição com arroz, feijão, carne, salada, batatas fritas, e a nossa cervejinha, claro! À noite, comemos uma succulenta sopa de macarrão com feijão. Durante o '*city tour*' pelo centro da cidade, visitamos e rezamos na igreja católica. É uma igreja de cor clara, com imagens lindas de santos. Rezamos e Beth assistiu à missa. Após esse momento litúrgico, um momento bucólico: a visão do belíssimo casario colonial, sentadas num banco da praça principal.

Guardaremos boas recordações de Cruzília. Lá, ouvimos o belo e nostálgico som dos sinos da igreja. Momento lindo, ímpar! Também nos lembraremos do Senhor Justo, da sua esposa e filho, donos do 'Bar e Restaurante Central', onde nos hospedamos. Na boa prosa que sempre privilegiamos ter com as pessoas que nos atendem, ficamos sabendo que o Senhor Justo nasceu 'na roça' e foi, durante anos, trabalhador rural. Já idoso, administra tudo e está sempre presente no bar e restaurante.

3º dia: De Cruzília a Baependi/Caxambu - 20,4 km

Sáímos da cidade com cuidado, procurando os marcos da Estrada Real. Sempre perguntando, sempre parando em cada marco e lendo a altitude e as distâncias entre as

duas cidades. Aliás, fizemos isso durante todo o caminho.

O trecho da Estrada Real que vai da cidade de Cruzília para a cidade de Baependi é muito bonito, com uma topografia ondulada e algumas subidas bem íngremes, que aguentamos bem. Passamos por propriedades rurais bem cuidadas que estavam em franca produção, principalmente com o cultivo do café. Notamos as casas bem conservadas, com ares modernos. O céu continuava azul, uma brisa soprava leve e nos aliviava o calor.

Chegando à estrada asfaltada, perto de Baependi, conseguimos uma carona no carro de dois viajantes que nos deixaram em Caxambu. Em boa hora conseguimos essa carona, pois, no asfalto, o bom é andar em cima de rodas! Gostamos de caminhar calcando o pé no chão, bendito chão de Minas!

Chegamos a Caxambu. Que bom! Fomos procurar pouso, o que só conseguimos na terceira tentativa, no Hotel Lopes, onde nos instalamos muito bem, com direito a banho de piscina aquecida. Relaxamos pra valer! Comemos uma boa comida, tomamos a nossa cerveja, passeamos pelo centro da cidade e, antes de voltar ao hotel, tomamos um café e comemos pudim. Infelizmente o Parque das Águas estava fechado para reformas. Uma pena não podermos aproveitar aquele espaço maravilhoso de águas termais e vegetação exuberante! Antes de dormir, tomamos a providência de contratar o serviço de um charreteiro para nos levar até o Sítio Primavera, distante cerca de seis Km de Caxambu, onde começaria a nossa caminhada.

4º dia: De Caxambu a São Lourenço - 22,9 km

O dia amanheceu excepcionalmente lindo. Tomamos um ótimo café no hotel, pagamos a conta e saímos. O charreteiro contratado na véspera, Rodrigo, já nos aguardava na

frente do hotel. Nos acomodamos na charrete, tiramos fotos para eternizar esse episódio peculiar e raro! O cavalo foi trotando, e nós, sacolejando. O Rodrigo, rapaz bem informado, durante o trajeto foi contando as histórias de Caxambu. Cobrou-nos R\$35,00 pelo transporte e pelos 'causos'!

O trecho que caminhamos, do Sítio Primavera ao trevo de São Lourenço, foi dos mais lindos. Plano, com muito verde e poucos morros. Nós já estávamos acostumadas com o caminhar. Nossos pés já tinham uma certa autonomia de movimento. Como de hábito e necessidade, uma parada técnica para descansar e lanchar.



Na charrete no caminho para São Lourenço.

Chegando ao trevo de São Lourenço esperamos o ônibus circular que nos levou à rodoviária. Compramos passagem para Belo Horizonte no ônibus da Viação Gardênia, que só sairia às 22 horas. Por isso, decidimos usar um hotel para tomar banho, vestir roupas limpas e descansar. Ainda tínhamos tempo para um breve passeio e jantar.

São Lourenço nos pareceu um centro muito bonito. Comemos lombo de porco com o tradicional feijão tropeiro. Voltamos ao hotel, pagamos a conta, pegamos as malas, usamos novamente um ônibus circular e fomos para a rodoviária.

Chegamos em Belo Horizonte às 5 horas da manhã do dia 23 de agosto de 2008. Aprendemos muito sobre o caminho, sobre nós mesmas e sobre a arte de caminhar. Enquanto as pernas aguentarem, vamos caminhar...

Capítulo 11

Nona etapa da Estrada Real - Caminho Velho

São Lourenço ➤ Guaratinguetá - 114 km

• *Setembro de 2008*

O Anjo do Desapego

O maior ato de desapego é soltar o passado e as preocupações com o futuro e viver no momento presente. Quando fazemos isto, concentramos nossa energia e não nos desvitalizamos com críticas, comparações e julgamentos. O desapego nos liberta da culpa e do arrependimento, que são um grande desperdício de energia. No momento presente, não precisamos possuir ou perder nada. (Meditando com os Anjos, p. 82)

Participaram dessa etapa Leda, Maria Cecília, Magali, Juliana, que é filha da Magali, Regina e eu, Sonia. A caminhada aconteceu entre os dias 8 e 15 de setembro de 2008. Como das vezes anteriores, Leda ficou encarregada pela montagem do roteiro e Cecília pelas questões logísticas de transporte e reservas nas pousadas. Essa questão das reservas para o pernoite foi a medida para *evitar de problema**.

Nessa etapa tivemos, novamente, o prazer de estar em Campanha antes de iniciar a jornada, visto que Dôra, ainda impossibilitada de caminhar, se fez presente recebendo o grupo mais uma vez.

Leda, Regina e eu viajamos em ônibus da Viação Gardênia e chegamos na rodoviária de Campanha às 17:30 horas. Dôra e a sobrinha dela, Raquel, já nos esperavam. Como Leda e Regina não conheciam a cidade, Raquel as levou para um breve passeio. Eu já fui direto para a casa nova da Dôra, assim como Maria Cecília, Magali e Juliana, que chegaram às 20:30 horas, vindas de Poços de Caldas.

Juntas, fomos para o casarão da família comer os já tradicionais pastéis e a sopa de legumes. No mês de julho daquele ano foi comemorado o centenário de nascimento do seu Milton Carvalho, pai da Dôra. Tivemos a oportunidade de ver os vários documentos, fotos e reportagens expostos, lembranças da vida familiar e pública, tendo o seu Milton sido prefeito da cidade.

.....

* *Evitar de problema* - Uma das expressões mais antigas do nosso dicionário iconoclástico, significa garantir ausência de conflito ou situação difícil.

1º dia: São Lourenço › Pouso Alto - 14 km | Pouso Alto › Capivari - 11 km

Beth, irmã da Dôra, e, segundo nos disse, a irmã número 12.

Levantamos às 5:30 horas e, como da outra vez em Campanha, o café já estava na mesa e nossos lanches de trilha devidamente preparados pela gentil amiga hospedeira.

A van contratada para nos levar até São Lourenço chegou, não com o Macarrão, mas com o Miojo! Não é brincadeira, esses são realmente os apelidos dos motoristas. Despedidas, fotos, e lá íamos nós quando alguém se lembrou de perguntar ao Miojo se ele seguiria levando nossas mochilas até Capivari. Não, ele não podia, tinha outro compromisso. A solução foi esperar outro motorista, o Jerônimo. Enquanto esperávamos o Jerônimo no pátio da Catedral, chegou a Beth, irmã da Dôra e, segundo nos disse, a irmã número 12. Ela ficou conversando conosco até a chegada da outra van.

Em São Lourenço procuramos nos informar sobre o primeiro marco da Estrada Real e não foi difícil localizá-lo. Despedimo-nos do Jerônimo que seguiu com as nossas mochilas para deixá-las em Capivari.

A estrada era pouco íngreme e com boa sinalização, o que nos trazia tranquilidade, mas já eram 9 horas e o sol começava a esquentar. Cruzamos a rua principal de Pouso Alto e nos arriscamos a subir por uma rua absurdamente íngreme para conhecer a igreja, de aparência simples, mas que nos surpreendeu com os lindos vitrais.

Após abastecer nossas garrafas de água, porque não ficamos comprando garrafas descartáveis a toda hora, temos senso ecológico, pegamos a estrada para São Sebastião do Rio Verde. Ainda encontramos alguns marcos, mas àquela certa altura, a planilha que Leda providenciara foi nosso único recurso. Faltando mais ou menos quatro quilômetros

para Capivari, eu e Maria Cecília pegamos uma carona. As demais colegas ainda caminharam um pouco mais e também pegaram carona, visto que já estava anoitecendo.

Jantamos num posto de combustíveis, à beira da estrada, em um *self-service* ao preço de R\$ 6,00 por pessoa. A pousada O Caipira, ao lado do posto, um chalé de dois pavimentos com três camas embaixo e três em cima, nos acomodou muito bem e ali passamos a noite. Na madrugada, acordei com fortíssima dor na perna. Leda me fez massagem com arnica e Maria Cecília doou-me seu analgésico. Consegui dormir, mas pela manhã ficou a dúvida se eu conseguiria caminhar. Decidi ir em frente, com o apoio das colegas.

2º dia: Capivari > Itamonte - 16 km

É uma bela metáfora para a nossa vida...

O céu nublado e as nuvens baixas nos davam a impressão de que poderia chover. Lembramos que ainda não havíamos tido nenhum dia de chuva desde que iniciamos a jornada. Caminhar com chuva nos dá muito prazer também, pois evita o calor que tanto nos massacra nos dias de sol quente. Lembro de Mário Quintana e seu *Pequeno Poema de Após Chuva*:

Frescor agradecido de capim molhado/Como alguém que chorou/E depois sentiu uma grande, uma quase envergonhada alegria/Por ter a vida continuada.

Encontramos o primeiro marco. Depois, a indicação da planilha era virar à direita ao chegar numa praça. Entretanto, chegando lá, não vimos nenhuma indicação de Estrada

Real. Ficamos um tempo indagando os transeuntes até que uma moça, de nome Claudionéia, nos deu a direção correta e, para confirmar, perguntou a outra pessoa que passava, o João Carlos, que confirmou. Confiamos neles e seguimos. No trecho entre Capivari e Itamonte não encontramos nenhum marco.

Passamos pela imponente entrada do haras Cachoeira do Coura, margeando uma corredeira, com um barulhinho de água correndo que embalou nossos passos. Por volta das 13 horas chegamos ao sítio do seu Salvador que, muito gentil, nos convidou a entrar na grande varanda da sua casa e nos serviu água fresca. Bom de conversa como são os mineiros, falou que os marcos não haviam sido colocados devido às chuvas e locais de difícil acesso. Despedimo-nos e tomamos o rumo que ele nos indicou. Depois de passar por uma pequena ponte de madeira, uma subida imensa nos aguardava. Olhei a estrada e quase desanimei. O sol estava fortíssimo. Tomei coragem e fui na frente. A superação dessas dificuldades nos confere condições para vencer os desafios do cotidiano na vida. Olhar um caminho à frente e o outro atrás, já percorrido, é uma bela metáfora para a nossa vida.

Até Itamonte foram quinze quilômetros. Faltando dois quilômetros para chegar, eu e Maria Cecília pegamos carona com um caminhoneiro que fazia entrega de ração para trutas. Essa foi a dica para o nosso jantar. E foi isso mesmo que pedimos no restaurante do Hotel Thomas. Após o jantar, um passeio na pequena cidade, de poucos atrativos.

O Hotel Thomas ficava numa rua que liga São Lourenço à Via Dutra, com trânsito intenso de caminhões e carretas a noite toda. Só conseguimos dormir porque estávamos muito cansadas.

A caminho de Itamonte. o



3º dia: Itamonte > Passa Quatro - 18 km

Passa Quatro nos encantou!

A manhã estava clara, prometendo sol quente. Com exceção do café 'água de batata', inclusive Regina recomendou que mudassem a receita, o desjejum estava muito bom.

Acho que o barulho noturno nos fez acordar tão cedo que às 7:30 horas já estávamos na estrada. Caminhando com a sombra das árvores, coisa rara de encontrar, nos sentimos muito bem. Às 10 horas já estávamos em Itanhandu, a capital do ovo no Estado de Minas Gerais. Passamos por inúmeras granjas, sendo a maior delas a Granja Santa Clara, muito apropriado o nome, que produz 1500 ovos por dia. Essa informação nos foi dada por um empregado da granja. De Itanhandu a Passa Quatro o caminho continuou bom, com grande número de pessoas transitando, principalmente com bicicletas.

Chegar a Passa Quatro nos custou muito. Parecia que a indicação dos marcos nos enganavam, criando uma expectativa ilusória. Talvez a causa disso tenha sido o calor e o nosso cansaço. Chegamos na cidade, finalmente, e ainda caminhamos muito tempo, seguindo a velha linha de trem desativada, até a Pousada São Rafael, do casal César e Suzana.

Como diz a Leda, o bom vem depois do difícil! Descansamos à beira da piscina, aproveitamos a sauna e lanchamos em meio a um lindo jardim com orquídeas, numa florada exuberante: olho de boneca, segundo a Magali, *Dendrobium nobile*, segundo a ciência. Durante o trajeto já tínhamos observado essas orquídeas cobrindo troncos de árvores, em lugares ermos. Orquídeas são plantas altamente evoluídas que não necessitam de terra nem de água, captam a umidade do ar através de suas raízes.

Passa Quatro nos encantou com seus casarões antigos bem conservados, ruas limpas e povo hospitaleiro. Até o calçamento é tombado. Estávamos em setembro, ipês tardios ainda mostravam sua beleza. O ipê, árvore símbolo do Brasil*, na extremada seca do inverno, na iminência da morte, explode em flores, perpetuando a espécie.

.....

* O ipê-amarelo-da-serra foi oficialmente considerado símbolo do Brasil pela Lei nº6.607 de 7 de setembro de 1978.

*Olha o Dendrobium
nobile, aí! Que beleza!*



Jantamos na Cantina Nápoles uma excelente pasta com *bracciola*, *porpeta* e *nhoque*! Tudo delicioso, num ambiente acolhedor, com quadros e músicas lembrando as belas cidades italianas. Saindo da cantina, passeamos por uma grande avenida que segue paralela aos trilhos já relatados acima. O *city tour* se prolongou, pois nos sentíamos muito bem dispostas. Incrível como o corpo se recupera!

4º dia: Passa Quatro > Cruzeiro - 20 km

Tiraram as sandálias e refrescaram os pés na água gelada.

No dia seguinte, saindo da pousada, percorremos muitas ruas. Sair da cidade exige paciência e atenção extras. Passamos pelo asilo e, depois de atravessar a linha do trem – sempre o saudoso trem – chegamos à estrada de terra. Seguimos por uma serra e, no topo dela, a paisagem que se nos descortinou foi maravilhosa! Um mar de montanhas, de tamanhos crescentes, com névoa na base!

Chegando à estrada asfaltada, nos deparamos com um grupo de pessoas indo em romaria para Aparecida do Norte. Que fé tem boa parte do povo brasileiro na padroeira do Brasil, segundo a Igreja Católica!

O trecho foi de grandes subidas, pois estávamos em plena Serra da Mantiqueira! Segundo os índios Guaianazes, Amantiquir, a serra que chora!

Fizemos uma parada técnica num posto de combustível no Alto da Mantiqueira, onde inúmeros ônibus estavam estacionados para o lanche dos romeiros. Cosversamos com o seu Sodero, professor universitário de Lorena, que guiava um grupo de pessoas de São Paulo para conhecer o local histórico, palco de batalhas na Revolução de 1932, e a traves-

sar a Garganta do Embaú. No passado, essa era a única passagem no Vale do Paraíba que ligava São Paulo às Minas. O seu Sodero nos presenteou com um exemplar do seu livro *Estrada Real: o caminho do ouro*.



Esse túnel foi um importante ponto estratégico na Revolução de 1932, a chamada Revolução Constitucionalista, quando tropas mineiras, apoiadas pelo governo federal, enfrentaram os paulistas revoltosos. Em um primeiro momento, as tropas de São Paulo conquistaram o túnel, que foi, em seguida, após dois meses de batalhas, recuperado pelas forças mineiras. Foram muitos mortos de lado a lado e um monumento foi construído reverenciando os que tombaram no local. Um dos combatentes que depois ficou famoso foi Juscelino Kubitschek, que serviu como médico cirurgião no trem-hospital que dava apoio às tropas mineiras. (*Viagem do naturalista Saint-Hilaire por toda a província de Minas Gerais*, p. 169)

A passagem pela Garganta do Embaú, região de muitas referências históricas, foi muito prazerosa! Primeiro fomos por uma trilha, em meio à mata densa e exuberante, onde percebíamos, de quando em quando, barulhos de bichos. Depois, caminhamos pelos velhos trilhos de uma estrada de ferro construída pelos ingleses no tempo do Imperador Dom Pedro II, que seguiu a mesma trilha usada pelos bandeirantes paulistas para adentrar as Minas Gerais, nos séculos XVII e XVIII, vindos do planalto paulista.



Descendo a Garganta do Embaú.

Ao passar por um pequeno riacho, eu e Juliana refrescamos os pés na água gelada! Mais à frente havia uma bica de água potável, para nossa alegria! Além de saciar a nossa sede, serviu para Maria Cecília, Juliana e Leda refrescarem até a cabeça! No trecho à frente, muitas pedras! Cautela! Lições do caminho!

Ao chegar à estrada asfaltada, vendo que era uma rodovia de trânsito intenso, decidimos pegar carona para chegar ao Hotel Fazenda Pedra Branca, situado a dez quilômetros da cidade de Cruzeiro. Atravessamos a pista e acenamos para o primeiro carro que vinha. O motorista parou e tivemos a grata surpresa de reconhecer o César, da Pousada de Passa Quatro. Não pode ser coincidência...

Para encerrar um dia magnífico, nada melhor que uma hospedagem em antiga fazenda cafeeira, restaurada e transformada em hotel. O Hotel Fazenda Pedra Branca, da Beth, que atende principalmente caminhantes da Estrada Real, foi uma próspera fazenda de café. Ao lado da casa grande há uma imponente construção que foi sede da Bolsa do

Café e, na época, estava sendo reformada para se tornar um restaurante. Podemos supor que o antigo dono, parente distante da Beth, possa ter sido um dos muitos barões do café do Estado de São Paulo.

Aproveitamos a piscina e descansamos em redes debaixo de enormes abacateiros. Tomamos banho e jantamos. Era noite de lua cheia... Linda! Depois de um dia de caminhada, cansativa sim, mas muito prazerosa, a beleza também se instala dentro da gente...

5º dia: Cruzeiro › Cachoeira Paulista - 21 km

Façam cara de inteligente, depois voltem ao normal.

Após uma noite bem dormida, fomos acordadas bem cedo pela cantoria dos galos. Conforme Beth havia prometido, o café foi servido às 6:30 horas. Despedimo-nos na frente da bela casa e Juliana, ao fazer a foto, disse: *Façam cara de inteligente, depois voltem ao normal.*

Não tínhamos reservas para a noite seguinte em Cachoeira Paulista. Essa era uma questão para ser resolvida durante a caminhada que, naquele dia, foi tranquila, com céu nublado e temperatura amena. A cada passo, as dificuldades pessoais, quando surgem, vão sendo amenizadas pelo apoio e gentilezas das companheiras. A sinalização com os marcos estava de acordo com a planilha. Essa confiança é fundamental para nos tocar pra frente, com o prazer que queremos tirar dessa atividade. Já nos aproximando de Cachoeira Paulista, Betinha, filha da Beth, nos alcançou de carro com seu noivo. Ela levava nossas mochilas para a Pousada do Feijão, indicada pela Beth. Enquanto caminhávamos, Maria Cecília ligou do celular e teve a confirmação de que poderiam nos receber.

Entrando em Cachoeira Paulista, o grupo de caminhantes *En beneficio de la salud*

chamou a atenção de pessoas locais que se aproximaram, pensando, talvez, que fôssemos romeiras. Já cansadas, não esticamos as conversas e, numa dessas abordagens, uma mulher perguntou à Leda, que vinha caminhando com a Magali, o que ela era da Magali, ao que Leda respondeu, num átimo: *É uma colega!* Quá, quá, quá! Foi a reação das outras companheiras que se aproximavam. Pronto! Leda sofreu chacota de todas, especialmente da Magali, pelo resto da caminhada! E, *colega** passou a ser mais um termo do dicionário do grupo!

A Pousada do Feijão, bastante confortável, foi criada, como muitas outras, especialmente para hospedar os romeiros que chegam para os eventos da Canção Nova, um movimento da Renovação Carismática da Igreja Católica. Ficamos impressionadas com as instalações que visitamos, seu tamanho e a múltipla estrutura para abrigar eventos com milhares de participantes: ginásios, restaurantes e refeitórios, lojas para venda de artigos religiosos e até uma vila de ruas com moradias construídas para abrigar pessoas e famílias que vêm de outras partes do Brasil para serviço voluntário no mega espaço.

6º dia: Cachoeira Paulista › Guaratinguetá - 14 km

Na rodoviária de Guaratinguetá, tomamos banho na pia.

No trecho desse dia, não seguimos as planilhas da Estrada Real pela dificuldade de encontrar os marcos sinalizadores e também por termos sido informadas sobre o alto índice de criminalidade na região durante aquela época. Contratamos um motorista de carro

.....

* *Colega*: termo que passou a ser usado de forma irônica pelas componentes do grupo para designar umas às outras, em vez de amigas, ou companheiras.

grande, o Marcos, com sua Zafira, que nos apanhou às 7:15 horas para nos levar até a rodoviária de Guaratinguetá pela Via Dutra, onde deixamos guardadas nossas mochilas no guarda-volumes e compramos nossas passagens para o retorno às nossas casas. Em seguida, voltamos com ele por uns quinze quilômetros, na direção de Lorena, onde, localizado um marco da Estrada Real, iniciamos a caminhada do dia, na direção de Guaratinguetá.

Caminhando por estrada asfaltada, numa região colonizada por imigrantes europeus, avistamos muitas e belas fazendas com casas modernas. Passamos por várias plantações de arroz na água e, pela primeira vez avistamos árvores conhecidas como Santa Bárbara, Cinamomo ou Amargoseira (*Melia azedarach*) que apresentei às amigas mineiras que não a conheciam. A Santa Bárbara é um tipo de árvore originária da Ásia e Índia, mas que se adaptou muito bem no Brasil, principalmente no estado de São Paulo, sendo até confundida com árvore brasileira. Suas flores se apresentam em forma de buquê, na cor lilás, muito bonitas. Sendo eu do interior de São Paulo, me lembrava bem delas.

Perto de Guaratinguetá, uma deliciosa chuvinha fina nos surpreendeu e, por volta das 13 horas, já na entrada da cidade, paramos e esperamos o ônibus que nos levou até a rodoviária. Lá, tomamos banho na pia, trocamos de roupa, fomos almoçar no Shopping Buriti e aguardar o horário de saída do ônibus para Belo Horizonte. Leda e Maria Cecília queriam muito, e conseguiram, visitar o mosteiro do Frei Galvão, o primeiro santo nascido no Brasil, e receber as famosas Pílulas da Fé. Diariamente são produzidas milhares dessas pílulas que, num ínfimo pedaço de papel, traz escrita a frase *Após o parto, Virgem, permaneceste intacta. Mãe de Deus, intercedei por nós*, escrita em latim.

Retorno para casa.

Capítulo 12

Décima etapa da Estrada Real - Caminho Velho

Guaratinguetá ➤ Paraty 91,6 km

• Novembro de 2008

O Anjo do Deleite

É importante saber relacionar-se com o prazer, com uma certa capacidade de trazer a luz para dentro de todas as coisas: ao contatar pessoas, no estar presente na Natureza, na fidelidade de um bichinho de estimação, em estar bem consigo mesmo. Deleite é um prazer que vem de dentro pra fora e se relaciona com o que está fora, de modo a torná-lo ainda mais luminoso. (Meditando com os Anjos, p. 92)

Essa última etapa do Caminho Velho foi realizada entre os dias 10 e 17 de novembro de 2008. Nela, Dôra voltou à estrada, com cuidados. O grupo de Belo Horizonte, com Maria Cecília, Leda, Dôra, Regina e eu, saiu de Belo Horizonte em ônibus da Viação Cometa. Nós nos encontramos, em São Paulo, com Magali e Juliana, vindas de Curitiba. Tomamos outro ônibus para Guaratinguetá, onde o taxista, Marcos, já nosso conhecido da etapa anterior, esperava para nos levar ao Hotel Royal. Chegamos já à noite com tempo apenas para o banho e um jantarzinho num *self-service*, com comida bem restolhadinha. Depois, fomos dormir.

1º dia: Guaratinguetá › Hotel Fazenda São Francisco - 25 km

Numa prosa boa, tomando o cafezinho do policial.

Saindo do hotel, fomos conhecer a Igreja de Santo Antônio, em cujo teto há uma pintura de São Miguel. Passamos pela estátua de Frei Galvão, nosso santo brasileiro, muito cultuado por ser de Guaratinguetá, atravessamos grande parte da cidade, passando sob o viaduto da Via Dutra, e alcançamos a estrada.

Em trecho bem sinalizado com os marcos e também com sinalização convencional, lá fomos rumo ao Hotel Fazenda São Francisco, no município de Cunha. Céu nublado, rápidas pancadas de chuva, estrada de asfalto e um desvio que eu e Regina, caminhando à frente, não vimos. As *colegas* pediram a um motociclista que passava que nos alertasse. Deveríamos carregar um apito para essas situações. A bem da verdade, nós até ganhamos da Teresa, nossa amiga caminhante espanhola, um pequeno artefato que, quando apertado, emite um som idêntico ao que, durante a Segunda Guerra Mundial, os resis-

tentes na Espanha usavam para se identificar. No entanto, acho que nunca nos lembramos de levá-lo nas caminhadas.

Após caminhar cinco quilômetros, paramos em um posto da polícia rodoviária, um local aprazível, com sombra de árvores e um jardimzinho, perfeito para um pequeno descanso. O Tenente Altenir, no plantão, muito simpático, mandou o ajudante seu João 'Prefeito' (sic) buscar a garrafa térmica com café, e ali ficamos, numa prosa boa, tomando o cafezinho do policial. *Eita nós!*

Voltamos à estrada de terra batida, cercada por muitas montanhas, e começamos a subida da Serra do Caminho do Quebra Cangalha. Debaixo de chuva, vencemos os 18 quilômetros, contados a partir do primeiro marco, no Bar do Mané. Ao longo do caminho vimos muitos sítios e casas de campo. Leda e Magali se atrasaram porque não paravam de conversar... e de rir. Eu e Regina nos adiantamos e entramos no sítio do seu Alaor, atraídas pela beleza dos lírios amarelos no jardim da sua Fazenda Santa Helena.

As *colegas* nos alcançaram e o seu Alaor teve uma plateia interessada em ouvir os seus 'causos'. Ele nos contou que foi motorista de caminhão e transportou muito gado de raça por esse Brasil afora. Aposentado, ele e sua esposa, Maria Helena, produzem doces com frutas frescas do próprio pomar e, também, fazem defumados. Muito atencioso e grato pela nossa visita, nos mostrou o defumador, explicando como funcionava. Compramos e saboreamos ali mesmo um peito de frango defumado, acompanhado de deliciosa cerveja bem gelada, naturalmente!

Ainda faltavam sete quilômetros para o Hotel Fazenda São Francisco. Seu Alaor se ofereceu para nos levar e lá fomos, todas as seis, espremidas no pequeno carro. Segundo nos disse o seu Alaor, naquele trecho encontram-se muitos sítios e bons restaurantes

para receber gente abastada que passa a caminho de Angra dos Reis e Paraty.

O seu Francisco, dono do hotel e amigo do seu Alaor, nos recebeu calorosamente. Dôra preferiu não caminhar naquele dia e chegou ao hotel antes de nós, com o taxista Marcos, e se encarregou de distribuir nossas mochilas nos chalés.

Na entrada do hotel admiramos uma majestosa *Maple tree*, comumente conhecida como bordo ou plátano, árvore cuja folha, estilizada, aparece na bandeira do Canadá. Encontramos um belo jardim com hortênsias, em plena florada. Não poderia faltar a capela, em honra a São Francisco, onde rezamos a linda oração.

O jantar, de boa gastronomia, constou de: salada de legumes e folhas, caldo de brócolis, filé de frango com palmito e macarrão ao *pesto*, tudo bem acompanhado de cerveja artesanal alemã. Foi uma confraternização!



Começando a última etapa do Caminho Velho.

2º dia: Hotel Fazenda São Francisco › Cunha - 22 km

Cunha, uma verdadeira Fuscópolis.

Fomos acordadas pelo zurrar do jumento Virgulino e pelo canto de passarinhos: um jeito bom de começar o dia! Tomamos um farto café da manhã, quase um café colonial! O garçom que nos serviu, Marco Aurélio, atencioso, parecia estar testando todos os seus conhecimentos do ofício.

Após pagar a conta e preparar o lanche de trilha, falamos com seu Francisco a necessidade que tínhamos de um carro de apoio para Dôra e as mochilas, até Cunha. Na impossibilidade de contratar alguém, a esposa dele se comprometeu a fazê-lo, pois teria mesmo que ir à cidade. Bonito gesto: era a ajuda de mais um 'anjo'.

Ao deixar a pousada para chegar à estrada, contornamos a casa grande da fazenda, belíssima construção colonial onde reside o proprietário, e fomos por um caminho de roça com muito verde, muitas flores e bichos.

Caminhamos por estrada asfaltada por dez quilômetros. Achamos muito desagradável isso, principalmente quando há grande trânsito e o acostamento não é nivelado, como naquele trecho. Finalmente, a indicação mudou o rumo, no sentido de uma estrada de terra. Muitas flores, manacás da serra, que Leda fotografa com prazer, subida forte e chuva caindo para amenizar o calor.

Logo notamos a passagem de vários carros tipo 'Fusca'. Mais tarde soubemos que a cidade de Cunha é uma das cidades brasileiras com mais 'fuscas' circulando. Uma verdadeira 'fuscópolis'! Cunha é, também, o município de maior território no Estado de São Paulo. Não sei a quem isso possa interessar, mas fica o registro.

Já quase completando vinte quilômetros, exaustas, passou por nós um caminhão azul e o motorista, Jessé, um orgulhoso proprietário de dois ‘fuscas’, nos ofereceu carona. Subimos todas na carroçaria, aliviadas. A descida do caminhão foi mais difícil que a subida. Maria Cecília caiu sobre um formigueiro com várias formigas lava-pés! Eu ganhei um pé estropiado... O ponto em que Jessé nos deixou estava longe da Pousada Vila Rica, da Cristina, e chegar até lá não foi tarefa fácil.

Na pousada, Dôra já tinha tomado várias providências, como, novamente, dividir as ocupantes dos apartamentos com as mochilas de cada uma; providenciar transporte para o dia seguinte e colocar nossas roupas pra secar. Lembramos que ainda tínhamos uma copa defumada comprada do seu Alaor. Foi o nosso aperitivo antes do jantar que constou de *strogonoff* de frango, arroz, salada, batatas fritas e, de sobremesa, doce de pêssego.

3º dia: Cunha › Pousada Terra Viva - 28 km

Isso tem acontecido muito ultimamente.

O café da manhã na Pousada Vila Rica foi típico do local. Tinha bolo de pinhão, de mandioca, torta de maçã e até pudim de leite condensado! Comemos e preparamos nossa matula, pra usar um termo bem mineiro, para o lanche. Eu, com o pé inchado e doendo muito, decidi ficar na pousada e seguir mais tarde no 'Fusca' do seu Roque, morador local, levando as mochilas. Dôra caminharia os primeiros quilômetros, o quanto ela achasse que seria conveniente.

Ao descer a encosta que levava da pousada ao centro da cidade, a turma, animada, conversava e comentava sobre casais amigos que haviam se separado recentemente.

Então, Dôra falou, muito séria: *Isso tem acontecido muito ultimamente**. Todas explodiram em risadas, pelo inusitado do comentário. A frase passou a fazer parte do nosso vocabulário iconoclástico.

As colegas atravessaram a cidade, de características rurais, com lindos casarões, seguiram por um calçadão, passaram pela Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, pelo mercado municipal, e pararam para conversar com dona Maria José, trabalhadora da limpeza pública que disse ser o povo de Cunha muito orgulhoso e pouco simpático (!). Ela disse também que fazia questão de receber, sim, a foto que tiraram com ela, e que não fizessem como outras caminhantes que passaram por lá (sic). As portas das lojas exibiam artigos típicos locais, como capas de boiadeiro, embornais, chapéus de vários tipos, selas, etc.

Na estrada, as caminhantes foram seguidas por uma matilha de cães que iam atrás de uma cadela no cio. A matilha as acompanhou por um longo tempo, assustando o gado por onde passavam e provocando medo nas caminhantes, que pediram a um fazendeiro, que passava de carro, para afugentar os cães. O homem deu uns tiros pra cima com sua espingarda, dispersando os cães, inclusive a cadela, pela qual as amigas já tinham se afeiçoado. Esse incidente as fez lembrar da cadelinha Vitória Aparecida, de Catas Altas.

Eu e o seu Roque as alcançamos na estradinha de terra, resgatamos a Dôra e a Maria Cecília, voltando para Cunha, a fim de utilizar a estrada asfaltada, mais confortável e rápida, para chegar à Pousada Terra Viva, da Dona Nadir. Para aquelas que continuaram, os últimos cinco quilômetros de estrada foram difíceis, uma verdadeira 'quebra cangalha'. Pararam para descansar na cachoeira do Pimenta, fizeram fotos e conheceram uma moça

.....

* *Isso tem acontecido muito ultimamente* - Expressão usada para indicar fatos que, embora surpreendentes, repetem-se com frequência.

de nome Suzana, formada na Universidade Federal de Viçosa e criadora de cogumelos tipo *shitaqui*. Suzana explicou a elas todo o processo de produção. Essas oportunidades constituem um ganho extra nas nossas caminhadas!

Tiveram necessidade de parar novamente na entrada da Fazenda das Candeias, e tentaram, inutilmente, um contato conosco. Ao nos deixar na pousada, o seu Roque, bom conhecedor da região, voltou para resgatar as companheiras, que completaram vinte quilômetros de caminhada naquele dia. Além da vontade e da coragem para levar em frente a opção de caminhantes, é necessário, também, obstinação!

Dona Nadir, dona da pousada, que contava mais de 80 anos na época, transformara o sítio da família em pousada desde que seu marido morrera em acidente na Via Dutra. Ela contava com a ajuda do filho Augusto, um arquiteto. Ficamos muito bem acomodadas naquela pousada, em chalés com lareiras, o que já nos alertava para o frio que, realmente, chegou ao final da tarde. Ao redor, matas a perder de vista, e nos jardins, lindas e variadas flores, muito bem cuidadas.

Assim que as demais *colegas* chegaram, já bem tarde, tivemos o nosso almoço/jantar na varanda da pousada. No cardápio: truta grelhada, filé bovino, saladas variadas, cervejas. Cecília achou o lugar bem aprazível e repetiu a frase: *Isso tem acontecido muito ultimamente!* À noite, sopa deliciosa... apesar de cara!

4º dia: Pousada Terra Viva > VIVA! PARATY! - 16,6 Km

Dôra caminhou todo o trecho!

Acordei passando mal, além do pé inchado, estava com sintomas de gripe e sinusite. Resolvi que não caminharia, mais uma vez. Fiz a descida da Serra da Bocaina no carro

com o Chicão, amigo da dona Nadir, que levava as mochilas e que poderia fazer um eventual resgate de uma ou outra caminhante, caso necessitassem de ajuda.

Logo pela manhã a Leda, que amou as plantas e flores espalhadas dentro de casa e pelo jardim, ganhou de dona Nadir algumas mudas de uma planta tipo suculenta, presente que a alegrou muito. Leda as carregou com muito cuidado até Belo Horizonte. Plantou-as, e hoje tem vários vasos dessa suculenta no jardim do seu terraço. As plantas sempre a lembram da Estrada Real, da pousada e da dona Nadir! Acho que é por isso que as pessoas quando dão um presente dizem que é uma lembrança... É mesmo!

Após o gostoso café com pão feito em casa, elas saíram e ficaram à espera do 'bondão' que as levaria até a entrada do Parque Nacional da Serra da Bocaina. A Estrada Real, que desce de Cunha até Paraty, passa dentro desse parque. Quando a tal condução chegou, as amigas ficaram admiradas de permitirem trafegar um ônibus naquele estado depauperado. O estado dos bancos era lastimável: faltavam pedaços, inclusive. Ao fundo, amontoadas, ficavam as bagagens dos passageiros, quase todos *local people*, seguindo para Paraty com suas cestas, malas, sacos, sacolas e embrulhos, o que indicava serem eles pequenos ambulantes aproveitando o feriado prolongado para fazerem seus negócios nas praias. As caminhantes fizeram sucesso entre os passageiros, que as observavam com curiosidade. As mais conversadeiras assuntaram de tudo com eles... Elas desceram no coisa, como chamaram o ônibus, por cerca de dez quilômetros até a entrada do parque.



Preparando para a descida da Serra da Bocaina.

Desceram a Serra da Bocaina entre mata fechada, pássaros, bromélias, samambaias, pequenas florinhas margeando a estrada com temperatura agradável. Tudo isso formando a deslumbrante paisagem! A impressão era de estarem num santuário! Eu, que do carro percebi assim, imagino as amigas que desfrutaram muito mais na descida lenta e cuidadosa! Devido à névoa, não foi possível desfrutar da vista do mar.

Os marcos no alto da serra indicavam 1.200 metros de altitude. Foi uma descida e tanto! Que as amigas tivessem pernas e joelhos para dar conta dos onze quilômetros! E deram! Com facilidade, disseram, apesar das muitas pedras escorregadias, do barro acumulado aqui e acolá e do tráfego intenso que as surpreendeu. Até a Dôra caminhou todo o trecho!

Pararam na entrada da cidade e, enquanto esperavam a condução para a zona central, um micro-ônibus que apanha as pessoas que descem a serra a pé, elas observaram várias placas indicando o artesanato de cerâmica típico da região. Finalmente chegou a condução. Pelo caminho já avistaram o mar de Paraty!

CHEGAMOS! CHEGAMOS! CHEGAMOS! Saímos de Minas, passamos por São Paulo e chegamos ao Estado do Rio de Janeiro!

A Pousada Solar D´Alcina, onde nos hospedamos, foi sugerida pela Lígia, filha da Maria Cecília, que já tinha se hospedado lá. O dono, seu Shein, gentil e sorridente, levou-as aos apartamentos e indicou um barzinho na praia para tomarem a primeira cerveja do dia, comemorando a chegada. Nessa altura, eu já estava descansando no quarto depois de tomar uma aspirina que a dona Maria Luíza, mãe do seu Shein, providenciara.

Pouco mais de três anos haviam se passado desde que as três amigas Maria Cecília, Maria Auxiliadôra e Leda ensaiaram os primeiros passos do projeto de percorrer, a pé, toda a extensão da Estrada Real. Com competência e muita determinação, o grupo foi ganhando força e adesões ao longo dos Caminhos do Ouro. Dôra, atendendo solicitação familiar vinda de Oliveira, voltou para Belo Horizonte, via São Paulo, na mesma noite.

5º e 6º dias: Paraty

Assim como para as jornadas, tínhamos planejado nossas atividades de lazer em Paraty. Nos divertimos no passeio de catamarã, com direito a paradas nas ilhas onde chegamos a nado e passeios na histórica cidade.

Comemoramos nosso feito com um jantar, usando nossas camisetas confeccionadas especialmente para aquele momento, onde se lia:

REAL É A NOSSA ESTRADA
DIAMANTINA 2005 / PARATY 2008

Também na camisa, uma foto do grupo caminhando em meio ao mar de montanhas dessa terra maravilhosa que é Minas Gerais! Durante o jantar comemorativo da nossa conquista, já definimos a continuidade da Estrada Real. Agora, seria o Caminho Novo, de Ouro Preto ao Rio de Janeiro...



Celebrando a chegada em Paraty com nossas camisetas especiais.

Valeu!

Valeu cada centímetro caminhado!

Valeu o esforço, a cansaça, as dores nas pernas e as bolhas nos pés!

Valeu a determinação, os planejamentos e a ousadia!

Valeram as noites mal dormidas, as aflições e os sustos!

Valeram as flores dos caminhos e as árvores de sombras benfazejas!

Valeu a chuva, o sol, o vento e as noites estreladas!

Valeu a amizade, a boa conversa e os 'nossos anjos'!

Ora, se valeu!

Capítulo 13

Décima primeira etapa da Estrada Real - Caminho Novo

Ouro Preto ➤ Queluzito - 91 km

• Abril de 2009

O Anjo da Beleza

*Toda a Natureza é bela, e através de sua ordem e ritmo conhecemos a verdade de suas leis.
Sentir o ritmo, perceber a ordem sagrada em nossa vida é ver a beleza em um grão de areia
ou através da mais desafiante aparência. (Meditando com os Anjos, p. 94)*

Animadas com a nossa chegada a Paraty, envolvemo-nos imediatamente com os planejamentos para a nova aventura, agora, pelo Caminho Novo, de Ouro Preto ao Rio de Janeiro. A viagem foi programada para acontecer entre os dias 31 de março e 04 de abril de 2009. Participaram dessa etapa Leda, Maria Cecília, Dôra, Magali, Vânia e eu, Sonia.

Saímos de Belo Horizonte no dia 30 de março ao meio-dia, de ônibus, até a cidade de Ouro Preto. Chegamos lá ainda no meio da tarde, depois de uma viagem em que tivemos de trocar de carro, pois aquele com o qual saímos da rodoviária teve uma avaria e foi necessário esperar por outro. Na rodoviária de Ouro Preto, já nos informaram como chegar à Pousada do Pilar, onde Maria Cecília já providenciara nossas reservas para o pernoite, assumindo de forma oficial a responsabilidade de providenciar as reservas das pousadas em cada etapa do caminho.

Na pousada, fomos recebidas pelo Luiz, com quem tratamos logo do assunto da maior relevância: quem levaria nossas mochilas para Lavras Novas no dia seguinte. Resolvida essa questão, nos instalamos nos apartamentos e saímos para jantar na *Trattoria Spaguetti*. No calçamento de pedra conjugado com rua íngreme, Vânia, a estreada na Estrada Real, torceu o pé, mas não perdeu o bom humor.

O jantar na *Trattoria* foi ótimo! Constou de *cannelloni*, pizza, panquecas e cerveja. Um cheiro de mofo, bem característico desses lugares antigos de Ouro Preto, me provocou rinite alérgica. Uma cantora argentina, ao violão, cantava músicas de sua terra natal. Foi uma bela noite inaugural, com conversa animada no grupo!

No caminho de volta à pousada, Vânia não resistiu à vitrine da doceria 'Beijinho Doce' e lá fomos adoçar, ainda mais, a vida.

A histórica cidade de Ouro Preto, para esta paulista de nascença e mineira de coração, tem um significado especial. É provável que eu tenha ido lá mais vezes que muitos mineiros. Primeiramente, pela novidade, pois antes só conhecia nos livros didáticos. Acompanhei muitas vezes os parentes e amigos que nos visitavam em Belo Horizonte e levei meus filhos, ainda pequenos, para conhecer a cidade que de simples arraial foi elevada à categoria de Vila em 1711, chamando, então, Vila Rica, devido à grande quantidade de ouro e pedras preciosas encontradas. De 1823, após a independência do Brasil, até 1897, tornou-se oficialmente capital da província de Minas Gerais, perdendo esse *status* de capital mineira para a nova sede, Curral del-Rey, hoje Belo Horizonte. Em 1930, Ouro Preto tornou-se Patrimônio Cultural da Humanidade, visto que é a cidade que detém o maior conjunto arquitetônico barroco brasileiro. Ouro Preto tem treze museus que contam a história da época do apogeu do ciclo do ouro. O Museu da Inconfidência, por exemplo, que foi Paço Municipal, antiga Casa da Câmara, e cadeia, guarda objetos, vestuários e mobiliário da época e da Inconfidência Mineira. Além disso, a cidade possui dezessete igrejas, entre as quais se destacam a Igreja de São Francisco, no estilo rococó, com obras de Aleijadinho e do pintor Mestre Athaíde; a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde estão enterrados os corpos de Aleijadinho e de seu pai; a de Santa Efigênia, frequentada pelos escravos que não podiam ir à igreja dos senhores; a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, que apresenta 430 quilos de ouro em seu interior, e tantas outras! Ouro Preto chegou a ter, no apogeu do garimpo do ouro, 75 mil pessoas, almas como se dizia naqueles tempos! Estar em Ouro Preto é respirar história e lembrar de um fato importante ocorrido em nosso país: A Inconfidência Mineira.



(...) Ah, a alegria de se encontrarem dois portugueses! À volta tudo era desconfiança. Os brasileiros os odiavam. Corria que queriam se ver livres da metrópole. Boatos e murmúrios de boca em boca conspiravam contra a Coroa. Barbacena contou ao pai que, desde que chegara, em julho de 1788, e anunciara a exigência de pagamento de quintos, o imposto sobre a coleta do ouro, a cidade o hostilizava. Não se conseguia reunir mais as cem arrobas, antes cobradas. O ouro escasseava. Então, a ordem só voltaria com a cobrança suplementar: a temida derrama. Nervosos, os habitantes se reuniam pelas esquinas e tabernas, discutindo o quanto cada um teria de pagar até por seus escravos. Mesmo os padres tinham de pagar! Os que sabiam fazer contas falavam em oito oitavas de ouro. “Tanto assim?!”, gemiam os pobres mineiros. Junto ao medo, outro sentimento: o de revolta. Falava-se abertamente em “levantes”, queixou-se Barbacena ao pai. Nos campos, nas vilas, nos córregos onde se catava ouro, só se falava em liberdade. “Minas ia se levantar”, dizia-se. (*A viagem proibida: nas trilhas do ouro*, p. 42; grifo nosso)

1º dia: Ouro Preto › Lavras Novas - 17,3 km

Seu Francisco e Dona Maria, os anjos do caminho!

Após o café, que demorou a ser servido, nos despedimos de Dôra, que foi direto para Lavras Novas, de táxi, com o motorista Carlão, levando também as nossas mochilas. A caminhada nesse primeiro dia seria quase toda dentro do Parque do Itacolomi. Saímos da pousada e fomos caminhando até a antiga estação de trem. Ali pegamos o ônibus para

o bairro Bauxita, passando pelo Campus da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e descemos na entrada do parque.

Entrada do Parque do Itacolomi com Vânia, nossa companheira nessa etapa.



O Parque do Itacolomi é uma área de preservação situada entre as cidades de Ouro Preto e Mariana, e está sob a responsabilidade do IEF – Instituto Estadual de Florestas. Abrange 7.543 hectares e sua altitude varia entre 700 a 1772 metros. Essa altitude máxima é representada pelo majestoso Pico do Itacolomi, que em língua indígena significa 'menino de pedra'. Os índios provavelmente se referiam à ponta menor do pico. Esse detalhe é conhecido também como 'dedo de Deus'. Na recepção do parque fomos muito bem atendidas pela Elizângela, que nos orientou sobre os locais a serem visitados. Pagamos ingresso de R\$ 1,00 por pessoa. Durante o percurso pelo parque, ela nos orientou pelo celular e ainda contamos com o apoio de vários outros mo-

nitores, rapazes e moças estudantes de cursos médio e superior. A temperatura dentro do parque estava agradável, havia chovido à noite. A estrada estava bem cuidada, servindo também para passagem de carros, mas isso foi raro, apenas um ou outro, do serviço de manutenção. Num deles, estava o gerente do parque, que nos indicou o sentido do restaurante e da Casa do Bandeirista. Chegando ao restaurante, o Rafael, monitor, já nos esperava.

Após um rápido lanche, seguimos para a Casa do Bandeirista. Construída no século XVIII (1706 - 1708), preserva parte da sua construção original e vem sendo restaurada. Vidros blindex protegem e mostram as paredes de 'pau-a-pique', janelas com namoradeiras e, no chão cavado, protegidos também por vidros, estão dispostos utensílios nos quais se cunhava o ouro. A casa também servia para recolher o 'quinto', ou seja, o imposto devido à Coroa Portuguesa.

Seguindo, passamos pela Casa dos Hóspedes e chegamos à 'represa do Custódio'. Apesar de estarmos nas fraldas da Serra do Espinhaço, tivemos subidas leves nesse caminho, e a temperatura amena nos ajudou bastante a vencer os quatorze quilômetros. Porém, já sentíamos necessidade de um apoio. Paramos na 'represa do Custódio' para descanso e lanche, sentadas em um barco emborcado na areia. Vânia estava sentindo dores nas pernas e no tornozelo torcido na véspera. Ficamos apreensivas porque ainda faltavam quatro quilômetros de subidas fortes para sair do parque e chegar a Lavras Novas. Maria Cecília fez vários contatos pelo celular com o taxista que levou Dôra e as mochilas, com quem tínhamos combinado, de manhã, que voltaria a Lavras Novas e desceria na direção da represa para nos buscar assim que o chamássemos. Só que o taxista nos deu um 'bolo'. Ele estava em Belo Horizonte e nos passou outros números de telefone de taxistas em Ouro Preto, mas Cecília não conseguiu contatar nenhum deles. E pior: nem mesmo com Dôra, que estava na pousada em Lavras Novas, conseguíamos falar. Enfim, sem êxito ao tentar

conseguir algum tipo de resgate. Estávamos, assim, pensando sobre o que fazer, quando ouvimos vozes vindas do matagal e, de repente, vimos sair dali um casal de idosos conversando alegremente, ambos portando varas de pescar. Era seu Francisco e dona Maria, indo garantir o jantar na represa. Conversa vai, conversa vem, percebemos que ele poderia ser a nossa tábua de salvação. No início, seu Francisco relutou bastante. Oferecemos pagar R\$ 50,00 pelo transporte, mas ele continuou se negando, alegando que seu jipe estava sem gasolina. Finalmente, estimulado pela mulher, concordou em buscar o jipe.

Aí começou uma 'cruzada' que demorou mais de hora. O jipe estava mesmo sem combustível, mas seu Francisco tentou fazê-lo funcionar. Acabou 'afogando' o dito cujo. Ficamos paralisadas, como patetas, assentadas na traseira do jipe. Seu Francisco, assumindo a responsabilidade de nos levar a Lavras Novas, nos propôs, então, a ir buscar o Fusca em sua casa, morro acima, e transferir um pouco de gasolina para o jipe. Ficamos aguardando, ansiosas, pois o tempo passava, a tarde começava a cair e os quatro quilômetros de morro continuavam lá... Depois de um certo tempo, ele voltou dirigindo um bem conservado carro Fusca de 1973, passou gasolina para o jipe, que funcionou com dificuldade, e lá fomos. A alegria durou pouco, pois mal começou a subir e o motor do jipe foi falhando até parar totalmente. Com a força de um jovem, seu Francisco empurrou o jipe até um barranco próximo *para o caso de vir chuva e inundar tudo*, ele disse, e foi novamente buscar o Fusca. Enquanto esperávamos, Leda teve fortes câimbras nas pernas e foi salva pela pomada *Vick Vaporub* que mora na bolsa da Vânia. Mais uma lição que aprendemos. A situação das acomodações no carro era a seguinte: Vânia sentou-se na frente com seu Francisco que, animado pela prosa, lhe dava cotoveladas de vez em quando. Atrás íamos as quatro, sendo que Magali foi no colo de uma de nós. *Um espetáculo!* Impossível que um dia nos esqueçamos do seu

Francisco, um exemplo de vida e nosso anjo da guarda daquele dia!

Chegamos rapidamente na Pousada Palavras Novas, onde Dôra nos esperava muito preocupada com o nosso atraso e a impossibilidade de encontrar, na localidade, um carro que pudesse nos resgatar. Já na chegada, ficamos encantadas com a beleza da pousada. Café quentinho, bolos e biscoitos amanteigados servidos à mesa. Era final de tarde e a névoa já cobria toda a cidade. A primeira providência que costumamos tomar, o transporte das mochilas para o dia seguinte, já havia sido realizada pela dona da pousada e pela Dôra que acertaram com o Vicente, morador antigo da cidade que logo chegou para combinar o horário e preço. Muito simpático, deixou-nos tranquilas sobre o provável resgate da Dôra no dia seguinte na Chapada, nossa primeira parada.

Fomos para os apartamentos, muito bonitos, com decoração rústica, tudo muito acolhedor. Após o banho, nos reunimos na sala da lareira, e depois jantamos um delicioso mexido*, acompanhado de vinho chileno, cantoria e muita animação! Tentamos um passeio pela rua principal, uma das poucas que há na cidade, mas a chuva nos impediu de confirmar a linda vista que se tem do entorno, já que a cidade se formou no alto de um morro.

2º dia: Lavras Novas > Itatiaia - 21 km

Pinguela, pedra e margem oposta.

No dia seguinte, após o farto café, fomos até a capela da pousada onde rezamos o livro dos anjos. Dôra estava disposta a acompanhar o grupo o tanto que pudesse, e Vânia

.....

* Mexido: prato típico dos mineiros. Consiste em juntar, na mesma panela, vários ingredientes, não podendo faltar ovos, queijo e, dependendo do gosto, bananas. Geralmente servido no jantar.

se sentia bem recuperada da torção no pé sofrida em Ouro Preto. Nesse clima de entusiasmo, fizemos os alongamentos de sempre, ou melhor, de quase sempre...

Avistamos o primeiro marco da Estrada Real bem ao lado da pousada. A uns cem metros à frente nos aguardava uma corredeira rasa, mas que estava bem forte devido à chuva que caíra à noite. Nessa hora, a união faz a força. Maria Cecília avistou um galho que serviu de pinguela e, de mãos dadas, atravessamos em três etapas: pinguela, pedra e margem oposta. Muitas risadas afugentaram os temores. Nenhuma de nós queria tomar um banho frio àquela hora! A estrada que tivemos pela frente foi um verdadeiro presente de Deus!

Abbiamo fatto un appuntamento nel giardino de Dio, citou Maria Cecília, aluna aplicada do professor João nas aulas de italiano que fizemos nos meses que precederam nossa viagem à Itália, em 2009, onde fizemos o Caminho de São Francisco, na região da Úmbria. Mas, a facilidade durou pouco. Logo tivemos que enfrentar uma trilha em forte declive em meio a formações rochosas *consideradas raras, pouco encontradas no resto do país, parecidas com granito* (Parque Nacional de Itatiaia, *Wikipedia*). As rochas apresentam tons em matizes coloridos, ora marrons, ora alaranjados, e esverdeados com traços pretos. Muito lindo, mas, ao mesmo tempo, muito perigoso, o que exigiu cuidado ao caminhar. *Paso doble! Paso doble!** – Exclamou a Dôra, tais as piruetas e passos esquisitos que tínhamos que fazer, ao modo da dança espanhola, para buscar as pedras menos escorregadias. Essa ficou sendo mais uma expressão de nosso 'dicionário iconoclástico'. A flora típica de cerrado também nos encantou, fazendo a Leda parar a todo instante para fotografar. De repente, a chuva chegou! No início intermitente, nos fazendo ficar no 'tira e põe' capa, mas depois caminhamos sob chuva forte, de formar enxurrada.

.....

* *Paso doble*: movimentos quase acrobáticos, dificultosos e necessários para superar irregularidades encontradas nos terrenos, lembrando os movimentos da dança espanhola.



Na frente da pequena capela de Sant'Ana - Chapada.

Quando a chuva cedeu, chegamos ao vilarejo de Chapada que nos pareceu ter apenas uma rua com poucas casas, a igreja dedicada a Sant'Ana e um bar onde paramos para o tradicional refrigerante bem gelado que Leda não dispensa e que as outras quase sempre a acompanham. Na véspera, ficara combinado com o Vicente, motorista encarregado de transportar nossas mochilas, que Dôra ali ficaria à espera dele na casa de um conhecido seu de nome Sérgio.

O rapaz que nos atendeu no bar, no entanto, sugeriu que Dôra ficasse ali mesmo, no bar, à espera do Vicente, e não na casa do morador Sérgio, conforme combinado. Dito e feito. Somente tivemos que passar na casa do Sérgio e avisá-lo da mudança de local. Após fazer fotos em frente à Igreja de Sant'Ana, seguimos em direção à Itatiaia. Vânia, questionada sobre se queria aguardar o carro de apoio com Dôra, preferiu seguir conosco.

O caminho montanhoso e perigoso nos cansou. Quando tínhamos caminhado mais três quilômetros, após a parada em Chapada, eu e Vânia pegamos carona numa Kombi cujo motorista estava a serviço de uma empresa de jardinagem que cuidava da manutenção dos jardins de um condomínio próximo dali.

'Paso doble' entre Lavras
Novas e Chapada -
Caminho Novo.



A pequena capela, dedicada a Sant'Ana, é simplesmente um dos mais importantes legados da primeira arquitetura religiosa implantada pelos pioneiros da mineração. Embora tenha uma singela arquitetura – com uma pequena nave e uma capela-mor ligadas pelo arco-do-cruzeiro e protegidas pelo telhado de duas águas –, dois aspectos da fachada principal chamam muito a atenção: a torre do sino, que fica à direita, desprendida do templo, e o belíssimo medalhão (que está acima da porta) esculpido em pedra-sabão. Datado de 1883, o medalhão, de autor desconhecido, é considerado por vários especialistas como uma obra de grande originalidade por ser diferenciada das fachadas rococós, típicas da época. (*Estrada Real em Revista*, p. 76.)

Ele nos deixou a uns oito quilômetros à frente, num galpão tipo serraria, porque seguiria em outra direção que não a nossa. As *colegas* nos alcançaram, já no carro com o Vicente, e seguiram para Itatiaia, visto que o carro não comportava todas nós. Eu e Vânia, depois do pequeno descanso, nos arriscamos a continuar.

Caminhamos pouco mais de um quilômetro no asfalto sem acostamento, uma insensatez! Duas mulheres, assim expostas, debaixo do sol escaldante das 14 horas! *Andar com fé eu vou, que a fé não costuma falhar*, diz a letra da música de Gilberto Gil, mas deveríamos ter esperado o Vicente vir nos apanhar onde estávamos, pois prevenir aborrecimentos também é nosso lema. Felizmente o Vicente apareceu logo e chegamos rapidamente na Pousada da Rita, em Itatiaia.

Rita é uma empreendedora nata. Ela e o marido investiram na pousada contando com os caminhantes da Estrada Real. A construção e as instalações, de modo geral, estavam muito bem, com o típico cheiro de casa nova. A receptividade do casal e da filha adolescente nos cativou.

Após o banho e a refeição, fizemos um passeio pelas ruas do pequeno distrito, onde vimos casas de pau-a-pique (ou sopapo) muito bem conservadas, e a graça da dona Jovercina, a senhorinha emoldurada pela janela da sua casa, rodeada por belo jardim vernacular, com uma florida trepadeira.



*Jovercina, na janela /
Vê a tarde, trazendo a
noite / Cumprem sina, o
tempo e ela.*

Continuando o passeio, chegamos à igreja onde estava acontecendo uma via sacra à Nossa Senhora das Dores. Esse evento, da igreja católica, antecede a Semana Santa, e era o quarto dia de um setenário. Tivemos ali um momento propício para bendizer cada segundo vivido, cada instante desfrutado e a possibilidade de seguir o caminho!

Retornamos à pousada, com uma rápida parada numa choperia onde, além de saborear uma boa cerveja, planejamos a jornada do dia seguinte.



Igreja Nossa Senhora das Dores, Itatiaia.

3º dia: Itatiaia › Ouro Branco - 19 km

Experimentamos uma maneira diferente de viver, de ser...

O café da manhã foi servido na varanda, ao lado da cozinha onde tivemos uma boa prosa com a entusiasmada Rita e seus sonhos de empreendedora. O marido dela, Moacir, um garimpeiro, nos mostrou algumas pedras de topázio e turmalina, além de vários outros objetos encontrados nas escavações que, segundo ele, eram cachimbos usados pelos negros escravos. Ele se ofereceu para levar nossas mochilas a Ouro Branco. Juntos, rezamos o livro dos anjos, um Pai Nosso e uma Ave Maria.

Leda ficou encantada com a filha do casal, Jéssica, uma jovem muito inteligente, bem informada e articulada, que queria fazer estudos universitários. Leda, uma professora universitária, a incentivou a buscar esse objetivo.

Vânia, ainda com o pé inchado e com dores, não desanimou, e Dôra estava muito

disposta a caminhar pelo menos uma parte da jornada, visto que teria de retornar a Belo Horizonte naquele dia. Sentimos que, nesses dias na estrada, experimentamos uma maneira diferente de viver, de ser... Percebemos o quanto o tempo é relativo e que optar por atender a um desejo é exercer a rara oportunidade de ser sujeito da própria história, de traçar nosso caminho, de escrever uma história bonita... A nossa história!

A estrada íngreme, que nos assustou no início, num instante se transformou num *rocambole*, com a vegetação exuberante e aquele cheiro bom de terra e mato molhados...

Conforme combinado, seu Moacir nos alcançou por volta das 13 horas para levar a Dôra até a rodoviária de Ouro Branco. Vânia e eu a acompanhamos, mas, quando chegamos, o ônibus tinha acabado de sair. A solução foi usar um carro de aluguel, tipo táxi, cujo motorista faz ponto na rodoviária justamente para conseguir passageiros retardatários. O carro sairia para Belo Horizonte com mais duas pessoas. Naquele momento, o seu Moacir procurou saber quem era esse motorista, qual o carro, na maior responsabilidade. Certas pessoas costumam nos perguntar se não temos medo de 'sair por aí, andando no mato'. Esse caso mostra como elas não sabem de nada... Despedimo-nos da Dôra e rumamos para a Pousada Estrada Real, em Ouro Branco. As demais *colegas* chegaram em seguida, pois para evitar a estrada asfaltada, pegaram carona com um carro de transporte escolar.

Ouro Branco, no sopé da Serra de Ouro Branco, antigamente 'Serra do Deus-te-livre', nos surpreendeu. A cidade viu aumentar sua população, e muito, devido às instalações da Siderúrgica Gerdau/Açominas.

Após o almoço no Restaurante e Pizzaria Duas Irmãs, visitamos o casarão antigo onde funciona a Casa da Cultura e conhecemos o seu Campos, artista que após se aposentar, depois de quarenta anos trabalhando com pedras na empresa IRFFI International -

pedras preciosas e semipreciosas, em Belo Horizonte, dedica-se a fazer quadros com pó de pedras mineiras, criando belas texturas. Isso resulta em um lindo trabalho, mas de baixo valor comercial, conforme ele mesmo nos informou, se comparado aos quadros de óleo sobre tela. Percebemos que seu Campos é uma pessoa apaixonada pela história de Ouro Branco e conversaria conosco pela tarde afora. Outro produto típico da cidade é a cerâmica 'Saramenha', cuja técnica usada é de origem portuguesa. Fomos até a Casa do Artesão, onde esperávamos conhecer a famosa cerâmica, mas ela estava fechada. Resolvemos, então, fazer um *city tour* de ônibus urbano, passando por bairros residenciais com construções de alto luxo. À noite, jantamos pizza e cerveja, novamente no Restaurante Duas Irmãs.

4º dia: Ouro Branco › Conselheiro Lafaiete - 19 km

Ali foi trocada a salmoura da cabeça de Tiradentes.

Naquele quarto dia de caminhada tínhamos um encontro especial! Meu filho, Rodrigo, morava e trabalhava em Conselheiro Lafaiete na época. Combinamos de nos encontrar na estrada.

Já bem adaptadas à jornada, caminhamos em uma estrada de terra com grande movimentação de veículos, e o dia prometia ser muito quente.

Passamos pela Siderúrgica Açominas e ficamos contentes ao avistar uma grande área verde ao redor das instalações. Quase ao final da caminhada do dia, dezessete quilômetros desde Ouro Branco, próximo à Casa de Tiradentes, hoje um museu, avistamos o carro do Rodrigo se aproximando.

O Rodrigo nos acompanhou na visita ao museu. Fizemos várias fotos, registrando, principalmente, a beleza da construção. Numa estante havia vários livros com o tema da Estrada Real. Localizamos e compramos o livro do escritor Flávio Leão, *De volta à Estrada Real*. O livro reúne os minuciosos relatos do Caminho Novo, que ele e seu amigo Raphael Olivé fizeram, partindo do Porto Estrela e chegando até Ouro Preto entre os meses de abril e maio de 1997.

Vânia e eu seguimos para o centro da cidade com o Rodrigo, enquanto Maria Cecília, Leda e Magali foram ver a enorme gameleira, árvore na qual, segundo conta a história, ficou exposta uma perna de Tiradentes, esquartejado após o enforcamento. Em outro ponto da cidade há uma placa indicando que ali foi trocada a salmoura da cabeça de Tiradentes.



O nome Casa de Tiradentes se refere a uma construção do período da Inconfidência, na qual, supostamente, os conjurados se reuniam, embora seja pouco provável que isto tenha acontecido, pois o local era pouso de tropas, e portanto pouco apropriado para reuniões políticas. A casa fica à margem da Estrada Real a mais ou menos 17 quilômetros de Ouro Branco. Nesta casa também teria se hospedado, no século XIX, o imperador dom Pedro II em viagem a Vila Rica (Marcelo J.B. Resende. www.idasbrasil.com.br/casa+de+Tiradentes)



Casa de Tiradentes, entre Ouro Branco e Conselheiro Lafaiete.

Em Conselheiro Lafaiete nos hospedamos no Hotel *Rhud's*, muito bem localizado e com excelentes acomodações. Por indicação do Rodrigo, que entende de boa comida, almoçamos um reforçado 'prato feito' no restaurante Panela de Pedra. Depois, para matar o tempo, demos um giro pelo comércio da cidade que, convenhamos, foi uma tentação para a Vânia, uma compradora compulsiva. Na falta do que fazer pra preencher o restante da tarde, as amigas repetiram o *city tour* da véspera, em Ouro Branco. Só que, daquela vez, o passeio se revelou um desastre: o ônibus as levou de um ponto ao outro da cidade, passando por vários bairros periféricos, demorando demais para voltar ao centro, pois tiveram que esperar o horário de retorno no fim da linha! Como diz a Leda, em mais uma expressão do nosso dicionário iconoclástico, *it's not mole no!**. Eu preferi voltar ao hotel para descansar e entrar

.....

* *It's not mole no!* - Sincretismo anglo-português inventado por Leda para designar uma situação difícil de ser enfrentada, desafiante.

em contato com a Sáthia, dona da van que nos atenderia no dia seguinte.

Marcelo, o marido dela, foi ao hotel conversar conosco. Explicamos as nossas necessidades que eram: transportar as mochilas, nos levar até o local onde encontraríamos o primeiro marco, nos apanhar em um ponto combinado, após a caminhada, chegar a Queluzito para conhecer o lugar e almoçar e, finalmente, nos levar até Santana dos Montes. Ele pensou alguns minutos e deu o preço: R\$ 230,00. Achamos muito. Então, ele propôs que por mais R\$ 70,00 faria todo o percurso já solicitado e mandaria o motorista nos apanhar em Santana dos Montes no domingo, após o almoço, pois com certeza, disse, lá não encontraríamos quem que nos trouxesse de volta a Lafaiete. O 'pacote' incluía deixar-nos na rodoviária a fim de embarcarmos para Belo Horizonte. Achamos razoável, aceitamos. *Que vestibular!** Essa é uma das mais antigas expressões do dicionário.

Resolvidas essas questões de alta relevância, fomos comer pizza e tomar chope no *Via 800*, também por indicação do Rodrigo. O dono do local chama-se Sílnio. Disse ter sido erro do cartório, pois claro que era para ser Sílvio. O lugar estava lotado, era sexta-feira.

5º dia: Conselheiro Lafaiete › Queluzito - 15 km | pernoite em Santana dos Montes

Faz parte dos 7 % que sobraram da Mata Atlântica.

Conforme combinado, Sáthia nos apanhou no hotel às 8 horas e nos levou até o início da Estrada Real, procurando pelo marco. A certa altura, Leda percebeu que ela já tinha se adiantado muito e pediu que parasse. É preciso ficar claro que o nosso propósito é caminhar! Final-

.....

* *Vestibular: situação minuciosa que exige atenção e detalhamento.*

mente localizamos nosso amigo 'marcantônio' e iniciamos a jornada em excelente estrada de terra. Atravessamos um imenso reflorestamento de eucaliptos, ouvindo o zumbido de abelhas. A Maria Cecília tentou, em vão, um contato com um primo dela que tem fazenda na região. Foi uma pena, conhecer a fazenda, e o primo, teria sido um atrativo a mais no nosso dia.

Chegando na estrada de asfalto que liga Casagrande a Lafaiete, não encontrando lugar adequado pra esperar a van, fomos seguindo. No entanto, Vânia já estava exausta e com fortes dores nas pernas. Sentamos num barranco, à sombra dos eucaliptos, enquanto as colegas seguiram. Algum tempo depois chegou a van com um motorista cuidadoso, que dirigia bem devagar, o que nos deixou tranquilas. Alcançamos as companheiras e rapidamente chegamos a Queluzito.

A igreja, quase sempre, é o que mais se destaca nesses pequenos povoados, e em Queluzito não foi diferente. Numa pequena praça, belos canteiros com plantas conhecidas como Pingo de Ouro, (*Duranta repens aurea*), muito bem topiados. Nosso almoço foi no Boteco do Tião, comandado pelo próprio, que nos tratou com muita cordialidade.

Com a fome saciada, lá fomos na van por uma estrada de asfalto, interrompida, de quando em quando, por calçamento de pedras ladeadas por mata exuberante. Uma placa indicava: DIRIJA DEVAGAR e, logo à frente: DEVAGAR MESMO! Essa mata exuberante faz parte dos 7% que restaram da Mata Atlântica original. Aqui me vem à memória o botânico e naturalista francês Eugene de Saint-Hilaire, já citado anteriormente, que nos seis anos em que permaneceu no Brasil, entre 1816 e 1822, passou por essas mesmas terras e percorreu, em lombo de mula, grande parte de Minas Gerais, seu interesse maior. Recolheu e catalogou centenas de espécies até então desconhecidas, documentadas nos vários livros que escreveu. Num dos seus últimos livros, desabafa:

Quanto a mim, se vier a saber que meus fracos apelos foram ouvidos, que alguns dos conselhos que dou aqui timidamente produziram frutos, jamais lastimarei ter passado perdido nos sertões, em meio a privações sempre renovadas, longe da minha família e de minha pátria, os mais belos dias da minha existência. Não lastimarei a perda da minha saúde, pois poderei dizer: paguei o preço da hospitalidade, e minha passagem pela terra não foi inútil. (*Viagens do naturalista Saint Hilaire por toda a Província de Minas Gerais*, p.174)

Infelizmente, os 93% de mata devastada mostram que seus conselhos foram vãos. Muitas espécies foram extintas sem ao menos terem sido catalogadas. Somente em 1937 foi criada a primeira unidade de conservação brasileira, o Parque Nacional de Itatiaia, no governo de Getúlio Vargas.

Passamos pelas Fazendas Santa Marina e Água Limpa para chegar na acolhedora, centenária, belíssima e histórica Santana dos Montes, muito recomendada pela nossa amiga Izar.

Santana dos Montes teve, primeiramente, o nome de Santana do Morro do Chapéu, depois Catauá e, em 1948, Santana dos Montes. Tem em seu centro histórico o conjunto arquitetônico preservado, no qual se destacam a Matriz de Santa Ana e o Solar dos Montes. E foi no Solar dos Montes que nos hospedamos, recepcionadas pelos proprietários, Ana e José Maria Medina, na porta do centenário casarão.

Eles se conheceram na Fundação João Pinheiro, onde trabalharam durante dez anos. Iniciaram um trabalho voluntário de desenvolvimento local em Santana dos Montes em 1999. Foram se apaixonando pelo local e resolveram comprar o casarão mais bonito da Praça da Matriz, que estava fechado e semiabandonado. Decidiram transformá-lo em pousada histórica. O processo de restauração e construção das novas áreas demorou

quatro anos. Valeu a pena o investimento! A atual Pousada Solar dos Montes é um verdadeiro espaço cultural! Tem salão para eventos e projeções, biblioteca, objetos antigos, quadros. Numa varanda com bela vista externa e confortáveis sofás nos reunimos para tomar vinho e ouvir a anfitriã ao piano. Tudo muito chique! A pousada conta, ainda, com piscina climatizada, sauna, doze apartamentos em dois chalés, amplo estacionamento e um bucólico jardim com dalias no estilo dos antigos jardins. *Um espetáculo!* Ana e Medina são simpáticos, com conversa agradável (ela, escritora com livros publicados), interação com os hóspedes. Têm um cardápio muito bem elaborado com pratos típicos da região, ao qual acrescentaram pratos das cozinhas espanhola, portuguesa e italiana.

Em Santana dos Montes encerramos a primeira etapa do Caminho Novo. Para nós, foi um maravilhoso 'desvio' da rota oficial da Estrada Real. A cidadezinha fez e faz parte da região e da história da Estrada Real, mas não está incluída na rota demarcada pelos 'marcantônios'.



*Pousada Solar dos Montes,
Santana dos Montes.*

Capítulo 14

Décima segunda etapa da Estrada Real - Caminho Novo

Queluzito ➤ Ressaquinha - 64 km

• Maio de 2009

O Anjo da Fraternidade

Ser fraterno é tomar consciência da unidade humana que formamos e do apoio mútuo que se torna necessário em nossas vidas. À medida que começamos a aceitar amorosamente as pessoas, abre-se diante de nós um novo caminho, no qual iremos encontrar a unidade e a harmonia maravilhosamente sincronizadas e atraindo as melhores situações para nós e para todos os que nos rodeiam. (Meditando com os Anjos, p. 98)

Maria Cecília, Leda, Magali, Dora e eu, Sonia, saímos para essa etapa entre os dias 18 e 22 de maio de 2009. No dia 18, uma segunda-feira, saímos de Belo Horizonte às 14:30 horas, de ônibus, para Conselheiro Lafaiete. O seu Hércio, dono da Pousada Recanto Del Rey, nos apanhou com seu carro na rodoviária, conforme combinado por telefone, e nos levou para a pousada, na zona rural. Ele costuma receber ali grande número de pessoas, somente para eventos especiais. Pudemos nos hospedar ali graças à intermediação do Tião do Boteco, de Queluzito.

1º dia: Queluzito (Pousada Recanto Del Rey) › Hotel Cupim (Cristiano Otoni) - 20 km

Magali voltou imediatamente para São Paulo.

Chegamos à pousada no final da tarde. O seu Hércio já havia recomendado à empregada que fizesse uma sopa e deixasse tudo pronto para o café da manhã do dia seguinte, visto que ela não dormiria na pousada. Depois do jantar, Leda, Dôra e Magali foram para a sala ver novela na TV. Cecília e eu ficamos na varanda conversando.

Dormimos todas no mesmo amplo quarto, *emboladinhas*, como gostamos. Fomos acordadas pelo seu Hércio, bem cedo. Ele recebera um telefonema de madrugada, avisando que a filha da Magali havia sido internada a fim de se submeter a uma cesariana, antecipando o parto previsto para o mês seguinte. Foi o fim da caminhada para Magali, que, afinal, nem havia começado. Magali voltou imediatamente para São Paulo, tendo sido levada pelo seu Hércio a Conselheiro Lafaiete, de onde seguiu para Belo Horizonte e pegou o avião para São Paulo.

Sentindo a ausência da *colega*, iniciamos a caminhada indo na direção de Queluzito,

a mais ou menos seis quilômetros. Chegando lá, fomos diretamente ao Boteco do Tião, que já era nosso conhecido. Dôra, ainda sem condições de caminhar todo o trecho, ficou esperando o seu Hércio, que passaria por lá mais tarde com as mochilas para levá-la até o Hotel Cupim, nossa próxima parada, em Cristiano Otoni.

Ficamos somente as três, numa manhã fresca e nublada, mas não demorou a esquentar e a paisagem se tornou árida, com muitos pastos, o que significa nada de árvores e sombras. Ao atravessar um deles – sim, tivemos que entrar num pasto porque lá havia um marco – nos deparamos com um rebanho de gado nelore bem à nossa frente. Até então não sabíamos que os nelores atacam pessoas. Cecília e Leda agitaram os cajados, mostrando jeito para tanger boiada. Eles pararam e olharam fixo na nossa direção até que um deles se virou, indo embora, e os demais o acompanharam. Ufa! Por um triz! A partir daquele evento, passamos a ter bastante medo de novos encontros com nelores. Recuperadas do susto, continuamos a caminhada.

A estrada mudou para trilha, com mato alto. Mais uma vez achamos que o marco estava em lugar errado, pois fomos dar num atoleiro que terminava num riacho bem cheio pelas chuvas recentes. Era impossível atravessar! Mas, antes mesmo de pensarmos no que fazer, já que voltar e arriscar outro encontro com os nelores era impensável, ouvimos vozes, vindas de longe... Começamos a gritar e num instante chegou um cavaleiro. Caetano era o nome desse 'anjo' que, uma a uma, nos colocou na garupa de seu cavalo e nos deixou na outra margem. Após a travessia, Cecília cavalgou um trecho e Caetano ainda nos acompanhou, à pé, com uma conversa boa. Foi então que nos disse que aqueles nelores já haviam feito muita gente correr: *Outro dia mesmo* - ele disse - um grupo de rapazes em bicicletas havia sido atacado por eles e alguns chegaram até a se machucar.

O problema foi que a trilha onde estão os marcos tinha passado, recentemente, a fazer parte do pasto de uma fazenda há pouco negociada. Não se poderia mais passar por ali, mas os responsáveis por aquele trecho da Estrada Real ainda não haviam trocado os marcos de lugar.

Caetano, formado como técnico agrícola, havia comprado uma fazendinha e estava investindo na pecuária, com gado *jersey* leiteiro. Fomos proseando com ele até a Usina de Reciclagem de Cristiano Otoni. Caetano voltou para a sua lida e nós ficamos ali, assentadas num barranco, juntamente com algumas empregadas da usina, esperando o ônibus para completar os oito quilômetros até o Hotel Cupim. Já tínhamos caminhado dezessete quilômetros e anoitecia. Como o ônibus estava demorando demais, pegamos carona em uma caminhonete.

O motorista da caminhonete nos deixou na entrada da BR 040, visto que em estrada asfaltada é proibido transitar com pessoas na carroceria. Continuamos a pé por mais ou menos um quilômetro, entramos numa estradinha que margeia a BR e andamos mais um



O gado nelore no vigia antes de caminhar em nossa direção...

quilômetro. Ainda tivemos que passar por uma pinguela e atravessar a BR bem em frente ao Hotel Cupim. Foi uma corrida contra o tempo. Era por volta das 17:30 horas e a noite já se anunciava. Mais uma vez, deu tudo certo. Entrando no hotel, olhamos para trás e vimos que estava tudo mergulhado na escuridão.

Dôra nos esperava para jantar e para comer o tradicional pão de batata recheado com requeijão. Naquela época, tanto o hotel quanto a lanchonete estavam decadentes, nada lembrava o intenso movimento de ônibus e carros de outrora. O hotel servia, basicamente, como pousada para trabalhadores das empresas mineradoras dos arredores. Antes de ir para os apartamentos fomos conversar com o seu João, empregado do hotel, com quem a Cecília já tivera contato ao fazer as reservas, indagando se poderia nos dar apoio no dia seguinte.

2º dia: Hotel Cupim › Carandaí - 17 km

Lá fomos de carona no táxi!

Após o café, na fria manhã, o seu João nos levou em seu 'fusca' até a Usina de Reciclagem, onde havíamos parado na véspera. Dôra iniciou a caminhada conosco e combinou com ele de apanhá-la num ponto determinado por volta das 10:30 horas. Chegamos no ponto marcado, esperamos um longo tempo e nada do seu João aparecer. Dôra, então, continuou caminhando, por mais oito quilômetros. Na Pedra do Sino, à margem da BR 040, paramos e aguardamos novamente que ele chegasse, o que só aconteceu bem mais tarde. Ele pediu desculpas e disse ter errado o caminho por ter sido mal orientado por pessoas locais. Desacertos à parte, finalmente Dôra pode seguir com ele até Carandaí,

onde visitou uma antiga ajudante sua, com quem já tinha combinado por telefone. Após a visita, voltou para Belo Horizonte, de ônibus.

Sabemos o quanto foi difícil para nossa amiga fazer os trechos assim, picadinhos, mas ainda se recuperando de uma cirurgia era a única forma de estar com o grupo e fazer uma das coisas que muito gosta: caminhar!

Continuamos ainda pela marginal da BR, sem subidas e, após seis quilômetros, avistamos Carandaí. Adentramos por um bairro chamado Herculano Pena. Um belo banco feito de bambu nos chamou para um descanso. Aproveitamos para descansar e relembrar algumas lições de italiano do curso que fazíamos. Continuando a caminhada por uma ruazinha de asfalto, chegamos à cidade. Logo à entrada, Maria Cecília avistou um ponto de táxi e o seu Júlio, taxista, resolveu duas questões: o transporte das nossas mochilas e a hospedagem em Ressaca, no dia seguinte.

Ele nos disse que o pároco da matriz de Carandaí costumava celebrar missa em Ressaca, sendo, nessas ocasiões, recebido na casa do seu Geraldo Marcelino, morador local. Como ele estava naquele exato momento indo fazer ponto defronte à igreja, poderíamos ir com ele e conversar com o Rodrigo, funcionário da Casa Paroquial. Lá fomos de carona no táxi!

Rodrigo foi muito atencioso e, num piscar de olhos, resolveu o seguinte: mandaria um recado, pelo motorista do transporte escolar, para o senhor Marcelino ou outra pessoa da família. Aquele que recebesse o recado faria o favor de ligar de um orelhão para a casa dele, Rodrigo, dizendo se poderiam nos receber. Como o Rodrigo não estaria em casa à noite, a mãe dele, dona Constança, receberia o recado. Nós ligaríamos para a casa dele para saber a resposta pela dona Constança.

Que *vestibular!* E não é que deu tudo certo? Enquanto essa história se desenrolava, envolvendo tantas pessoas de boa vontade, fomos para o Hotel Carajás, onde já tínhamos reservas. O hotel parecia ser novo, roupa de cama ótima, quarto para cinco pessoas, o que sempre preferimos, pois além de ficarmos *emboladinhas*, o preço cobrado é menor. Após o banho e muito bem agasalhadas, fomos para o Restaurante do Assis, muito recomendado pelo pessoal do hotel.

Andamos bastante, pois o restaurante ficava bem distante do hotel, mas aproveitamos pra fazer o habitual *city tour*. O restaurante, ao lado da rodoviária, servia uma boa comida caseira, fumegante no fogão à lenha. Comemos muito bem, repondo energias para o dia seguinte.

Voltando ao hotel, fomos dormir assim que Maria Cecília falou ao telefone com dona Constança, que nos tranquilizou dizendo que estava tudo certo e que, chegando a Ressaca, procurássemos pela Martinha.

3º dia: Carandaí › Ressaca - 15 km

Em Ressaca quase todos são parentes.

Tomamos um café da manhã muito bom. Com as mochilas prontas na recepção, despedimo-nos do pessoal do hotel, pessoas atenciosas e simpáticas. O taxista Júlio, que nos deu carona na véspera, já nos esperava para nos deixar na saída da cidade, no primeiro marco.

Após fazer os alongamentos e orações, pusemos os pés na estrada. A paisagem monótona de repente mudou. Passamos por grandes áreas cultivadas, principalmente com

tomate e repolho. A região é rica em horticultura e produção de carvão. Isso explicava as grandes áreas de reflorestamentos de eucaliptos que vimos.

Muitas pessoas transitando, algumas carregando feixes de lenha na cabeça, até mesmo uma senhora de 69 anos levava o seu feixe sem dificuldade, idosos com bicicletas, crianças e adolescentes à espera do transporte escolar.

Chegamos à Ressaca antes do horário previsto. A temperatura baixa nos permitiu apressar o passo. A primeira pessoa que avistamos foi a Cristina. Pareceu-nos que estava olhando a estrada, aguardando a nossa chegada. Cristina trabalhava no Posto de Saúde e confirmou que Martinha nos esperava. Indicou a direção da casa dela que, já no portão, veio ao nosso encontro. Nesse gesto, percebemos que a hospitalidade seria, como foi, nota dez! Mal entramos na casa e já nos serviram café quentinho e quitandas.

Em Ressaca quase todos são parentes e acontecem, inclusive, casamentos entre primos. O patriarca, seu Geraldo Silva Melo, conhecido como Geraldo Marcelino, está enterrado em frente à igreja, em riquíssimo túmulo feito em granito. Os demais jazigos ficam atrás da igreja.

A maioria dos moradores vive da lavoura, principalmente do plantio de tomate que é levado à Ceasa de Belo Horizonte em caminhonetes e caminhões. Isso explica, também, os grandes portões que vimos em quase todas as casas. São as garagens do caminhões!

Enquanto comíamos o lanche, fomos explicando pra Martinha sobre as nossas caminhadas e ela, a cada minuto se mostrava mais espantada, mal acreditando que essas mulheres, assim tão comuns, pudessem ser tão aventureiras... Em seguida nos levou para a casa dos seus pais. A mãe, dona Almerinda, é filha do seu Geraldo, que teve onze filhos. Estava com 69 anos e seu marido, o seu Francisco, conhecido como seu Tito, tinha 73 anos. Pessoas de hábitos simples e de uma simpatia difícil de se encontrar! Mostraram-nos todo

o casarão de 18 cômodos, onde funcionava, em tempos idos, uma venda. Ficamos ali contando das nossas andanças, e eles, da vida das pessoas do povoado de 84 casas.

Ressaca faz parte do distrito de Hermilo Alves, que pertence ao município de Carandaí. Ficamos sabendo, pelos moradores, que o nome Ressaca vem do fato de os carregamentos em sacos com ouro, pedras preciosas e demais mercadorias, vindas de Ouro Preto ou do Rio de Janeiro, chegarem ali em tão lastimável estado, sendo necessário passá-los para novos sacos.

Saímos para conhecer o lugar e sentamos à sombra, na frente da igreja, para mais uma vez, aproveitando a calma que reinava, repassar as aulas de italiano do professor João. Nossa presença despertou a curiosidade do Flávio, de 9 anos, filho da Cristina, que a todo momento nos interpelava. De repente ele sumiu e voltou montando uma égua de nome Carol. Orgulhoso, disse que ele mesmo a tinha arreado.

Voltamos para a casa da dona Almerinda, que preparava o jantar ajudada pela outra filha, a Cidinha. Após o jantar, fomos convidadas a participar do terço na Igreja Nossa Senhora da Glória. Os moradores não têm certeza, mas calculam que a igreja tenha mais de 200 anos. É uma construção pequena, de estilo barroco, necessitando de muitos reparos, mas que conserva, ainda, certa exuberância. As imagens de santos, originais, foram retiradas para evitar que fossem alvo da cobiça de ladrões, e estão guardadas com algumas famílias. A imagem de Nossa Senhora da Glória, em madeira, está com dona Almerinda. O toque do sino chama os fiéis para rezar o terço e doze pessoas atendem, o que não é pouco numa vila de tão poucos habitantes. Após o terço, Maria Cecília fez um agradecimento a todos pela acolhida e frisou bem a importância que tinha, pra nós, poder passar a noite ali naquela comunidade.



Dona Almerinda e seu Francisco com a imagem de Nossa Senhora da Glória, em Ressaca.

Antes de dormir, dona Almerinda nos ofereceu leite quente, que Leda e Maria Cecília aceitaram com muito gosto.

Mesmo tendo certeza de que tínhamos onde ficar em Ressaca, havíamos mandado nossas mochilas para Ressaquinha, a próxima cidade. Ficamos naquela noite apenas com o necessário no que chamamos de submochila. Foi uma providência que repetimos em outras jornadas.

4º dia: Ressaca > Ressaquinha - 12 km

Comemos bolo em forma de coração que dona Almerinda costuma fazer para o padre.

Acordamos bem cedo, com a cantoria dos galos. Uma neblina forte deixava encoberta a mata nos fundos da casa, uma bela paisagem, e fazia muito frio. Tomamos café e comemos o delicioso bolo em forma de coração que dona Almerinda costuma fazer para o padre. É muito carinho que a gente recebe!

Martinha, que na véspera manifestara vontade de caminhar conosco, chegou pra se despedir e dizer que não poderia ir. Muitos abraços na despedida. Fomos até o grupo escolar para nos despedir da Cidinha e partimos.

Passamos pelo primeiro marco, na frente da igreja, em meio ao gramado. Apressamos o passo e, num instante, as amigas que utilizam a moda 'cebolas', isto é, roupas em camadas, com várias blusas sobrepostas, já foram se livrando de algumas delas. As dúvidas que tivemos naquele trecho vieram por causa da ausência dos marcos que, na planilha do Instituto da Estrada Real, dizia ser estrada, mas na realidade era trilha com mato alto, em meio a uma mata fechada. Claro que a natureza muda, o mato cresce... Talvez tenhamos tomado a estrada errada. De qualquer maneira, continuamos um pouco apreensivas e, nessas horas, é impossível acompanhar o ritmo da Maria Cecília, que fica numa ansiedade que a faz voar...

Com temperatura baixa e o passo acelerado, vencemos rapidamente os 14 quilômetros e, mesmo tendo dado uma volta desnecessária ao redor da cidade, chegamos à Resaquinha ao meio-dia. Almoçamos num *self-service*, num posto de combustíveis onde alguém nos informou que havia uma pousada ao lado. A proprietária da Pousada Real, dona Sônia, pessoa muito gentil, permitiu que usássemos o banheiro e, ainda, ofereceu um quarto para que trocássemos de roupas.

Ali encerramos a segunda etapa do Caminho Novo. Leda tomou o ônibus para Juiz de Fora; eu e Maria Cecília fomos para Belo Horizonte.

Capítulo 15

Décima terceira etapa da Estrada Real - Caminho Novo

Ressaquinha ➤ Santos Dumont - 79 km

• Agosto 2009

O Anjo da Bênção

A bênção de ser consciente, de estar aberto, é a nossa maior dádiva; é algo que jamais se restringe a uma só pessoa. Quando somos abençoados, tudo à nossa volta participa conosco desse momento. Abençoe e torne sagrado tudo o que você é nesse instante."

(Meditando com os Anjos, p. 54)

Participaram dessa etapa Maria Cecília, Magali e Leda. Dôra, com uma forte gripe, e eu, Sonia, com dificuldades generalizadas, não pudemos acompanhá-las. Agradecemos as amigas que mesmo em número reduzido não esmoreceram e garantiram a presença na Estrada Real do nosso grupo *En beneficio de la salud*. O relato que se segue foi feito pelas três caminhantes. São elas as principais narradoras dessa etapa que ocorreu entre os dias 10 e 14 de agosto de 2009. As colegas saíram de Beagá na terça-feira, 10 de agosto, em ônibus da empresa Atual, com destino a Ressaquinha.

A viagem foi tranquila. Por volta das 18 horas descemos em Ressaquinha, paramos na pequena gruta no jardim em frente à igreja para uma breve oração de agradecimento e pedido de proteção à nossa amiga de tantas horas, a Virgem Maria, e fomos para a Pousada Real. Sônia, a dona da pousada, já nossa conhecida da etapa anterior. Ela nos esperava e nos conduziu para o apartamento de número quatro, bem simples e pequenininho, especialmente o banheiro, mas que serviu para as nossas necessidades de caminhantes.

Tomamos as providências com relação ao transporte de mochilas com um motorista de táxi, o Nilton, indicado pela dona Sônia. Ele pegaria as mochilas na pousada por volta das 15:30 horas e nos encontraria na lanchonete Roselanche para levar caminhantes e mochilas até o Hotel Palace, em Barbacena. Por esse serviço ele nos cobrou R\$30,00. Acharmos justo. Jantamos no restaurante do posto de combustível ao lado da pousada, onde Cecília e Sonia já haviam almoçado ao fim da segunda etapa. Ótima comidinha: arroz, filé com fritas e salada.

No hotel, antes de dormir, assistimos ao capítulo da novela que passava na época, O Caminho das Índias. Cecília, obviamente, não deu conta de ver o final do capítulo.

1º dia: De Ressaquinha a Alfredo Vasconcelos - 12,8 km

Da Lanchonete e Floricultura Roselanche a Barbacena - 6,7 km. Total: 19,5 km

Tomamos um café frugal na pousada e já saímos para a caminhada. O tempo estava excelente, frio e sem sol. Fugindo da BR 040, adentramos pela nossa conhecida Estrada Real – rural, de terra – por cerca de treze quilômetros até Alfredo Vasconcelos. Bela cidadezinha, aos moldes das cidades do sul de Minas, limpa, florida, com bela pracinha e igreja no alto – que não visitamos por estar fechada. No caminho para Alfredo Vasconcelos, cruzamos com dois carros: um do IMA - Instituto Mineiro de Agropecuária, e outro da TV Panorama, a transmissora da Rede Globo em Juiz de Fora. Eles se ocupavam de algum tipo de fiscalização em propriedade na beira da estrada. Como sempre, despertamos a atenção, sobretudo da repórter da TV, que anotou nossos telefones e manifestou interesse em promover uma entrevista conosco.

Observamos que quem viaja pela BR 040 não imagina como a cidade escondidinha é agradável! Surpresas do mesmo tipo aconteceram também com Barbacena, Antônio Carlos e Santos Dumont. Todas cidades muito melhores do que se imagina ou se vislumbra da autoestrada. São surpresas dessas que fazem nossa caminhada pela Estrada Real ser um motivo de constante alegria e admiração!

Na padaria da pracinha tomamos nosso refrigerante, como de praxe, e retomamos a estrada no rumo da lanchonete/floricultura Roselanche, mais sete quilômetros em estrada de terra. No meio do caminho, numa área sem casas, um pouco mais isolada, avistamos um casarão grande, inacabado, que, à distância nos pareceu bem doméstico, com varais cheios de roupa lavada a secar... Contudo, ao nos aproximarmos, vimos, sentado

num banco, perto do parapeito da varanda de cima, um rapaz que nos olhou e, pasmem, nos deu às três a mesma e imediata impressão ruim. Foi só impressão, pois ele não esboçou nenhum gesto ou palavra. Mas, sentimos medo e tocamos em frente, com muita rapidez, recitando alto o mantra relativo ao nosso anjo do dia, o Anjo da Bênção, sobre o qual havíamos lido mais cedo: 'sou um ser abençoado de muitas maneiras e abençoo tudo o que tenho'. Fizemos quatro quilômetros em uma hora, depois do meio-dia! Mas, o tempo estava bom para andar: nublado e com uma leve brisa. Mais tranquilas, com a marcha normalizada, chegamos na conhecida parada de Roselanche. Atingimos nosso destino do dia por volta das 3 horas da tarde.

Almoçamos lá um delicioso prato executivo (arroz, feijão, bife e salada), acompanhado do refrigerante de sempre. Enquanto esperávamos a chegada do Nilton, o taxista de Ressaquinha, fomos até a floricultura, anexa ao Roselanche, e lá conhecemos o João, um vendedor de flores muito simpático que conversou conosco, ofereceu café e sugeriu o nome de um taxista conhecido seu que fazia ponto na rodoviária de Barbacena e poderia nos atender no dia seguinte, nos pegando depois de Antônio Carlos e nos levando até o Instituto São Miguel, onde pernoitaríamos. Aceitamos a oferta e ali mesmo telefonamos e tratamos com o Rogério, o taxista indicado.

Estava um fim de tarde bem frio e reconhecemos que apenas o anorak não daria conta do frio da Itália, onde caminharíamos em outubro daquele mesmo ano. Anorak é o nosso casaco corta vento querido, comprado em Madri, em 2000, para a nossa primeira caminhada a Santiago de Compostela, e que nos acompanha desde então. Por fim, chegou o Nilton trazendo nossas mochilas. Ele nos levou até o Hotel Palace, no centro de uma Barbacena gelada! A cidade também nos impressionou agradavelmente: grande

e movimentada, com um comércio melhor e mais diversificado do que imaginávamos: dois shopping centers! Achamos muito parecida com Juiz de Fora! Barbacena foi a maior e melhor cidade do Caminho Novo desde que saímos de Ouro Preto.

Já no hotel antigo, bom para a época em que foi construído – talvez os anos 40, e segundo Leda do tipo do velho Rocha Hotel de Juiz de Fora –, nos acomodamos num apartamento duplo, bem espaçoso e até confortável. Depois do banho, fizemos o já tradicional *city tour* pelo centro à procura de um restaurante. O frio nos convidava a tomar vinho naquela noite.

Uma senhora da cidade recomendou o restaurante Sabor d’Alma, um agradável bar e restaurante, claro, espaçoso e bem quentinho, onde tomamos um delicioso vinho tinto acompanhando um tira-gosto ótimo de mandioquinha e filé. Voltamos ao hotel para a nossa novela e um bom sono, depois de dezenove quilômetros e meio de caminhada. Tarefa cumprida... Bem cumprida!

2º dia: De Barbacena a Antônio Carlos - 11,3 km

Até o Instituto Missionário São Miguel - 5 km. Total - 16,3 km

Tomamos um bom café após um sono reparador e, já acertado com o taxista Rogério, partimos em direção a Antônio Carlos. A manhã estava fria e nublada. Custamos a sair da cidade. Atravessamos boa parte de Barbacena buscando o marco zero da Estrada Real em frente ao Colégio Salesiano. Como sempre, com a ajuda dos *local people*, avançamos pela MG 135 na direção de Antônio Carlos, em estrada de asfalto com muito movimento e sem nenhum acostamento, nos obrigando a perigosas travessias de um lado para outro para nos defender do trânsito intenso.

Antes da saída da cidade, encontramos um senhor que nos abordou, perguntando se caminhávamos pela Estrada Real. Uma novidade alguém da terra saber e falar da Estrada Real como ele! Apresentou-se como Domithe, um comerciante local e um dos responsáveis pela colocação dos marcos da Estrada Real naquele trecho. Indicou-nos a saída com precisão e se encantou com nossa aventura! Disse ser um apaixonado pela história de Barbacena e região. Mais à frente, já no asfalto, um fusca parou ao nosso lado. Era o Domithe de novo, que queria nossos e-mails e números de telefones. Disse ter um amigo muito interessado também na Estrada Real que gostaria de ter contato conosco. Ainda falou mais sobre as tradições e políticos de Barbacena, dizendo ser um aliado dos Andradas. Deu-nos seu número de telefone e partiu.

Continuamos sofrendo na estrada de asfalto com o trânsito intenso, sem acostamento e relevo bem acidentado. Cansadas, chegamos a Sá Fortes, distrito de Antônio Carlos, um legítimo pueblo do Caminho de Santiago! Logo na entrada, pedimos informação para um simpático senhor que empurrava um carrinho de mão. Para nossa surpresa, estávamos abordando o seu Duca, um líder comunitário local, entusiasta morador de Sá Fortes que foi nos colocando a par das características locais do distrito e do município de Antônio Carlos, chamando nossa atenção para seu envolvimento em trabalhos sociais, especialmente o apoio ao Pequeno Hospital Municipal Santa Maria. Ele nos falou do movimento que encabeçou para arrecadar, por meio de uma associação, fundos adicionais para o hospital. Tais fundos foram obtidos por contribuições voluntárias de cidadãos municipais ao hospital por meio de autorizações de desconto na conta de luz da CEMIG. Com isso, o hospital mantinha um sistema de atendimento local e regional em convênio com o melhor hospital de Barbacena e manutenção de ambulâncias para o transporte

de doentes para aquele hospital, ou mesmo a Belo Horizonte, para os casos mais graves, atendendo a quem dele precise. Ele até nos instou várias vezes a procurar um atendimento no hospital e testar a veracidade de suas palavras! Ele também nos sugeriu procurar, em Antônio Carlos, a prefeita Cristina, além de visitar a Casa da Cultura.

Em Sá Fortes, paramos na 'Marlene do Queijo', onde, além de provar o queijinho, tomamos água, tivemos uma boa conversa e tiramos foto. A Marlene era vereadora em Antônio Carlos e vizinha do seu Duca.

Saindo de Sá Fortes, finalmente chegamos a uma estrada de terra que nos pareceu excelente! Mas, a alegria durou pouco. A estrada se revelou cansativa demais porque sempre em subida, ainda que não muito íngreme, mas constante. E o sol já aparecia forte.

Chegamos bem exauridas a Antônio Carlos. Outra surpresa a cidadezinha! Bem arrumadinha, com bastante movimento no meio do dia. Procuramos um restaurante e só encontramos o Frangão, com comida a quilo, onde o melhor do almoço foi o preço da refeição, em torno de R\$4,00 por pessoa. Em seguida, consultamos um taxista para levar nossas mochilas do Instituto São Miguel até o Patrimônio dos Paiva. Desistimos por causa do preço pedido, que achamos muito alto. Notamos que as pessoas em Antônio Carlos não sabiam nada a respeito do Patrimônio, nem mesmo os padres do Instituto São Miguel.

Procuramos a prefeita Cristina na prefeitura, mas não a encontramos. Seguimos, então, até a Casa de Cultura, uma casa antiga, restaurada, onde o singelo museu local começara a funcionar recentemente.

Saindo de Antônio Carlos, nosso 'anjo da guarda' daquele trecho, o seu Duca, passou por nós, numa Kombi, levando material para a Fundação Marianense de Ensino – antiga fazenda que nossa amiga Maria Cecília e o Walter, seu marido, haviam visitado, a serviço,

há mais de 20 anos. Pois bem, o seu Duca parou para conversar conosco e ficamos sabendo que a Kombi era de aluguel, dirigida pelo seu Pedro, que conhecia ou dizia conhecer o Patrimônio dos Paiva. Acertamos com ele o de sempre: buscar, por volta das 3 da tarde, as mochilas no Instituto e nos apanhar pelo caminho, levando-nos ao Patrimônio dos Paiva.

Retomamos a estrada na direção da Borda do Campo e do Instituto São Miguel. Fazia calor, havíamos parado pouco em Antônio Carlos e estávamos cansadas depois de quase doze quilômetros de caminhada. A estrada à frente nos parecia longa, ainda mais cinco quilômetros até o Instituto São Miguel.

Entretanto, logo ouvimos a buzina do carro do taxista Rogério, de Barbacena e, uma nova surpresa: o taxista o João, nosso amigo da floricultura do Roselanche, estava com ele! Viera para nos acompanhar, pois conhece bem a região devido ao fato de ter estudado tanto no Instituto São Miguel como no Colégio das Irmãs, perto dali. Fez questão de nos apresentar a bela Fazenda Borda do Campo, do século XVIII.

*Fazenda Borda do
Campo, século XVIII,
Antônio Carlos.*



A fazenda é um marco inaugural da colonização portuguesa na região, preservada nos mínimos detalhes, com senzala, capela e cemitério, um verdadeiro patrimônio histórico! Sua proprietária, dona Gabriela Andrade Serpa, última descendente direta dos proprietários originais, ainda reside no local. Ela não nos recebeu por estar acometida de uma forte gripe. Sua caseira, Denise, ficou um pouco assustada com nossa presença, tendo em vista que a fazenda sofrera, há dois meses, um assalto à mão armada, quando foram roubados alguns objetos históricos. Mas, ao que se sabe, os ladrões foram descobertos e os objetos recuperados. A Denise nos disse que por isso não era mais permitido visitar a casa, só as partes externas. Foi o que fizemos. Admiramos os jardins, a cozinha, a senzala e a capela.

Continuamos a caminhada até o Instituto São Miguel, que nos impressionou pela imponência dos edifícios, seus jardins e a vasta área de campos e matas nativas. O prédio original do seminário e a igreja são de arquitetura de estilo inglês neogótico. A igreja é do mesmo estilo e quase do tamanho da Igreja da Glória, em Juiz de Fora.

Fomos recebidas pelo Padre Agostinho, membro da Congregação do Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte, e da Academia de Comércio de Juiz de Fora. Ele e o Padre Eutímio, que estava em Belo Horizonte naquela tarde, são os padres que vivem no Instituto.

Agradecidas, despedimo-nos do Rogério e do João e fomos tomar um cafezinho na enorme cozinha do prédio antes de ir para os nossos aposentos. Cecília ficou com Magali em um quarto e a Leda em outro. Os quartos têm somente duas camas de solteiro e o banho. Tudo simples, mas muito limpo. Casarão enorme, silente, convidativo ao repouso, retiro e acolhimento. Era um seminário da ordem que foi desativado em 1985 e transformado em 'casa de retiro'. Pode hospedar até 400 pessoas para um evento – cremos que em

*Padre Agostinho em frente
ao Instituto São Miguel,
em Antônio Carlos.*



geral, de tipo religioso. Mas, para o pernoite naquela data, estávamos apenas nós, as três caminhantes, além dos dois padres, pois Padre Eutímio havia chegado, e uma funcionária.

Jantamos e tomamos, inclusive, nossa cervejinha. Conhecemos a igreja e várias dependências do Instituto e vimos a novela por insistência da Leda e da Magali em acompanhar os rumos de Maya e Raj no 'Caminho das Índias'. Como sempre, a Cecília não aguentou e foi dormir antes de o capítulo acabar.

3º dia: Do Instituto São Miguel a Patrimônio dos Paiva - 23,7 km

No silêncio do grande ex-seminário praticamente vazio, tivemos uma ótima noite, tomamos um bom café da manhã com despedidas calorosas de todos e, em especial, do Padre Agostinho, que nos acompanhou até o início do caminho, fazendo conosco a oração do dia no livro dos anjos.

Partimos, então, para o Patrimônio dos Paiva, já bem acertadas, no dia anterior, com o seu Pedro, da kombi de Antônio Carlos, para pegar nossas mochilas por volta das 14

horas e nos resgatar no caminho à altura do Chafariz – que depois vimos ter sido construído no fim do século XIX por Mariano Procópio, durante a construção da estrada União e Indústria – que é a Estrada Real no Caminho Novo, nesse trecho pelo menos. Esse monumento é assaz conhecido e famoso pelos que passam na Estrada. Muitas subidas e descidas, farta mata circundante, um verdadeiro *rocambole!* Com a temperatura amena, a nossa caminhada ia rendendo.

A certa altura, depois de uns dez ou doze quilômetros, a pavimentação passou a ser de pé de moleque – estrada calçada como uma rua urbana – não muito bem conservada, mas o suficiente para tornar a caminhada mais pesada, mais cansativa. Uns quilômetros a mais e chegamos ao famoso Chafariz, depois de dezesseis quilômetros de caminhada quase sem parar. Resolvemos, então, descansar um pouco e chamar o seu Pedro por telefone. Não conseguimos. Já passava das 14 horas. Ligamos para o Instituto São Miguel e nos informaram que nossas mochilas ainda estavam lá. Um momento de tensão, aumentada pelo cansaço. O Chafariz está muito destruído e, um pouco mais adiante, encontramos um segundo Chafariz – menor, ainda mais destruído, e muito mais antigo. O chafariz de Mariano Procópio foi, certamente, um substituto daquele. Arrastamo-nos mais um pouco porque não havia um lugar adequado onde pudéssemos sentar. Ligamos de novo para o Instituto São Miguel. Com alívio, ficamos sabendo que o seu Pedro já tinha pegado nossas mochilas e vinha ao nosso encontro. Era uma questão de pouco tempo até que ele nos alcançasse. Nosso salvador, anjo do dia, estava acompanhado do Pedro Hugo, seu filho, um notável juvenzinho de 12 anos que nos encantou com sua conversa fácil, muito curioso, inteligente, bem informado! Ele nos fez uma bela companhia nos pouco menos de dez quilômetros que nos separavam do Patrimônio dos Paiva.

A estrada 'União e Indústria' ziguezagueava morro acima e abaixo por pastagens, matas e belas fazendas antigas, como a do Campo Verde e da Mantiqueira. No caminho, seu Pedro fez algumas paradinhas para que pudéssemos desfrutar da linda paisagem. Contamos com a amável ajuda do Pedro Hugo para sacar algumas fotos. Por fim, fomos avistando, lá longe, distante de tudo, o Patrimônio dos Paiva: cerca de 300 casas espalhadas em torno de um pracinha e a singela capelinha de Santo Antônio.

Fomos procurando pela casa de dona Bárbara que já estava nos esperando! Enquanto a Magali, nossa tesoureira nessa etapa, acertava o preço da corrida com o Seu Pedro, fomos nos apresentando à dona Bárbara, ao seu marido e ao filho casado que mora ao lado e trabalha com o pai no cuidado de gado de leite. Uma bela casa a de dona Bárbara, com 'jardim vernacular', um varandão que circula a casa, vários quartos e uma copa-cozinha daquelas de fazenda, enorme, com um fogão a lenha de tirar o chapéu – que é usado direto pela dona da casa. Sentimos, desde o primeiro instante, o carinho com que nos esperavam. Foi tão reconfortante!

Depois de um café bem gostoso, que a Cecília adorou mais que todas por lhe lembrar aquele café que faz no seu sítio Beija Flor, Dona Bárbara nos falou da missa quinzenal rezada por um padre de Santos Dumont, quinta sim, quinta não. É claro que quisemos participar da missa, momento em que boa parte da comunidade estaria presente. No curto caminho até a igreja, fomos encontrando várias pessoas, entre elas senhoras aposentadas com filhos morando em Santos Dumont, Barbacena ou Juiz de Fora e que escolheram, porém, voltar a viver naquela pequena comunidade. Foi uma festa! Tiramos algumas fotos. A capelinha estava cheia, a missa foi bonita, mas estávamos muito cansadas! O padre chamou a atenção pelas palavras simples e significativas, e também por

ter a cara típica de uma pessoa de origem indígena, o que nos foi confirmado mais tarde.

De volta à casa de dona Bárbara, tomamos um bom banho, jantamos, até não mais aguentar, duas sopas extraordinárias: uma de canjiquinha com costelinha e uma de mandiquinha com músculo desfiado. Para terminar, experimentamos, umas mais, outras menos, uns doces deliciosos: de mandioca com coco, de laranja, de maçã, de leite, etc, etc, etc. Tudo feito por dona Bárbara, uma cozinheira de mão cheia! Conversamos um pouco e soubemos das filhas casadas, uma que mora em Barbacena e outra em Juiz de Fora. Vimos algumas fotos e fomos deitar, exaustas, não nos quartos que Dona Bárbara tinha nos reservado, mas em um só quarto, com duas beliches, que ela usa para seus netos. Como diz a Cecília, nós gostamos de ficar *emboladinhas*. A noite foi tranquila.

4º dia: De Patrimônio dos Paiva à entrada do asfalto para Santos Dumont - 19,6 km

Acordamos cedo, como sempre, mas dona Bárbara já estava com o café pronto. O marido de dona Bárbara, seu Silvério, nos contou que acorda por volta das 4 horas da manhã para ordenhar as vacas. Ele também se dispôs a levar nossas mochilas e a nos resgatar no caminho de Santos Dumont. Arrumamos nossas mochilas e enquanto tomamos o lauto café, dona Bárbara nos contou que era professora primária aposentada recentemente, e agente de saúde do Posto de Saúde local. Durante dois anos, fez um curso técnico de saúde em Juiz de Fora, para onde ia todas as noites, sem se afastar de suas atividades profissionais e cuidando da casa. É uma líder comunitária, com muita energia e disposição. Contou-nos sobre o grupo de mulheres que trabalha com artesanato e nos mostrou vários dos trabalhos, sobretudo bonequinhos de pano feitas por ela e pelo grupo, com as

quais nos presenteou. Convidou as mulheres do grupo de artesanato para nos encontrar naquela manhã e, de fato, várias delas apareceram trazendo suas bonecas. Conversamos, tiramos fotos e compramos outras tantas bonequinhas.

Dona Bárbara e uma das amigas que havíamos encontrado no caminho da igreja, na tarde anterior, nos acompanharam até a saída de Patrimônio. Lemos, juntas, as inscrições dos marcos da Estrada Real que estão na vila, aos quais nem elas haviam prestado a atenção. Encontramos algumas amigas delas pelo caminho e assim fomos deixando, emocionadas, aquele lugar tão hospitaleiro. Ainda rezamos a oração do dia do livro dos anjos e nos despedimos.

O dia estava mais quente e a estrada tinha uns morrinhos, nada muito pesado. Vimos algum gado nelore que, felizmente, estavam por detrás de uma cerca.

Após a caminhada de seis quilômetros e meio chegamos a Cabangu, o museu em homenagem a Santos Dumont que é mantido pela Aeronáutica. Lá, fica a casa onde nasceu o aviador, quando seu pai, engenheiro, construía a via férrea Dom Pedro II. O local é muito bonito e bem cuidado, guarda fotos, objetos e lembranças do Pai da Aviação. O governo brasileiro doou a área para Santos Dumont quando ele voltou à sua cidade natal e se tornou criador de gado. Gostamos de ter tido a oportunidade de conhecer o museu.

Depois dessa visita/descanso, retomamos a estrada num belíssimo asfalto que vai de Santos Dumont a Cabangu. Ali, ficamos em dúvida entre as instruções da planilha do Instituto Estrada Real e o que víamos na estrada. A planilha indicava a continuidade do asfalto, mas, de fato, o que havia na direção indicada era uma estrada de terra. Após alguma hesitação e perguntas aos *local people*, que pouco sabem da Estrada Real, decidimos ir pela estrada de terra e chegamos a um povoado chamado Mantiqueira, distrito

de Santos Dumont, pouco agradável. Passamos por uma ponte, ao largo do distrito, e ganhamos a estrada de terra.

Por fim, paramos em uma casa de pequenos agricultores. Uma senhora, pouco amável, perguntou o que queríamos. Dissemos que queríamos apenas entrar na sua varanda para descansar um pouco à sombra. Um homem, talvez seu marido, que arriava um cavalo, nos olhou com o rabo de olho sem sequer nos cumprimentar. Fizemo-nos de desentendidas, aproveitamos a sombra e pedimos água.

Cecília resolveu telefonar para a casa de dona Bárbara para saber da saída do seu Silvério para vir nos buscar. Ele não havia marcado a hora que sairia. Depois de algumas tentativas falhas, conseguimos falar com alguém da vila no telefone do orelhão local. Responderam que seu Silvério acabara de sair ao nosso encontro. Pagamos as ligações feitas no celular da senhora (ela, afinal, não era tão mal educada como pensamos), já que os nossos aparelhos não funcionavam, e voltamos para a estrada.

Pouco havíamos andado quando ouvimos um carro tipo gol buzinando. Era o seu Silvério com as mochilas e... com dona Bárbara!

Que surpresa boa! Ela quis vir despedir-se de nós mais uma vez, nos levando até Santos Dumont, onde chegamos rapidamente num trajeto bem diferente da BR 040.

Santos Dumont também nos impressionou. É bem maior do que supúnhamos e bem mais movimentada! Seu Silvério parou na rua principal, perto do shopping onde está a ADESAN - Agência de Desenvolvimento de Santos Dumont e Micro Região, uma ONG onde trabalhava a Daniella, como coordenadora, que havia nos dado todo o apoio com informações preciosas sobre esse trecho da viagem, inclusive nos colocando em contato com dona Bárbara. Foi um encontro muito agradável! Contamos da caminhada,

das nossas aventuras, agradecemos o apoio recebido, tiramos fotos... Estavam também presentes a Lizânea, técnica da ADESAN, e a Elisângela, da Secretaria de Agricultura e Turismo de Santos Dumont. Aproveitamos a oportunidade e transmitimos o pedido da dona Bárbara para a prefeitura terminar o conserto do telhado do Centro Comunitário de Patrimônio dos Paiva.

Depois que nos despedimos de dona Bárbara e do seu Silvério, a Daniella nos levou a um bom restaurante, próximo do shopping, onde almoçamos nossa comidinha favorita: arroz, feijão, salada, bifés de porco... e a cervejinha para comemorar mais uma ótima etapa da caminhada. Daniella e Lizânea nos acompanharam até a rodoviária de Santos Dumont onde, em um ônibus urbano, seguimos para Juiz de Fora. Leda ficou na casa da Vera, sua irmã, até a terça-feira seguinte; Cecília voltou para Belo Horizonte com o seu filho Rogério na manhã do sábado; e Magali também ficou até terça-feira em Juiz de Fora com José Mário, seu marido, para comemorações e encontro familiar, depois voltaram para Curitiba.

Capítulo 16

Décima quarta etapa da Estrada Real - Caminho Novo

Santos Dumont ➤ Simão Pereira - 79 km

Março de 2010

O Anjo do (bom) Humor

É impossível ter um pensamento depressivo quando estamos dispostos a dar boas risadas. O riso pode ajudar-nos a olhar para a nossa própria vida de uma perspectiva nova e estimulante. Quantas vezes estamos levando a vida sério demais e causando dor e sofrimento desnecessários. O (bom) humor torna as coisas fluidas, derrete o gelo e revela a verdadeira beleza de cada ser. Ria: é bom para o corpo e para a Alma.

(Meditando com os Anjos, p. 114)

Participaram dessa etapa Maria Cecília, Leda, Magali, Dora e eu, Sonia. O quarto trecho do Caminho Novo foi feito entre os dias 7 e 14 de março de 2010. Saímos de Belo Horizonte no dia 7, um domingo, às 17:30 horas, de ônibus. Nossa animação era tamanha que não sentimos passar as três horas e meia de viagem até chegarmos a Santos Dumont, às 21 horas. Lá, compramos sanduíches, que foram nosso jantar no Hotel Mauriane. Maria Cecília providenciara nossas reservas, assim como já havia falado com o seu Jorge, motorista de táxi, para o transporte das mochilas no dia seguinte.

1º dia: Santos Dumont > Ewbank da Câmara - 20 km
Seu Jorge ficou preocupado com a situação das velhinhas.

Após o café da manhã, caminhamos até a avenida principal para pegar o ônibus que nos levou até o 14 Bis, réplica do avião criado pelo brasileiro Santos Dumont, à margem da BR 040. Em seguida, entramos por uma estrada de terra, num largo, onde começou nossa caminhada propriamente dita. Ainda era bem cedo, no entanto, pressentimos o forte calor que nos castigou naquele dia e a semana inteira. Eu estava munida de uma sombrinha para o caso de, numa eventual chuva de verão, não precisar usar a capa de plástico. Não tive dúvida, usei-a contra o sol, no que fui seguida pelas *colegas*. Isso amenizou o desconforto do sol escaldante e o caminho árido, despovoado, que apenas ligava fazendas. Vimos, em vários pontos, escavações do gasoduto da Petrobrás. Com as botas afundando no lamaçal produzido por chuvas recentes, precisávamos escolher onde pisar, retardando o passo e a jornada. Em determinada altura, tínhamos que entrar na direção do *Ecovillage*. Mal sinalizado pelos marcos, tivemos sorte de optar pelo

caminho certo. Fizemos uma breve parada para lanche e descansamos no que sobrou do sonho do proprietário de fazer do *Ecovillage* um grande local de lazer.

A estrada continuava barrenta, e a caminhada se tornava, a cada hora, mais difícil. Maria Cecília conseguiu falar com seu Jorge ao celular e ele disse que ficou *preocupado com a situação das velhinhas*, saindo ao nosso encontro. Enquanto isso, continuamos a caminhar. Cruzamos com uma mulher, Marli, trabalhadora na fazenda que estávamos atravessando. Ela caminhou conosco um bom trecho para nos proteger dos inúmeros cachorros bravos e das vacas que pastavam soltas.

Nessas horas mal conversamos. Atentas às dificuldades, vamos firmes, em frente, com vontade de vencer logo o trecho ruim. E foi assim que, distraída com meus pensamentos, quase pisei numa cascavel que fazia sua sesta enrolada no matinho, à beira do caminho. Pulei rapidamente para o meio do lamaçal, enquanto a dita cuja se desenrolava devagar e entrava no mato. Magali, que do outro lado da estrada viu melhor, disse que era enorme e tinha vários chocalhos! Finalmente chegou o seu Jorge com seu taxi. Ele foi destemido em meter seu carro Uno naquela estrada horrível. Só por isso nós o desculpamos pelo *velhinhas*.

Em Ewbank da Câmara, Magali deveria visitar uma moradora centenária, mãe de amigo dela de Curitiba. Passamos pela casa da senhorinha para uma visita rápida e fomos num bar para nos refrescar com uma bebida bem gelada.

Na falta de hospedagem em Ewbank da Câmara, seu Jorge nos levou até a Colônia São Firmino, onde passamos duas noites no Hotel Fazenda Santa Inês, do casal Afrânio e Maria Inês. Assim que chegamos, ela e sua ajudante, a Cida, nos prepararam um gostoso mexido, farto de ovos fritos.

Utilizamos dois apartamentos da pousada. No primeiro ficaram Leda e Dôra, que dormiram muito bem. No segundo, Maria Cecília, muito resfriada e alérgica, passou mal, mesmo com a cabeceira da cama cheia de cebolas cortadas, o que, disseram, a fariam melhorar; eu, muito sobressaltada o tempo todo com o forte barulho dos seguidos trens de minério que passavam a uns 500 metros da pousada, mas que no silêncio da noite pareciam estar passando sobre nossas cabeças; e Magali, apavorada com a farra dos morcegos no forro, sentava-se na cama e, muito sonolenta, jurava que os bichos estavam dentro do quarto. Que noite!

2º dia: Ewbank da Câmara › Paula Lima - 12 km

Corremos de vaca parida apartada de seu bezerro.

Após o café, Afrânio nos mostrou o caminho que deveríamos seguir e lá fomos para viver uma situação inédita até então: correr, desesperadas, de vaca parida apartada de seu bezerro. Magali até deixou cair sua linda sombrinha japonesa. Claro que não parou para pegá-la! Foi um Deus nos acuda! Nem pra ganhar dinheiro passaríamos por ali novamente! Seguimos por um caminho alternativo que Inês nos mostrou: uma estradinha rural muito boa que segue todo tempo a linha do tal trem de minério.

Assim, por vias indiretas, fizemos o caminho de trás pra frente: passando por Chapéu D'Uvas chegamos a Paula Lima, distrito de Juiz de Fora. Numa pequena praça, sentamos num banco do ponto de ônibus, chupando picolé...

Em Paula Lima há um casarão onde D. Pedro I pernoitou, em 1831, ano em que abdicou do trono, quando subia o Caminho Novo indo para São João del-Rei. Diferentemente

dele, não pudemos contar com hospedagem no local, tampouco em Chapéu D'Uvas.

Soubemos que, naquele dia, acontecia uma greve de motoristas de ônibus, o que nos deixou, ali, esperando por muito tempo. Enquanto isso, alguns garotos de bicicletas foram se aglomerando à nossa volta, curiosos com nossa estranha presença. Quando, finalmente, tomamos o ônibus, fomos diretamente para Chapéu D'Uvas, onde o Afrânio foi nos apanhar, e voltamos para a pousada.

Conforme tínhamos encomendado, Inês nos serviu uma ótima macarronada à bolonhesa. Saímos no final da tarde para um passeio por São Firmino e visitamos a igreja do santo. Mais à noite, cerveja, chá e a sobra da macarronada.



Descansando nas raras sombras encontradas.

3º dia Paula Lima › Chapéu D'Uvas › Dias Tavares - 18 km

E chegamos ao apartamento da Vera.

De manhã, reiniciamos a caminhada que naquele dia foi tranquila, com estrada razoável e boa sinalização. O sol continuava forte, sendo necessário nos valer das nossas sombrinhas, inclusive a Magali, que teve a dela de volta, recuperada no pasto pelo Afrânio. Cruzamos com muitas vacas que pastavam soltas na estrada. Lembramos das palavras da Marli: *Se elas atacarem, não há o que fazer*. Apesar do barulho do trem à noite, dos morcegos, do calor e da vaca parida, foram agradáveis os dois dias que passamos com o casal Afrânio e Maria Inês, e a filhinha deles, Vitória.

Após oito quilômetros de caminhada, Afrânio nos alcançou trazendo nossas mochilas. Subimos na carroceria da Saveiro e continuamos na carona. Pouco tempo depois, Leda percebeu que a estrada estava sombreada. Descemos do carro e continuamos a pé mais quatro quilômetros, até Dias Tavares. Dôra continuou com Afrânio, que a deixou no apartamento da Vera, irmã da Leda, em Juiz de Fora. Em Dias Tavares, encerramos a caminhada e esperamos o ônibus municipal que passava a cada hora servindo os vários distritos de Juiz de Fora, há algum tempo chamados de bairros, o que torna Juiz de Fora, pelo menos oficialmente (sic), um município só urbano, sem zona rural.

Entrando em Juiz de Fora, ainda no ônibus, fui recebendo informações turísticas das três amigas nascidas ali. Maria Cecília, ao meu lado, eufórica, mostrava, apontava, explicava, matando a saudade da *terrinha*. Terrinha é modo de falar. Na verdade Juiz de Fora é uma grande cidade, com intenso movimento! A história da cidade começou com a implantação do Caminho Novo da Estrada Real. Foi a abertura dele que formou o povoado

que servia como ponto de pouso e abastecimento para os viajantes. Naquele período colonial, o império distribuía lotes, as chamadas sesmarias. Um dos sesmeiros teria sido um juiz de fora, ou seja, um magistrado que exercia suas funções em locais onde não havia juiz de direito, o que, mais tarde, deu nome ao núcleo urbano formado em torno de suas propriedades.

Afrânio nos deixou no centro da cidade, tinha negócios a fazer. Continuando à pé, chegamos ao apartamento da Vera, que nos recebeu muito alegre e com a mesa posta para o lanche/almoço, gostoso e farto. Enquanto a conversa corria animada, Leda se mostrou preocupada com a saída no dia seguinte. Essa preocupação é típica quando passamos por grandes cidades: onde está localizado o primeiro marco na saída? Que ônibus pegar pra chegar lá? Até uma amiga da Vera ajudou, por telefone, a resolver esse *vestibular*.

À tarde, fizemos um passeio pelas ruas centrais da cidade, já totalmente diferente das lembranças das três amigas. Ruas para pedestres transformaram as lojas de comércio num shopping plano, tipo galerias, com grande movimento de pessoas. E, ainda, fizemos uma rápida passada no escritório de advocacia do Flávio, irmão da Maria Cecília e Magali, onde trabalhavam Flavinho e Rogério (Doutor Flávio e Doutor Rogério), sobrinho e filho da Maria Cecília.

À noite, fomos todos a uma pizzaria, inclusive a namorada do Rogério, hoje sua esposa, Raquel. No trajeto caiu uma inesperada tempestade. Num trecho em forte aclive, no sinal fechado, Rogério percebeu um pequeno carro ao lado que puxava uma carreta transportando um cavalo e não teve dúvida, avisou ao motorista que não tentasse arrancar o carro, isso não seria possível naquelas condições. O motorista estava completamente perdido, não tinha prática nesse tipo de transporte e, tampouco, conhecia a cidade. A ajuda do Ro-

gério, temos certeza, evitou um grave acidente. Valeu o tempo despendido. Rogério, desde pequenininho é apaixonado por cavalos e faria tudo para não causar danos àquele animal. A intervenção teve um final feliz e fomos pra Pizzaria Vaporetto. Rogério estava muito molhado, mas feliz. O destaque da pizzaria foi a saborosa pizza de berinjela.

Alegres e descontraídas, nos dividimos em dois grupos para dormir, um no apartamento da Vera e outro no do Rogério. Nesses momentos, a gente se lembra da importância da amizade. Soubemos, através de redes sociais, que recentemente, em uma palestra sobre saúde realizada na Universidade de Stanford, foram apontados os benefícios da amizade entre mulheres. Entre outras coisas, ficou claro que as mulheres tendem a compartilhar seus sentimentos e emoções, das profundezas de suas almas, com suas amigas, e isso pode contribuir para a melhoria da saúde. Lemos, não nos lembramos onde, que o 'tempo com amigas' ajuda a produzir serotonina, um neurotransmissor que auxilia no combate à depressão e cria um sentimento geral de bem-estar. Concordamos plenamente com essas considerações!

4º dia: Dias Tavares › Barreira do Triunfo › Juiz de Fora - 16 km

Jesus, em meio ao rebanho, segura nos braços uma ovelha

Na manhã seguinte, utilizamos um ônibus pra ir do centro da cidade ao 'bairro' chamado Barreira do Triunfo. Dali retornamos, caminhando em direção à área central de Juiz de Fora, novamente. O caminho bem sombreado era margeado por belas chácaras. Caminhamos lentamente, fizemos muitas paradas devido ao forte calor. Maria Cecília, felizmente, estava recuperada do resfriado. Mérito das cebolas ao lado da cama? Contorna-

mos a represa João Penido, chegamos à Barbosa Lage, já na periferia de Juiz de Fora que, como em quase todas as cidades, é uma área muito descuidada pela prefeitura e pelas pessoas, também. Atravessamos uma linha de trem e uma rodovia muito movimentada para pegar o ônibus de volta ao centro de Juiz de Fora, que os *local people* chamam de 'cidade'. Foi um arranjo que fizemos para não deixar de caminhar naquele dia e permanecer mais uma noite na cidade. Paramos para almoçar num local muito aprazível, um *shopping*, uma bela e suculenta salada, chamando a atenção dos frequentadores do sofisticado local. Já nos acostumamos a essas reações, e não nos importamos. Caminhamos com roupas simples e confortáveis que, quase sempre, estão sujas, suadas, e as amigas não dispensam os cajados... E, o melhor de tudo – estamos sempre muito alegres, sempre em confraternização! De volta ao apartamento da Vera, descansamos para o grande evento da noite: jantar no apartamento do Flávio e da Aparecida, irmão e cunhada de Maria Cecília e Magali, comandado pelo advogado e 'chef' de cozinha, o Flavinho, seu ajudante Max e equipe.



No apartamento da Vera (a mais sorridente na foto), em Juiz de Fora.

É difícil descrever a bela noite que os familiares da Maria Cecília e Magali nos proporcionaram! Qualquer relato ficaria longe do calor da acolhida, da conversa animada, do cardápio tão bem escolhido e elaborado. Tudo isso num belíssimo apartamento decorado com bom gosto e a inconfundível marca 'Aparecida', exigente em limpeza e organização.

Vimos o quadro, óleo sobre tela, do qual Maria Cecília já nos falara: Jesus, em meio ao rebanho, segura uma ovelha nos braços. Uma emoção a mais! Agradecemos, de coração, lembrança para sempre!

5º dia Juiz de Fora › Matias Barbosa - 21 km

Aguardaram a chegada do José Mário, marido da Magali.

Na manhã seguinte, o Rogério nos deixou no centro da cidade, bem cedo. Pegamos um ônibus para o bairro/povoado chamado Caeté. Foi uma longa viagem até avistarmos um marco. Nos certificamos com os passageiros do ônibus se aquela era mesmo a direção

Chef Flavinho, seu amigo Max e a equipe que o ajudou no jantar.



para Matias Barbosa e descemos.

Caminhamos oito quilômetros até o Haras Morena, onde eu e Dôra aguardamos o seu Paulino, taxista de Juiz de Fora, pois tínhamos resolvido voltar para Belo Horizonte naquele dia. Seguimos com ele até o Hotel Cipriani, em Matias Barbosa, deixamos ali guardadas as mochilas das colegas, pagamos uma taxa para tomar banho e fomos, ainda com seu Paulino, para a rodoviária de Juiz de Fora.

As companheiras seguiram caminhando após o haras por mais uns três ou quatro quilômetros, até chegarem ao asfalto da antiga estrada *União e Indústria*. A velha rodovia foi substituída pela BR 040, de Juiz de Fora ao Rio de Janeiro, uma das mais modernas autoestradas do país. Em vários trechos, a nova rodovia foi construída no local da antiga, porém, em diversos outros, a *União e Indústria* ainda permanece, com seu calçamento pouco conservado, suas inúmeras curvas, falta de acostamento – tudo para complicar uma caminhada, mesmo com o pouco trânsito local. As amigas continuaram um pouco mais na direção de Matias Barbosa até que resolveram embarcar num ônibus para terminar a jornada.

No Hotel Cipriani, situado à beira da estrada, depois de um banho e descanso, aguardaram a chegada do José Mário, marido da Magali, que foi, juntamente com o seu irmão, Marco Aurélio, e a esposa dele, se encontrar com as caminhantes e visitar Matias Barbosa, terra natal dos pais do José Mário. Fizeram com eles, de carro, um *city tour* e foram almoçar num agradável restaurante campestre. De volta ao hotel, Magali recebeu, com muita surpresa e satisfação, um telefonema internacional de sua filha Juliana, nossa companheira Juju, que estava na Suíça se preparando para uma temporada na Lituânia.

6º dia: Matias Barbosa › Cotegipe › Simão Pereira - 15 km
Caminhar pela velha estrada União e Indústria.

A proposta do dia era caminhar de Matias Barbosa até a divisa de Minas com o Estado do Rio, na pequena cidade de Monte Serrat, a mais ou menos 25 quilômetros de distância. No entanto, as amigas já saíram com a intenção de chegar só até Simão Pereira, a quinze quilômetros de Matias Barbosa. E foi o que fizeram.

Embora tivessem caminhado pela velha estrada *União e Indústria* a maior parte do tempo, debaixo de sol forte, e de terem se assustado com outra cobra, menor e menos letal que aquela em que quase pisei, tudo correu bem. Passaram por Cotegipe, outro antigo povoado dos tempos das lavouras de café do Vale do Paraíba fluminense, e chegaram a Simão Pereira, outra agradável cidadezinha cortada pela Estrada Real.

Após comerem um lanche numa padaria, se informaram sobre ônibus para o retorno a Juiz de Fora, onde se encontraram com familiares.

Capítulo 17

Décima quinta etapa da Estrada Real – Caminho Novo

Simão Pereira ➤ Porto Estrela - Rio de Janeiro - 109km

• Junho de 2010

O Anjo da Aventura

Quando surge o convite para a aventura, é hora de seguir adiante e abrir caminho para o novo, de fazer o que for necessário para cruzar a fronteira entre o conhecido e o desconhecido, trazendo riquezas espirituais sem preço. (Meditando com os Anjos, p. 122)

A última etapa do Caminho Novo contou com as seguintes caminhantes: Leda, Maria Cecília, Magali, Dôra, Vânia, Juliana e eu, Sonia. Na etapa anterior, Maria Cecília, Leda e Magali chegaram até Simão Pereira.

Devido às dificuldades apresentadas por essa etapa, principalmente pela distância de Belo Horizonte, com longa viagem em ônibus; pelo fato de a velha estrada *União e Indústria* não ser adequada para caminhadas; e porque no Estado do Rio de Janeiro, assim como em São Paulo, nos sentíamos sempre um tanto inseguras, resolvemos não percorrer o trecho de Simão Pereira a Paraibuna. Viajamos de Belo Horizonte a Juiz de Fora, onde embarcamos em outro ônibus para Paraibuna.



Uma curiosidade sobre a estrada União e Indústria: "... foi construída por cima desta trilha a estrada de rodagem União e Indústria, que ligava os 144 quilômetros de Petrópolis a Juiz de Fora. Foi a primeira rodovia macadamizada, tendo sido inaugurada por D. Pedro II em 1861. Macadame é um processo antigo de pavimentação de estradas, utilizado até o presente, que consiste em camadas de pedras maiores na base e gradativamente menores na parte superior, que se encaixam por pressão de máquinas compressoras, ou pelo tráfego contínuo. Foi desenvolvido pelo engenheiro escocês John McAdan, e no linguajar do nosso povo surgiu mais um neologismo: macadame." (*Viagens do naturalista Saint-Hilaire por toda a Província de Minas Gerais*, p. 28)

Foi com uma pitada de correria que iniciamos a última etapa do Caminho Novo da Estrada Real. O grupo se encontrou na rodoviária de Juiz de Fora com uma agitada Leda, que explicava a necessidade de pagar a taxa de embarque de R\$2,20 para poder passar pela roleta que dá acesso à plataforma dos ônibus. *Por que, afinal, já não cobram isso junto com a passagem?* ela comentou. Ou, então, poderiam isentar de pagar essa taxa as pessoas maiores de 65 anos, que já viveram mais, trabalharam mais, contribuíram mais...

A conversa dentro do ônibus girou em torno da possibilidade de divulgar um blog em comemoração aos dez anos de caminhadas do grupo. Juliana, sendo jornalista e com prática no assunto, poderia cuidar daquilo. Lembramos do livro da Dôra, *Um trecho do Caminho*, e do livro *Mochila e Bordão*, da nossa amiga espanhola Teresa Simal, que o nosso grupo editou no Brasil, com a presença da autora no lançamento, no qual ela narra suas experiências e aprendizados no Caminho de Santiago. As experiências do grupo por tantos caminhos, ao longo dos anos, mostram como pequenas coisas, por exemplo, o arrumar diário da mochila, podem nos render lições de vida...

Viajamos pela estrada que fez parte da infância das colegas nascidas em Juiz de Fora. Maria Cecília e Magali, quando pequenas, passavam ali quando viajavam nas férias escolares. Para elas, quando era mencionada a palavra 'estrada', a imagem que tinham era a de um asfalto tipo macadame, cercado de verde, via de mão-dupla e sem acostamento.

No ônibus cheio, os demais passageiros nos olhavam, curiosos. Um deles, seu Mário, dono de um sítio na região, queria nos falar sobre Paraibuna, mas já estávamos chegando ao lugar onde deveríamos descer, só nos restando nos despedir de todos os que continuariam a viagem.

Ao descer do ônibus, avistamos a ponte sobre o rio que divide os Estados, sendo Paraibuna do lado de Minas Gerais, e Monte Serrat do lado do Rio de Janeiro. Vimos

também a impressionante Pedra de Paraibuna! Esse nome, em língua indígena, significa 'água escura'. O rio, que recebe o mesmo nome, corre ao lado. Na estradinha de acesso ao hotel, cruzamos com uma parelha de bois puxando um carro e, ao nos verem, eles empacaram, com cara de poucos amigos. O Hotel Fazenda Santa Helena, onde nos hospedamos, fica exatamente em frente à incrível pedra que, segundo nos disse uma pessoa do hotel, já serviu de cenário para várias novelas de TV.

Depois de ajeitarmos nossas coisas nos apartamentos, saímos para visitar o local. O Museu Rodoviário, que ocupa a antiga Estação de Paraibuna, é um belo chalé em estilo francês. Conta com detalhes a história da Estrada União e Indústria e do rodoviarismo brasileiro. Ficamos sabendo que Tiradentes foi o primeiro guarda rodoviário daquelas paragens, cargo que, na época, era da maior relevância, visto ser posto de fiscalização de entrada e saída de Minas Gerais. O referido posto foi inaugurado em 1861 e aberto para visitação pública em 1972.

Antes de retornar ao hotel, entramos em um armazém que vendia de tudo. Com 120

Pedra de Paraibuna, em Monte Serrat.



anos de existência, parecia ser ponto de encontro das pessoas locais. De esmalte a embutidos, passando por panelas, baldes, cachaça, pilhas, meias, café, sandálias havaianas, balas, desodorante, tudo se podia encontrar ali. No entanto, a Vânia conseguiu pedir algo que não tinha: polvilho de araruta! Juliana se questionava sobre o que ela faria com o tal polvilho.

Conversamos com algumas jovens que passavam. Uma não sabia se Paraibuna/Mont Serrat é município ou distrito, e outra não tinha a menor ideia de quantos habitantes haviam na cidade: *Com certeza são muitos*, disse. Seu Osmar, morador antigo do lugar, disse que a cidade é um paraíso, sem ladrões nem correrias no dia a dia. Juliana, novamente, ficou pensando se valeria a pena abdicar da cidade grande para viver em um lugar simples assim.

Depois do passeio, voltamos ao hotel para o jantar. Com a temperatura baixa, o caldo quente, acompanhado de frango, arroz, feijão e salada, nos ajudou a relaxar e aquecer. Durante o jantar, Vânia presenteou a todas nós com capas de proteção para livros, feitas por ela mesma, exímia artesã. E, para esquentar ainda mais, tomamos duas garrafas de vinho. Depois disso, só mesmo cama!

1º dia: Paraibuna/Mont Serrat › Paraíba do Sul - 20 km

O grupo da Juliana e suas amigas!

Deixar Paraibuna com neblina, que era intensa sobre o rio, nos deu uma dose extra de animação no primeiro dia de caminhada, tal a beleza! À medida que caminhávamos, a neblina se dissipava e o céu se mostrava azul, a majestosa pedra de Paraibuna ficava mais

visível e nos acompanhou por um tempo até sumir da nossa vista. A cena me lembrou a bela descrição de Tavinho Moura em seu livro *Maria do Matué: Uma estória do Rio São Francisco*, p.46.

O quente do dia desfazia o colchão de névoa, a fumaça aquecida se dissolvia. A Lagoa Branca era despertada pelo pipoco das flores do inhame-d'água; no firme da luz, apresentavam o amarelo ocre de suas corolas. A lua, desapontada, permanecia inquieta de uma banda, enquanto, na outra, o sol nascia envolto numa bruma escura. Os dois, cada um de seu lado, se misturavam no espelho das águas. A lua, pálida, encolhia sua raia. O sol, devagarinho, abraçava. (...) Aos poucos a manhã vinha, se revelava azul, firme, comparado ao verdadeiro azul, que só existe no verde das asas do tuim. Na noite, coriscos alvoroçados reviravam o prateado da estrada; a falsa três-marias figurava como verdadeira, a chave do céu, descendo, vinha abrir a porta do dia.

O primeiro dia da jornada é sempre difícil. Até que nos acostumamos, é normal que uma ou outra se canse mais e tenha que interromper a caminhada. Foi o que aconteceu no final da manhã com a Vânia. Ela mesma deu sinal para um motorista que passava e que, gentilmente, parou. Fui com ela na carona e, durante a conversa, o motorista, que não me recordo o nome, disse que tinha fazendas no Pará e conhecia alguns amigos nossos, de Ourinhos, que também têm fazendas por lá, inclusive um rapaz que foi aluno da Vânia no pré-primário e que na época administrava uma das fazendas do seu sogro. Eita, mundo pequeno! Essas coincidências estreitam o relacionamento tanto que, ao chegar à Paraíba do Sul, ele parou o carro defronte à sua casa e nos convidou para entrar e almoçar com sua família. Preferimos não aceitar a gentileza do convite.

Nossas colegas continuaram caminhando pela boa estradinha de terra batida até que um carro, vindo na direção contrária e com som altíssimo, tocando música sertaneja, parou e piscou o farol. Era o motorista encarregado de levar nossas mochilas ao hotel. Impaciente, ele disse não ter encontrado ninguém no hotel para fazer a entrega. Elas tiveram que abandonar a caminhada e entrar no carro sob os protestos de um motorista cujas palavras ninguém decifrou além do: *Quem vai me pagar?*

Ficamos no Hotel Itaoca, que nos pareceu de médio conforto, inaugurado em 1942 por um chinês de nome Xang, vulgo seu João. Ainda era muito cedo e sobrou-nos tempo para sair e conhecer a cidade. A história de Paraíba do Sul está ligada a Garcia Rodrigues Paes, que recebeu terras na região em troca da implantação do Caminho Novo da Estrada Real. Com o crescimento de um povoado em torno de sua fazenda, chamada *Parayba*, o nome da vila estava definido.

A cidade conserva lindos casarões, tem museus, passeio de trem na antiga *Estrada de Ferro D. Pedro II* e o parque das *Águas Salutares*, que dispõe de quatro fontes de águas minerais com propriedades medicinais. Avistamos uma estátua do Yasser Arafat (ninguém soube nos explicar o motivo daquela estátua) e outra do Ayrton Sena. Esta última nós sabemos bem o porquê e quão merecida ela é. A cidade nos pareceu limpa e bem arborizada. Procurando informações para o trecho do dia seguinte, conhecemos Garrido, Secretário de Turismo do município. Depois de algumas explicações sobre o que estávamos fazendo ali, ele nos convidou para participar do evento que ocorreria à noite: o lançamento da Rota de Turismo Caminhos Coloniais. No projeto estavam incluídos os municípios de Areal, Comendador Levy Gasparian, Paraíba do Sul, Sapucaia e Três Rios, todas no Estado do Rio de Janeiro, a fim de atrair turistas, porque, afinal, *o turismo é o ouro de hoje*, ele nos disse.

À noite, Garrido foi nos buscar no hotel e, durante o evento, fez menção ao nosso grupo: *Agradecemos aqui a presença do grupo de caminhantes, Juliana e suas amigas. Palmas, muitas palmas...* Durante o delicioso coquetel que se seguiu às palestras, um luxo para essas caminhantes, fizemos fotos com o prefeito local e conhecemos uma professora de história cujo marido havia feito a Estrada Real a cavalo. Ela nos revelou o desejo de sair por aí com mochila, em caminhadas. Não raro, desencadeamos uma certa inspiração àqueles que gostariam de colocar os pés na estrada!

2º dia: Paraíba do Sul › Secretário - 28 km

Vânia mentalizava uma carona.

Pela planilha do Instituto Estrada Real, o trajeto daquele dia indicava um roteiro difícil e longo, passando pelas localidades de Queima Sangue, a nove quilômetros; Inconfidentes, a vinte quilômetros; chegando a Secretário, onde pernoitaríamos, a trinta e dois quilômetros de Paraíba do Sul. Não caminhamos isso num dia, e não tínhamos ideia de como chegar ao destino previsto para passarmos a noite.

Logo no início da caminhada, Betinho, um transeunte, a primeira pessoa com quem conversamos na saída de Paraíba do Sul, confirmou a quilometragem e as dificuldades que teríamos.

Não desanimamos! Encontraríamos a solução durante a jornada. O caminho estava bonito, cercado por fazendas bem cuidadas, mas era somente estrada asfaltada, sem acostamento, muito perigosa, repleta de curvas, o que nos obrigava a caminhar em zigue-zague, evitando as curvas muito fechadas nas quais os motoristas poderiam não nos

enxergar. A técnica é boa, mas exige atenção redobrada.

A parada em Queima Sangue (vejam só o nome!) foi revigorante. Num bar comemos paçoca, pipoca, balas e tivemos que usar um banheiro público *abaixo de la critique**, outro termo do nosso dicionário, introduzido pela Leda. Não é crítica, apenas uma constatação da precariedade de muitos banheiros públicos que, sendo para utilidade dos cidadãos, nada é feito para conservá-los limpos. Deve ser porque, li em algum lugar, não somos considerados cidadãos, mas consumidores. Consumimos tudo, até o que deveríamos manter intacto para continuar usufruindo!

Era hora de matar a curiosidade sobre o sangrento nome do lugar. Para o dono da mercearia local, Queima Sangue tinha a ver com um tropeiro morto e queimado ali. Achamos que ele inventou a história... O imaginário das pessoas é rico e poderoso! Mais tarde, Maria Cecília encontrou uma explicação razoável: Queima Sangue era parada de tropeiros, sendo comum que os cavalos chegassem ali com as costas machucadas, depois de longa jornada com cargas pesadas. A cauterização, que se fazia necessária, deixava um odor de sangue queimado no ar.

Reiniciamos a caminhada e Vânia já 'mentalizava' uma carona para livrá-la do cansaço e das dores no joelho. E apareceu mesmo! Um belo carro, cuja motorista, Alda, loira e muito elegante, levou-nos até sua casa, a poucos quilômetros dali.

Alda, de ascendência espanhola, era casada com um italiano, morou no Rio de Janeiro durante 40 anos e voltou para o interior depois que o marido sofreu um AVC – Acidente Vascular Cerebral, do qual, felizmente, se recuperou bem. Na época, viviam na

.....

* *Abaixo de la critique* - Avaliação negativa de situações e/ou locais.

Fazenda Rancho Queimado (nome dado devido à existência de um rancho próximo que pegou fogo), onde ela nasceu. Na bela casa colonial, o belíssimo jardim com inúmeras palmeiras que eram a paixão do marido. Nas paredes externas da casa, pinturas sobre azulejos retratam o Brasil Colonial, assim como muitos quadros, pintados por Alda, uma artista muito feliz! Lembro-me dela dizer: *Eu não tenho medo, tenho pena de morrer!* Eles pretendiam restaurar a pequena igreja secular à beira da estrada, em frente à casa.

Em meio àquela agradável conversa, ela nos serviu água, suco e cafezinho e foi resgatar nossas *colegas*, ainda no caminho. Todas juntas, depois, fomos no carro com ela até o antigo povoado de Sebollas, hoje chamado de Inconfidentes. Lá, paramos no bar da Alessandra, que também é dona da oficina de carros e do salão de beleza do lugar. Na pracinha, fizemos pose para as fotos e visitamos o museu de Tiradentes. Alda continuou conosco por algum tempo, sentindo-se bem em estar na nossa companhia.

O museu de Tiradentes está instalado na casa que foi de dona Mariana, namorada ou amante de Tiradentes. Ali estão expostos alguns ossos, encontrados em escavações no cemitério local, que podem ter sido de Tiradentes, pois pelo menos uma parte do seu corpo esquartejado ficou exposta dentro de uma gaiola em Sebollas. Alguns móveis antigos, provavelmente usados por ele, documentos diversos, além de uma cópia da sentença de morte do inconfidente, assinada pela Dona Maria I, *a Louca*.

A partir desse ponto, começou a parte realmente difícil da caminhada. A Vânia estava totalmente incapacitada para prosseguir. Fiquei com ela no bar da Alessandra esperando o taxista que já deveria estar chegando com as mochilas.

De acordo com as anotações de Juliana, que muito colaborou com os relatos daqueles dias, o caminho de terra batida, bastante ermo, apresentava somente pastos. Pastos



○ A partir da esquerda: Leda, Vânia, Cecília, Magali e Juliana em Inconfidentes.

com gado nelore! Somente a título de curiosidade, o nelore é da raça zebu, originário da Índia. Os primeiros exemplares chegaram ao Brasil no final do século XVIII e rapidamente se tornou a raça de gado predominante no rebanho brasileiro. São agressivos e perigosos, como nos indicaram após nossa aventura com eles no início do Caminho Novo, perto de Cristiano Otoni... Haja coragem nessas horas! Durante muito tempo os ditos cujos as acompanharam... Elas na estrada, eles no pasto; apenas uma frágil cerca os separavam. Magali sugeriu que ficassem rentes aos barrancos altos, quando havia, e assim foi.

A tensão representada pelos nelores só foi superada pela ameaça do cair da noite e pela demora do taxista para resgatá-las. Com os celulares fora de área, não puderam manter contato com ele e, tampouco, conosco. A noite foi chegando e ainda tinham muito caminho pela frente... A estrada União e Indústria, na direção de Secretário, continuava muito difícil, com curvas e forte aclive. Tudo isso agravado pelo trânsito intenso de carros e pela chuvinha fina que começava a cair. *It's not mole no!* Foi aí que apareceu um anjo, o seu Elias, fazendeiro da redondeza, com sua caminhonete, que deu carona e as deixou na frente do Hotel Terracota. Vânia e eu chegamos ao hotel muito mais tarde, já de noite. Ficamos muitas horas à espera do taxista, em Inconfidentes. Ele, quando chegou, pediu desculpas, mas não justificou o atraso!

O Hotel Terracota foi o mais luxuoso dessa etapa, até incomum. Excelente ducha, camas boas em dois quartos conjugados. Queríamos muito 'passar os olhos' nos jardins que percebemos, na chegada, ser muito bonitos, mas o corpo, depois de um ótimo jantar e vinhos, só queria ir para aquelas camas maravilhosas.

3º dia: Secretário > Itaipava - 13 km

Olhem o macaquinho!

O trecho daquele dia foi todo por asfalto, sem acostamento. Subidas curtas e pouco íngremes, mas trânsito intenso. Novamente fomos ziguezagueando pela estrada, trocando de lado nas curvas da rodovia. Numa delas, Vânia parou no meio da pista e, olhando para o alto das árvores, gritou: *Olhem o macaquinho!* Só mesmo a comadre, tranquila como ela só, poderia fazer tal coisa!

Seguimos os marcos sinalizadores, mas àquela altura da Estrada Real a impressão que tínhamos era que pouca gente sabia o que eles significavam. Imaginamos que por ali não passam caminhantes do nosso estilo. Acabamos caindo na BR 040, perto de Itaipava.

Passamos por belíssimas fazendas e castelos. Construções como a da Fazenda Santo Antônio e a da Fazenda Samambaia datam do século XVIII. Destaque para o Castelo do Barão de Itaipava, de 1920, que pertenceu ao Barão J. Smith. A construção tem 42 cômodos, 19 quartos e 7 banheiros. Não temos certeza se foi esse castelo que avistamos. Ninguém fez foto e tampouco paramos para admirá-lo. A conversa foi nos distraíndo e não percebemos a entrada da nossa pousada. Chegamos, sem querer, ao centro de Itaipava, e já que estávamos ali, fizemos o usual *city tour*. Muitos shoppings e belas lojas cheias de 'pra quê isso', como costuma dizer minha nora Juliana. Quem caminha, e penso que outros viajantes também, desenvolvem um tipo de despreendimento que leva a ver o quão pouco necessitamos pra viver e ser feliz.

Voltamos para a estrada, agora em sentido contrário, para chegar até a Estalagem Caminho Novo para o pernoite, um casarão antigo onde as simpáticas proprietárias já nos esperavam. Após banho e descanso, saboreamos uma succulenta lasanha e duas garrafas de vinho para enfrentar a temperatura em declínio. No dia seguinte, até Petrópolis, o caminho seria longo.

4º dia: Itaipava › Petrópolis - 17 km

Vinha água de todos os lados, com D. Pedro II e a Princesa Isabel!

Tomamos um delicioso café da manhã. O lanche para a caminhada também já havia sido preparado por uma das donas da estalagem. Na manhã fria, com sol tímido, fomos

de ônibus até onde nos indicaram que estaria o primeiro marco, e iniciamos a caminhada. Juliana anotou:

Exploramos um mundo diferente, longe das coisas comuns do cotidiano, longe de Itaipava, que ficava para trás. Horas sujeitas a perigos e aventuras insólitas... teve chuva, sol, vento, parada para comprar mudas de flores, lanchinho com pastel... veio o próximo marco!!! O próximo marco da Estrada Real! E mais dois metros à frente... A avenida principal de Itaipava... De novo! Um pequeno engano, nosso ou da planilha, não ficou claro, nos fez rodear o clube da cidade, uma área bastante arborizada. Retomamos a estrada certa depois de muito indagar com os *local people*. Sob chuva leve, caminhamos todo o dia. As inscrições nos marcos que encontramos neste trecho nos pareceram já não ter nada de importante pra dizer. Falavam da comida mineira e da volta ao passado que a Estrada Real oferece. Nada disso havia ali, somente sítios e construções de periferia. Caminhamos até o bairro da Cascatinha e pegamos um ônibus para chegar ao hotel, no centro de Petrópolis.

Petrópolis é uma cidade rica em atrativos históricos, como o Museu Imperial e o Museu de Santos Dumont. Conta, ainda, com inúmeras construções históricas, como o Palácio de Cristal, o Palácio Amarelo, o Palácio da Princesa Isabel e a imponente Igreja Matriz, que guarda os restos mortais do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina, construída em estilo gótico francês no século XVIII.

No Museu Imperial assistimos ao show de luz e som debaixo de temporal. Toda a história da crise da Monarquia até a implantação da República era contada em telão de água, formado pelo chafariz, e através das janelas do palácio. Infelizmente, além da chuva, ventava forte. As sombrinhas que nos deram de pouco valiam. Vinha água de todos

os lados, com D. Pedro II e a Princesa Isabel! Mas, valeu a pena! Com tempo bom deve ser mesmo um espetáculo de tecnologia.

À noite fomos a um *buffet* de caldos num tradicional restaurante de Petrópolis. Uma equipe da TV local gravava reportagem sobre a procura das pessoas pelos caldos com a chegada do inverno. Quando souberam, através da Vânia, da presença destas caminhantes, mudaram o foco da reportagem. Leda e eu fomos entrevistadas, perguntaram porque caminhamos, como a família reage às nossas saídas, se é difícil... A matéria ficou muito boa, pudemos assistir depois pelo endereço eletrônico da emissora.

5º dia: Petrópolis › Meio da Serra da Estrela - 17 km

Uma tumultuada incursão pela rua Tereza Cristina.

No dia seguinte, saindo do hotel, pegamos um ônibus para chegar ao início da antiga Serra da Estrela, que ligava Petrópolis a Raiz da Serra, e daí ao porto e à Baía da Guanabara: o trajeto original do Caminho Novo, tantas vezes percorrido pelo Imperador Pedro II e sua família.

Conforme planejado, fizemos a metade do caminho, até o meio da Serra da Estrela, com chuva fina e fria, vento forte de virar de sombrinhas, em estrada sinuosa de paralelepípedos. Em certos trechos sem vegetação já podíamos ver, ao longe, a Baía da Guanabara. A mata local estava exuberante, mas muito dela já se perdeu devido ao uso indiscriminado. Juliana, que nasceu e ainda mora em Curitiba, lembrou a Serra da Graciosa, que desce ao litoral do Paraná e, reconhecida e preservada, compõe um dos ecossistemas mais importantes do mundo. Leda observou como aquela descida da serra lembrava a descida da Serra da Bocaina, que chega em Paraty. Afinal, é a mesma Serra do Mar!

Descida da antiga Serra de Petrópolis na direção do Rio de Janeiro, a Serra da Estrela.



Às margens da estrada, em meio ao mato, estavam depositadas ricas 'oferendas': seriam rituais praticados no candomblé ou na umbanda?

Quando calculamos ter caminhado a metade do trecho, pegamos um ônibus e voltamos para Petrópolis. Lá chegando, fizemos questão de procurar um local onde fizessem o tradicional croquete petropolitano e, depois, fomos para uma tumultuada incursão na famosa rua Tereza Cristina, onde se compra roupas a preços baixos. Conferimos a veracidade da fama.

O nome Petrópolis, evidentemente, foi dado em homenagem a D. Pedro I. A cidade tem uma estrutura urbana interessante, tendo, no centro, avenidas largas e bem arborizadas, com construções do tempo do Império, lembrando as construções europeias e, no entorno, uma cidade moderna com grandes edifícios e movimento intenso de veículos. Um grande contraste!



Há casos curiosos, como o da principal via de comércio de Petrópolis, Rio de Janeiro, denominada rua do Imperador até 1889, ano em que teve seu nome alterado para avenida Quinze de Novembro, em homenagem à data da proclamação da República, mas voltou a se chamar do Imperador noventa anos mais tarde, em 1979, por decisão da Câmara Municipal, como forma de agradar aos turistas que buscam na cidade serrana os últimos e maltratados vestígios do Império brasileiro. (1889, p. 316)

À tarde voltamos ao Museu Imperial, que nada deve aos palácios europeus. Muito bem conservado, limpíssimo, piso original feito em mármore de Carrara, na Itália, mostra as joias da coroa e a maneira como vivia a família imperial. Na garagem, diligências e liteiras. De volta ao hotel, jantar com vinhos, antecipando uma ótima noite de sono! Tínhamos que estar preparadas, até emocionalmente, para a chegada, no dia seguinte, ao Porto Estrela!

6º dia: Meio da Serra da Estrela › Porto Estrela - 14 km

O Porto Estrela ficará no imaginário de cada uma.

Conforme a planilha, o trecho teria calçamento de paralelepípedos nos primeiros quilômetros depois asfalto, e até o Porto Estrela, quatro quilômetros de terra. Seguindo sugestão do Rodrigo, do Instituto Estrada Real, em Belo Horizonte, contratamos um motorista com um carro tipo van para nos acompanhar nesse trajeto, e depois do Porto Estrela nos levar até o Rio de Janeiro. Seu José, o motorista, nos apanhou no hotel e nos deixou

onde havíamos parado na véspera e, guardando pouca distância, nos acompanhou.

A paisagem continuou a mesma do dia anterior. Novas e ricas oferendas com frutas, deixadas à noite. Uma grande placa dizia que existe ali um Parque Ecológico dos Orixás, que oferece cachoeira para trabalhos, oferendas e toque. Conta, ainda, com vestiários, cantina, área de lazer com piscina, terreiros e estacionamento para carros e ônibus.

A Serra da Estrela faz parte da Serra dos Órgãos e foi o principal obstáculo natural a ser superado para a abertura do Caminho Novo, a partir do Rio de Janeiro. A dificuldade não estava apenas em transpor o paredão montanhoso de mais de 1000 metros, mas também no fato de ela entrar em região habitada pelos temidos índios Coroados.

Na base da serra, a Raiz da Serra, entramos em Magé, município do Rio de Janeiro, pela Vila Militar, onde o caminho se torna plano. A importância do município foi grande durante o segundo império, por ter sido construída ali a primeira estrada de ferro da América do Sul, inaugurada em 1854.

Antes já havia sido desbravado o Caminho das Pedras, em 1726, sendo a primeira ligação entre o Estado do Rio com Minas Gerais: a Estrada Real! Vários fatores como o fim do uso da mão-de-obra escrava, o abandono das terras e a malária, que dizimou a população, contribuíram para a decadência da região.

Era um sábado, dia de feira livre nas ruas e muitas pessoas transitando. Avistamos um dos últimos marcos, ou um dos primeiros, dependendo de onde se começa a jornada, no canteiro central da avenida. Ele estava quase coberto de lixo.



Último marco da Estrada Real encontrado pelo grupo, em Magé.

Nesse ponto, entramos na van do seu José. Foi preciso muita atenção para identificar a entrada de terra batida que leva ao Porto Estrela. Estávamos na Baixada Fluminense, fundos da Baía da Guanabara, um lugar com jeito de esquecido... Cruzamos a rodovia, talvez a Rio/Teresópolis, adentramos uma estrada secundária, e a nossa presença despertou curiosidade. Alguém gritou: *Sigam em frente, não há perigo, não tenham medo!* Ficamos na dúvida se isso nos tranquilizava, ou muito pelo contrário... Apenas mais dois quilômetros e chegaríamos ao marco número 0001. O caminho, sem marcas de passagem, cada vez mais ermo, estreito, silencioso... Paramos e avaliamos a situação. Leda e Juliana queriam seguir; estavam, como se diz, cegas de curiosidade... Que vontade de ir em frente! Mas, não sabíamos o que nos aguardava naqueles dois quilômetros. Declinamos.

Muito desapontadas, seguimos para o Rio de Janeiro. Ao contrário de Paraty, onde nossa chegada foi uma festa, sentimos um sabor amargo, de algo não completado, de caminho interrompido... Ainda bem que fizemos primeiro o Caminho Velho... O Porto Estrela, final da nossa feliz jornada, ficará, para sempre, no imaginário de cada uma...

7º e 8º dias: Rio de Janeiro

O motorista, seu José, nos deixou defronte ao prédio onde moram o irmão da Leda, José Eduardo, sua esposa, Célia, e sua filha, Mariana, que gentilmente nos hospedaram. Ficamos no Rio naquela tarde e no dia seguinte.

Dois marcos importantes dessa visita: o belo passeio no Jardim Botânico e a ida ao Mosteiro de Santo Antônio, no centro do Rio de Janeiro. Dois locais históricos do Brasil colonial e monárquico que nos espreitaram ao longo das quinze viagens pela Estrada Real!

Capítulo 18

Décima sexta etapa da Estrada Real - Caminho de Sabarabuçu

- 106 km

• Novembro de 2011

O Anjo da Beleza

Toda a natureza é bela, e através de sua ordem e ritmo conhecemos a verdade de suas leis. Sentir o ritmo, perceber a ordem sagrada em nossa vida, é ver a beleza em um grão de areia ou através da mais desafiante aparência.” (Meditando com os Anjos, p. 94)

De 23 a 29 de novembro de 2011 caminhamos o trecho entre Cocais, distrito de Barão de Cocais, e Glaura, distrito de Ouro Preto, perfazendo cento e sessenta quilômetros, finalizando, total e completamente, com o chamado Caminho de Sabarabuçu, toda a extensão da Estrada Real. O grupo *En beneficio de la salud* contou com seis caminhantes nessa etapa: Leda, Maria Cecília, Magali, eu, Sonia, e, pela primeira vez na Estrada Real, a amiga Sueli Marília, já caminhante de outros caminhos com o grupo. Tivemos o privilégio de um pernoite na Serra da Piedade com a amiga Dôra e suas convidadas: as sobrinhas Beth e Daniela, e a amiga Risa.



O que os bandeirantes imaginavam ser ouro é, na verdade, o minério de ferro do topo da montanha, que reflete a luz do sol. Para chegar até a serra que reluzia, esses viajantes buscaram uma rota alternativa entre Ouro Preto, no Caminho Velho, e Barão de Cocais, no Caminho dos Diamantes. Foi aí que surgiu o Caminho de Sabarabuçu. (Fonte: <http://www.er.org.br>)

Margeando o Rio das Velhas, revisitamos a nossa história seguindo os marcos com as inscrições que contam sobre o período mais importantes da mineração nestas Minas Gerais. Realizar esse projeto foi uma aventura incrível e, de mãos dadas com as amigas o fez inesquecível!

1º dia: Em torno de Cocais - 15 km / Serra da Piedade

A serra resplandecente, a Serra da Piedade.

Às 05:30 horas, Sueli, Leda e eu, Sonia, saímos da casa da Leda, em Belo Horizonte, onde dormimos, rumo à Santa Luzia, em uma van, com o motorista Vaner. Em Santa Luzia a Maria Cecília e a Magali já nos aguardavam. Seguimos pela movimentada e perigosa BR 381, chegamos a Cocais ainda bem cedo e iniciamos a caminhada. Nossas mochilas maiores, mais pesadas, foram levadas pelo Vaner até o Hotel Adega Estoril, em Caeté, onde pernoitaríamos na noite do dia seguinte. Ficamos com uma submochila contendo o essencial para passar a noite no Santuário da Serra da Piedade.

Nessa caminhada, as planilhas do Instituto Estrada Real não foram muito úteis para definir os roteiros de cada dia, as distâncias entre as sedes dos municípios, por exemplo, são longas. No primeiro trecho, entre Cocais e Caeté, a planilha indicava trinta e nove quilômetros. Na preparação do roteiro, Leda fez várias alterações no nosso trajeto para que pudéssemos caminhar de quinze a vinte quilômetros por dia, no máximo. Para o primeiro dia, nosso roteiro previa uma caminhada de Cocais até o povoado de Antônio dos Santos, que fica a vinte quilômetros na direção de Caeté.

Mas, nem isso fizemos. Caminhamos sete quilômetros e meio em direção ao povoado de Antônio dos Santos, em estrada boa, de terra batida, e voltamos para Cocais, somando ida e volta quinze quilômetros. A alteração de percurso foi decidida na hora para viabilizar a contratação de um táxi que nos levasse até o alto da Serra da Piedade. Apesar de ser uma estrada secundária, havia um grande número de caminhões, muitos deles transportando toras de eucaliptos de reflorestamento.

A chuva fina, intermitente, nos obrigou ao pône e tira da capa. Havia muitos pássaros, coisa rara, e uma pitangueira carregada de frutas, para nossa alegria. As pitangas mais bonitas e apetitosas estavam no alto, mas essas são para aqueles que têm asas. Nós, infelizmente, ainda não as temos, pelo menos não fisicamente.

De volta a Cocais, em frente à Igreja de Santana, de onde saímos de manhã, o seu Benedito, motorista do táxi, já aguardava para nos levar até a Serra da Piedade, conforme combinado anteriormente. Homem bom de conversa, ele nos deixou bastante apreensivas, visto estarmos trafegando ainda pela perigosa Rodovia 381. Falou que era devoto de São Miguel Arcanjo (!) e do Anjo Gabriel (!), e que só de falar esses nomes ele ficava 'arrupiado'.

De longe, já era possível avistar a 'serra resplandecente', a Serra da Piedade e, no meio da serpenteante subida, vimo-nos envolvidas pela neblina, mergulhadas no céu. Nossa amiga Dôra e suas convidadas chegaram no começo da tarde, vindas de Belo Horizonte, de ônibus, até Caeté, e de táxi, até a Serra. A alegria do encontro foi acompanhada de cafezinho com biscoitos oferecidos pela Irmã Débora e pela Irmã Edilaine, responsáveis pela ótima hospedaria da serra, a Casa do Peregrino Dom Silvério Gomes Pimenta. A hospedaria, a Igreja Nossa Senhora da Piedade e outras instalações são administradas diretamente pela Arquidiocese de Belo Horizonte.

Nossa Senhora da Piedade é a padroeira de Minas Gerais e, de padroeira a padroeira, foi criado o Caminho Religioso da Estrada Real (CRER), ligando o Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté, a Aparecida do Norte, no Estado de São Paulo, onde fica a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. O percurso soma 1.033 quilômetros e foi inaugurado em abril de 2014.



*No santuário da Serra da Piedade:
caminhantes e amigas.*

Visitamos a igreja, em estilo barroco, construída em 1797, com a belíssima imagem de Nossa Senhora da Piedade, obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

O ponto alto dessa jornada foi o jantar comemorativo pelo aniversário da Maria Cecília. Teve bolo com velinha, levado por Dôra, e vinhos que ficaram guardados por serem proibidos na hospedaria. Fizemos bom uso deles depois. Mais tarde ainda saímos em meio à bruma para fazer fotos. Dizem que, em noites claras, é possível visualizar até 16 cidades no entorno da Serra.

2º dia: Serra da Piedade/Caeté (de carro) › Antônio dos Santos › Caeté – 19 km

No meio do caminho tinha um bar, o Bar do Meio do Caminho

Após o café, ainda em clima de confraternização, visitamos os vários presépios já montados para o Natal que estava próximo, acompanhamos a Irmã Débora na oração da manhã e fomos, já na saída, conhecer a nova igreja, com capacidade para duas mil pessoas.

Em Caeté, passamos primeiramente pelo Hotel Adega Estoril, onde deixamos nossas submochilas, e fomos até a rodoviária, onde Dôra, suas sobrinhas Beth e Daniela, e a amiga Risa, tomaram o ônibus para retornar a Belo Horizonte. Estávamos apenas a uma quadra da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso e o nosso bom motorista sugeriu que fizessemos uma visita, pois não podíamos perder a chance de visitar tão linda igreja barroca, construída em 1757, visto que ela poderia estar fechada quando voltássemos. Após a visita que, realmente, nos deixou deslumbradas, tal a beleza das pinturas e imagens, ele nos levou até Antônio dos Santos, onde iniciamos a caminhada do dia em frente a uma fazenda de criação de cavalos. O caminho estava bem arborizado, com mata nativa e eucaliptos para corte. No meio do caminho tinha um bar, o Bar do Meio do Caminho, que Maria José 'tocava' mesmo já sendo avó e atleta da 3ª idade, realizada e feliz. Daquela vez o tão esperado refrigerante da Leda se antecipou. Continuando a jornada, encontramos um marco no qual se lia:

Vila de Caeté. Está situada em terreno plano, saudável e aprazível, sobre um ribeiro que se perde no Rio Piracicaba. O distrito desta vila passa pelo mais rico em ouro que se conhece em todo o mundo. Raimundo J. Cunha Matos

Chegando à Caeté, Carlos (o antigo dono do bar, agora da Maria José) passou por nós e nos deu carona. Foi bem-vinda essa carona, pois não gostamos de atravessar cidades. Após uma subida bem forte, chegamos no Hotel Adega Estoril, nos acomodamos em dois apartamentos e já saímos para o *city tour*, mas antes nos lembramos de colocar os vinhos para gelar, aqueles que foram levados pela Dôra e não pudemos tomar no Santuário da Serra da Piedade.

Visitamos a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (mais antiga que a matriz local), com cemitério anexo, e chegamos até a Matriz, que já estava fechada mesmo. Na frente da porta principal da igreja permanece um 'tronco' com os ferros utilizados para castigar os negros escravos. Triste lembrança. No bucólico final de tarde, nos deixamos ficar ali, na praça...

Nosso jantar foi no próprio hotel, acompanhado dos vinhos da Dôra, um deles um inesquecível Bordeaux. Bordeaux mesmo, que a nossa amiga tirou, talvez sem notar, de sua adega. Era, possivelmente, para uma ocasião de gala, mas foi muito apreciado pelas caminhantes numa noite chuvosa. Fomos dormir 'quentes'.



A expedição de Leonardo Nardez subia o Rio Sabará, ao longo da Serra da Piedade, quando decidiu fazer explorações em busca de ouro. As minas foram descobertas em 1701, no local que os indígenas chamavam de Caeté ("mata densa"), e dois anos depois já existia um povoado com população significativa. (...) O município guarda seus principais recursos naturais, como montanhas, penhascos e rochedos na serra de 1783 m que o envolve. Devido à importância do seu papel na história do País, a cidade preserva em museus, casas, igrejas e festas populares, os testemunhos desse período de colonização. (*Guia de Ecoturismo da Estrada Real*, p. 78)

3º dia: Caeté › Morro Vermelho - 9 km e daí, de ônibus a Sabará

A viagem até Sabará, no micro-ônibus, foi uma aventura incrível!

De Caeté até Morro Vermelho, de acordo com a planilha, foram nove quilômetros de estrada com fortes subidas, sol acachapante e, felizmente, pouco trânsito. Nos surpreenderam duas carretas 'agarradas' debaixo de um viaduto. Elas faziam parte de um comboio de dois batedores, dois tratores e ambulâncias. Sussu (apelido carinhoso da Sueli) fez a reportagem fotográfica.

Nesse trecho, percebemos algo brilhante misturado na terra da estrada. Dias depois ficamos sabendo, através do amigo professor da Sussu, que era Mica Moscovita. Vale transcrever outra informação inscrita num marco:

1673 – Fernão Dias busca a Serra do Sabarabuçu. Refere-se à Serra resplandecente – Itaberaba-oçu que os portugueses chamavam de Tabaraboçu. No século XVII popularizou-se como Sabarabuçu – Serra da Piedade.

Era o terceiro dia de caminhada e já nos sentíamos mais aptas e adaptadas à jornada. Durante todo o percurso daquele dia foi possível avistar a Serra da Piedade. Chegando a Morro Vermelho vimos, à esquerda, o Morro de Santa Cruz, com um cruzeiro no alto. O nome Vermelho, segundo a dona do bar onde descansamos, refere-se ao sangue dos que ali morreram durante a Guerra dos Emboabas.



Conflito armado ocorrido na região das Minas Gerais entre os anos de 1707 e 1709, envolvendo os Bandeirantes paulistas e os Emboabas (portugueses e imigrantes de outras regiões do Brasil). O confronto tinha como causa principal a disputa pela exploração das minas de ouro recém descobertas na região de Minas Gerais. Os paulistas queriam exclusividade na exploração da região, pois afirmavam que tinham descoberto as minas e foram derrotados, tendo a Coroa Portuguesa criado a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro. (Fonte:<http://www.historiadobrasil.net/emboabas/>)

Em Morro Vermelho encerramos a caminhada do dia. Voltamos a Caeté, de táxi, pegamos as mochilas no hotel e, depois, em outro táxi, fomos até o ponto final do micro-ônibus para Sabará. Chegamos no ponto bem antes do horário do ônibus, aproveitamos o tempo pra conversar com o seu Wilson Dutra, proprietário da banca de revistas que havia ali. Seu Wilson foi radialista da rádio Capital de Caeté, e nos contou, com prazer, muitas histórias ocorridas ali.

A viagem até Sabará, no micro-ônibus, foi uma aventura incrível! O motorista - pé de chumbo - na estrada antiga, com muitas curvas (156, disseram), que serpenteia o alto da serra, nos deixou apreensivas, mas rimos bastante também, com os sacolejos do ônibus. A lindíssima paisagem do vale, no fim de tarde, a nos acompanhar! Passamos pela Mineiradora AngloGold, onde vários empregados embarcaram, enchendo o ônibus.

Em Sabará, nos hospedamos na Pousada Solar dos Sepúlvedas, uma construção em estilo colonial muito bonita e bem decorada que Sueli já foi registrando em fotos. Era a casa da família da Sônia, a proprietária, que nasceu e cresceu ali.

Teatro Municipal de Sabará.



Após um banho recuperador, saímos para o *city tour*. Primeiramente, fizemos uma visita à Igreja do Carmo, depois fomos ao teatro e à praça central. O belo teatro foi construído em 1770, época do maior apogeu da comarca de Sabará, e se chamava Casa da Ópera, passando a Teatro Municipal em 1819. Sabará é uma bela cidade, nos surpreendeu! Jantamos no Restaurante Sabarabuçu, ou 134, uma ótima refeição e cerveja, naturalmente! Só alegria!

4º dia: Sabará › Raposos - 12 km

Valeu a brincadeira do garimpo...

Na saída para Raposos, passando pela praça, conversamos com um grupo de ciclistas que se preparava para ir até Morro Vermelho. Maria Cecília avistou, bem no alto, a Igreja de São Francisco, e lá fomos visitar nosso santo de devoção. Voltando ao trajeto, passamos por uma bica de 250 anos, a água corre, desde então, sem interrupção. Caminhamos 12 quilômetros em estrada de terra, margeando o Rio das Velhas, com mata ciliar bem

conservada. Passamos por ruínas, que bem podem ter sido de um antigo porto fluvial. Aclives bem acentuados, chuva intermitente. O uso das sombrinhas, que resolvemos adotar, nos poupa do pône e tira da capa. Paramos para nosso lanche/almoço sentadas num barranco em frente ao teleférico que transportava minério nas caçambas para ser processado em Nova Lima. Um empregado da AngloGold, na viagem no micro-ônibus, nos disse que eram processados sete quilos de ouro por dia e sete quilos por noite.

Continuando, cruzamos com Felipe, um garoto de 12 anos que passava o final de semana na casa dos avós. Conversador, falou dos marcos que encontraríamos em seguida e que sua avó alugava os pés de jabuticabas, carregados de frutas, na época. E nós já tínhamos chupado uma porção delas...

A estrada continuava, numa passagem única, ao lado da casa dos avós de Felipe, um estreito caminho de pedras trabalhadas pelas águas da chuva que se assemelhava a um canyon, bem perigoso, o que nos fez descer com cuidados. *Paso doble... Paso doble!* Mais adiante, nos deparamos com uma corredeira cheia de pedras no fundo. Ao sentar e tirar as botas para que não molhassem na travessia, notamos algumas pedras amareladas e brilhantes. Oba! Tínhamos encontrado ouro? Ouro dos tolos ou *Foolish gold - Pirita = Sulfeto de Fe*, veio nos esclarecer mais uma vez o amigo professor da Sussu, com quem ela falou pelo celular. Valeu a brincadeira do garimpo e guardamos algumas pedras. Ilusão desfeita, nos lembramos do bandeirante Fernão Dias que, enquanto viveu, julgou serem esmeraldas as turmalinas que encontrara, pedras de pouco valor. Atravessamos a corredeira calmamente, enxugamos os pés e calçamos nossas botas para continuar numa subida leve, rindo muito. Ainda rindo do acontecido, Magali se lembrou de um telefonema que recebeu: *Alô, aqui é a Mônica!* E ela respondeu: *Aqui é a Magali!* Tum tum tum tum

tum... Como não há mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe, enfrentamos em seguida, mais ou menos dois quilômetros de subidas fortes, serpenteantes. Chegamos a Raposos debaixo de muita chuva. No primeiro bar avistado, da Silvana, paramos para o tradicional refrigerante gelado e foi necessário chamar um táxi para nos levar até a pousada da dona Bizuca.

Dona Bizuca, mulher forte, criou os filhos com grande dificuldade e já fez de tudo um pouco na vida e, naquela época, se empenhava em transformar a própria casa em pousada, já que não existia outra na cidade. Após o jantar, Maria Cecília, Leda e Magali foram assistir à missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Lá, se encontraram com Marta, a Secretária de Turismo do município, com quem Cecília havia falado ao telefone. Por coincidência, era o dia do aniversário da mãe dela e nossas amigas foram dar um abraço na aniversariante.



As participantes do caminho de Sabarabuçu. A partir da esquerda: Sonia, Leda, Cecilia, Magali e Sueli.



A Vila de Nossa Senhora da Conceição de Raposos foi a primeira freguesia, como eram chamadas as paróquias da Província de Minas, erigida nos idos de 1690. Raposos conseguiu preservar, dos tempos antigos, o alicerce de um casarão com grandes blocos justapostos, quase escondido pelo mato, ao lado de um curral de pedras, certamente construído por escravos. Porém, a Igreja Matriz, ornamentada de prata e com obras de Aleijadinho, sofreu várias descaracterizações durante os três séculos de existência. (*O caminho dos currais do Rio das Velhas: A Estrada Real do Sertão*, p. 40)

Segundo Tales, um dos filhos da dona Bizuca, Raposos é uma cidade dormitório. Todos os moradores em idade própria para o trabalho buscam empregos nas cidades próximas, principalmente em Belo Horizonte.

5º dia: Raposos › Honório Bicalho (de carro) › Rio Acima - 9,3 km

Nosso companheiro constante deste dia: o Rio das Velhas!

Pela manhã ainda chovia muito. Já estava previsto que não faríamos a caminhada até Honório Bicalho. Fomos de carro até lá, com o Tales, e iniciamos a caminhada. Primeiro, seguindo os trilhos dessa antiga ferrovia e, um pouco além, o nosso companheiro constante deste dia: o Rio das Velhas!

A inscrição num dos marcos encontrados nesse trecho foi o importante recado da aluna Fernanda da Cruz Vicente Martins, da Escola Estadual Josefina Wanderley Azeredo:

A presença da natureza é uma atitude totalmente necessária para a saúde humana. Preservar a natureza é preservar a vida.

Numa certa hora, não sabemos de onde, apareceu um homem de meia idade, de conversas e modos estranhos, que caminhou conosco por mais ou menos meia hora, nos deixando desconfiadas e temerosas. Do mesmo modo inesperado que chegou, também desapareceu, entrando em uma porteira de fazenda.

Após nove quilômetros de caminhada, chegamos a Rio Acima. A primeira coisa que avistamos foi a Igreja de Santo Antônio. Antes de irmos para a Pousada Circuito Real, do Cláudio (Cacau), preferimos almoçar no Bar e Pizzaria Trem Bão, por indicação de um morador, e não nos arrependemos, pois comemos muito bem, tanto que, à noite, voltamos para experimentar a pizza. Após o almoço, fomos para a pousada.

Enquanto descansávamos, Cecília pensava... e, de repente, nos comunicou que, no dia seguinte, em Acuruí, não teríamos como mandar as mochilas para Glaura. Melhor seria mandar de Rio Acima direto para lá, com o Cacau, e ficarmos com uma submochila, como já havíamos feito em Ressaca e na Serra da Piedade. Essa providência foi possível graças à generosidade do Miguel, companheiro de outras caminhadas, que ofereceu sua casa em Glaura para qualquer apoio que precisássemos. Para tanto, deveríamos contatar o caseiro, seu Menezes.

Concordamos com ela e, após arrumar as submochilas, fomos dar um passeio, debaixo de chuva. Chegamos até uma cachoeira que fica a cem metros da praça principal, e depois, como já disse, voltamos ao Trem Bão.

Enquanto saboreávamos a deliciosa pizza, fomos surpreendidas com o aviso, no alto



Enfrentar chuva e lama também faz parte do caminho...

falante da praça, de que as comportas da represa de Itabirito seriam abertas para aliviar o grande volume de água e o nível do Rio das Velhas subiria, pondo em risco os moradores ribeirinhos, que deveriam deixar suas casas. E nós, que estávamos margeando o Rio das Velhas na maior parte do caminho, fomos falar com a pessoa que havia feito o anúncio, um funcionário da Defesa Civil, que nos tranquilizou.

O caso não era grave e ele mesmo achava que não deveria ter anunciado (sic). Mesmo assim, repensamos os planos para o dia seguinte. Sueli, com seu notebook, foi providencial. As planilhas do Instituto Estrada Real indicavam, naquele trecho, dificuldade de nível 5, o mais alto.

Decidimos, então, por unanimidade, seguir de carro. Cacau já havia concordado em nos levar até Acuruí, e de lá faríamos o caminho invertido, se fosse possível. Nossa segurança é fundamental, nosso lema é: *En beneficio de la salud!*



O arraial nasceu em 1736 com o nome de Santo Antônio do Rio Acima, em local onde foi encontrada grande quantidade de ouro e pedras preciosas. Totalmente inserida na APA Sul da região metropolitana de Belo Horizonte, parte de suas terras integram a APA do Mingu, que protege a bacia hidrográfica do mesmo nome. A riqueza de Rio Acima concentra-se em suas matas virgens e nas águas que descem em córregos, formando belas cachoeiras. Sua vida silvestre é particularmente rica, sobretudo quanto à produção de espécies raras. A cidade é simples, acolhedora e também muito pacata, exceto por ocasião das celebrações das festas religiosas, como as de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Luzia. (*Guia de Ecoturismo da Estrada Real*, p. 84)

6º dia: Rio Acima › Acuruí - 23 km, de carro

Nosso final de tarde foi 'um espetáculo!'

No sexto dia estávamos nos sentindo muito bem. Sueli até encapou, com capricho, seus dedinhos dos pés (pareciam pequeninas múmias), a fim de evitar as bolhas. No entanto, mantivemos o combinado na véspera e não caminhamos naquele dia. Fomos para Acuruí no possante Santana Quantum do Cacau. Éramos sete pessoas, contando com o motorista, mais as mochilas, desafiando estradas lamacentas em aclives e declives acentuados. Cacau foi calmo e obstinado, e nós, com a ajuda de São Miguel Arcanjo, que Leda sempre se lembra de evocar, e mais nossos braços fortes dando uma ajuda extra, empurramos o carro por duas vezes e conseguimos vencer a grande dificuldade daquele dia.



Palavra de origem indígena, Acuruí significa rio de seixos. Acuruí, hoje um distrito de Itabirito, teve sua fundação logo após o ano de 1700. Suas duas igrejas, Nossa Senhora da Conceição, construída em 1756, e Nossa Senhora do Rosário, destinada aos escravos e erguida logo após a primeira, situam-se na mesma rua, uma de frente para a outra. Na atualidade, a vila tem a base de sua economia nos sítios de proprietários das grandes cidades da região e no Balneário Rio das Pedras. (*O caminho dos currais do Rio das Velhas: A Estrada Real do Sertão*, p. 36)

Em Acuruí ficamos hospedadas justamente no aprazível balneário citado acima, administrado pelo SESC – Serviço Social do Comércio. Assim que nos acomodamos no chalé, saímos em sondagem do caminho para Glaura, nosso destino no dia seguinte. Passamos por ruas calmas, conversamos com alguns moradores, chupamos jabuticabas, cujos galhos se ofereciam aos passantes, debruçados sobre a cerca, carregados de frutas. Assim que encontramos o primeiro marco para Glaura, voltamos ao balneário para almoçar.

Além do nosso grupo, apenas mais dois casais, em lua de mel, estavam hospedados no balneário. Nosso final de tarde foi um *espetáculo*! Aproveitamos a piscina aquecida e a sauna, conversamos, rimos e relaxamos... Aqueles momentos foram uma trégua na nossa preocupação quanto ao dia seguinte. Todos os motoristas com quem conversamos diziam para não prosseguirmos, os transportes escolares não passavam em certos trechos e os alunos tinham que caminhar, com muita dificuldade, na volta pra casa. O gerente do balneário, Edilson, deu alguns números de telefones de pessoas que faziam transportes,

mas, por mais que Cecília tentasse, não conseguiu carona para, pelo menos, os cinco quilômetros iniciais, os piores conforme informaram. Afinal, um tal de seu Carlos aceitou. Ficamos um pouco mais animadas quando, à noite, a chuva cedeu um pouco.

7º dia: Acuruí > Glaura - 19 km | Cachoeira do Campo, de ônibus

Se chovesse forte, aquelas margens poderiam ser inundadas num piscar de olhos.

Felizmente o dia amanheceu sem chuva, e o seu Carlos não apareceu. Edilson, então, mandou um empregado do balneário nos levar até o primeiro marco, distante mais ou menos, um quilômetro e meio.

Depois, caminhamos dezessete quilômetros até Glaura! Para lembrar os velhos tempos e levantar nosso moral, esse foi verdadeiramente um dia de caminhantes! Em terreno pouco acidentado, caminhamos rapidamente, enquanto víamos, ao redor, a chuva se mostrando, embora não nos tenha alcançado. No entanto, parecia que ela havia acabado de passar em alguns trechos, deixando-nos uma brisa fresca e agradável.

A partir de certo ponto, a situação mudou. No quilômetro sétimo havia indicação de que a estrada de Capanema se funde na antiga Estrada Real. E foi por aí que enfrentamos a maior dificuldade, rente ao Rio das Velhas e, como durante a noite as margens tinham sido inundadas, caminhamos sobre sedimentos depositados, verdadeiros atoleiros nos quais nossas botas se afundavam. Foi uma experiência assustadora, visto que se chovesse forte, aquelas margens poderiam ser inundadas num piscar de olhos. Mas, felizmente, vencemos esse trecho e alcançamos o asfalto.

No distrito de Soares, passamos pela rua Ana de Sá, número 305, e nos deparamos

com a maravilhosa Pousada Encanto de Glaura, e numa ruela com várias casas juntas, Sueli se aventurou e voltou triunfante com um frasco de dois litros de refrigerante geladíssimo! Faltando uns 500 metros para chegar em Glaura, pegamos carona num ônibus, o mesmo que, pouco depois, nos levaria para Cachoeira do Campo. Descemos ao lado da Igreja de Santo Antônio e já fomos indagar aos moradores onde encontrar o seu Menezes, fiel guardião das nossas mochilas. Encontramos o seu Menezes, que nos levou até a casa do Miguel. Mudamos de roupas e ajeitamos as mochilas. Voltamos pela íngreme rua com Magnólias, se bem me lembro, plantadas de ambos os lados, formando verdadeiramente uma alameda. Na frente da bela igreja, aguardamos o ônibus para Cachoeira do Campo e, de lá, retornamos a Belo Horizonte.



Glaura, distrito de Ouro Preto e ponto de passagem dos bandeirantes, é um dos mais antigos lugarejos da região, antes conhecido como Casa Branca, tendo mudado de nome para homenagear a esposa do Barão de Saramenha, proprietário de um sítio no local. Às margens do Rio das Velhas, possui belezas naturais que podem ser apreciadas percorrendo-se uma série de trilhas apropriadas ao trekking, ao ciclismo e às cavalgadas. Glaura é marcada pela vida pacata e tranquila. Oferece patrimônio arquitetônico, além de artesanato típico. (*Guia de Ecoturismo da Estrada Real*, p. 73)



Igreja de Glaura.



Anexos

ANEXO 1

Para nós, os anjos...

A representação dos anjos, através da religião, nos reporta a uma figura com aspecto meio humano, meio sobrenatural.

Assim, temos a lembrança da representação da aparição do anjo à Maria, anunciando, do anjo a José, predizendo e esclarecendo, do Arcanjo Miguel, afugentando nossos grilhões... e até a peste, na Europa...

Eles marcaram e continuam marcando o inconsciente coletivo!

Espíritos guardiães instruídos pelo Pai para a nossa proteção...

Para nós, a certeza de uma constante proteção, advinda do cuidado divino...

Caminhantes, detentoras de fé diferenciada, mas sempre respeitosa, aprendemos a acreditar que caminhamos sob a proteção de um Deus Amor, que nos impulsiona apenas ao bem e à tolerância.

Sabemos dos perigos aos quais nos expomos, das intempéries, dos animais bravios e peçonhentos, das quedas, da sede, do calor excessivo, das distâncias a serem vencidas, da escuridão da noite, das ladeiras íngremes, das pedras roladas, dos raios e tempestades, dos humanos desconfiados, das espreitas, das dores físicas e emocionais, das perdas...

Sabemos também que "os anjos", nossos guardiões, estiveram nos fortalecendo em todos os momentos.

Passamos a invocá-los a cada dia e, a cada dia, pudemos através de mantras, lembrar aos nossos guardiões que solicitávamos sua presença e proteção...

Valores diversos e distintos, aleatoriamente, foram por nós refletidos e repetidos, durante nossas caminhadas, através do livro *Meditando com os Anjos*, que sempre nos acompanhou e de onde pudemos internalizar uma mensagem de vida, esperança, confiança, liberdade, saúde, paz...

Mensagens que pudemos compartilhar em nossos encontros pelo caminho...

Mensagens que chegavam às nossas mãos foram distribuídas, multiplicando-se...

Outros anjos visíveis também nos acompanharam. Foram humanos que confiaram em nós, partilharam sua água preciosa, nos levaram no lombo de um cavalo, nos deram aporte em seus veículos, quando o cansaço nos vencia, ajudavam a interpretar mapas e sinais, tiraram pedras das estradas, ajudaram a improvisar travessias...

Aos anjos invisíveis nosso agradecimento, nossa fé de que "nunca nos deixarão sozinhos"; aos visíveis, que talvez nunca souberam que o foram, nosso pedido para que os invisíveis nunca os deixem sem a sua preciosa proteção.

Maria Cecília

ANEXO 2

Importância do tropeirismo

A descoberta das minas de ouro e pedras preciosas no final do século XVII e início do século XVIII, em Minas Gerais, provocou grande movimento migratório para as regiões das jazidas. De todas as partes, levadas de contingentes humanos eram atraídas pela ideia de enriquecimento fácil.

Em poucos anos, as regiões de mineração abrigavam multidões vindas de todo o Brasil e também de Portugal. O crescimento da população de forma desordenada provocou a crise no abastecimento de alimentos. Não havia interesse, por parte da Coroa Portuguesa, quanto ao desenvolvimento da agricultura. A única preocupação era o aumento da mão-de-obra e, em consequência, maior produção nas minas e mais arrecadação dos impostos.

Os mineradores, sem meios de locomoção, acostumados a morar perto do litoral, longe dos primeiros núcleos coloniais, tiveram que enfrentar inúmeros desafios. Escravos negros e índios, de forma desumana, exerciam o trabalho de carregamento como se fossem tropas de carga.

Com o crescimento da mineração, o índio e o negro não mais atendiam à demanda de transporte. Além do preço elevado, os mineiros precisavam de grande número deles para abastecer o mercado.

Na certeza de soluções, foram buscar o luar ocioso nos campos do Sul, diante da queda de produção das minas de prata de Potosi, na época, região do Peru, hoje território boliviano.

A exploração desmesurada das minas de prata fez com que a atividade se extinguisse em

um século, por volta de 1680. Milhares de animais ficaram às soltas nas regiões platinas e que deram, então, suporte ao Ciclo do Tropeirismo brasileiro. Não só os animais, mas também muitos dos "arrieiros" vieram trabalhar no Brasil. Como não existiam criatórios de muares, foram "contrabandeados", de início, entrando em nosso território pelo lugar onde é, hoje, o Estado do Rio Grande do Sul.

O Ciclo do Tropeirismo ocorrido no Brasil foi ancorado, principalmente, tanto na figura e atividade desenvolvidas pelos muares, quanto ao serviço de transporte e comércio.

Apesar dos obstáculos do trajeto, a partir de 1730 ou até mesmo antes, iniciaram-se as exportações de animais para as regiões centrais do Brasil. Tropas de animais arrebanhadas nos campos do Rio da Prata chegaram até São Paulo e escoaram para outras regiões, depois de serem negociadas nas famosas feiras de Sorocaba. Grande parte da comercialização do muar era destinada à região das Minas Gerais.

A afirmativa de Alfredo Ellis Júnior:

De fato, a criação de imensos rebanhos de gado se fazia nos descampados platinos, constituindo a fonte de renda das não pequenas populações hispano-americanas dessas regiões, proporcionando-lhes o poder aquisitivo e o nível de vida. Sem que esta mercadoria fosse produzida, vendida e consumida, não haveria nenhum núcleo de colonização hispano-americana no Baixo Paraná, no Prata, ou no Uruguai. Isto quer dizer que se não fosse o ouro brasileiro, não teríamos o Vice-reinado do Prata com Buenos Aires, Uruguai, Entre Rios, Corrientes, Paraguai, etc.. Foi a venda do muar que constituiu a grande fonte de renda para essa imensa região. (Alfredo Ellis Júnior, O Ciclo do Muar, in *Revista de História*, nº 1, janeiro/março, São Paulo, 1950.)

E ainda: “Talvez a estrada do Rio Grande a São Paulo tenha sido a rota de maior importância na história do Brasil, pois sem ela não teria havido o ciclo do ouro, não teria havido o café e nem a unidade nacional teria sido levada a cabo.” (ibidem)

A viagem, ou seja, toda a distância percorrida entre o ponto de partida e o ponto de chegada, era muito longa. No fim de cada caminhada-percurso, vencido em um dia, havia parada obrigatória para que homens e animais pudessem descansar e pernoitar.

As paradas foram se tornando cada vez mais fixas e definitivas. Em consequência, vilas e povoados foram surgindo.

Nas proximidades dos pousos, alguém construía uma palhoça, tornando-se um morador fixo, atendo-se ao trabalho agrícola de subsistência e para o abastecimento das tropas, produzindo gêneros da terra como feijão, mandioca, além do milho que era também fornecido como ração para os animais. Essa foi uma das poucas alternativas dada aos homens do campo, já que sua presença tornara-se indispensável para a permanência e continuação do Tropeirismo. Prosperando, montava uma venda, abastecia-se melhor com outros produtos necessários para o cotidiano tropeiro e, lentamente, formava-se um povoado ao seu redor. Progredindo e aumentando o número de casas, ganhava autonomia política e administrativa até tornar-se vila e posteriormente cidade. (STRAFORIM, Rafael. *No caminho das tropas*. Sorocaba: Editora TCM-Comunicação, 2001 – p. 32).

As localidades acabaram por demandar serviços e gerar necessidades. Contribuíram para o surgimento de novos exercícios profissionais. Os tropeiros é que aí aparecem com toda espécie de suprimentos trazidos em lombos de burros para abastecerem os traba-

lhadores das minas. Com eles, surgem os artesãos do couro e muitos outros ofícios.

Impossível desconsiderar a formação e a evolução urbanas dos lugares ligadas à ocupação dos primeiros povoadores. Lilita Assis Dias, com 100 anos de idade, moradora de Ipoema, é filha do tropeiro Carlos Dias Filho. Ela relembra, quando criança, dos chamados mala-costas: homens que passavam pelo distrito carregando malas de couro, com alças apoiadas nos ombros. "E eram muitos, o dia todo por aqui passavam. Muitos vinham do lado de Senhora do Carmo, a pé com sandálias de couro, para trabalhar em Nova Lima. Era só gente montada em burro e a pé."

O tropeirismo oportunizou a existência do mais extenso ciclo socioeconômico e cultural do Brasil, abarcando desde o início do desbravamento e conquista interior do Brasil-Colônia, o "suporte" do Brasil-Império e os primeiros passos do Brasil-República. Foram cerca de 220 anos, período em que o nosso país desenvolveu-se sob o lombo dos muares.

A influência do tropeirismo na cultura

O domínio geográfico das margens dos Caminhos das Tropas, a partir dos pousos e ranchos, possibilitou o surgimento de inúmeros povoados e vilas.

As atividades tropeiras, por sua vez, deram origem a diversos ofícios, tais como seleiro, ferreiro, amansador de burros, oleiro, telheiro, latoeiro, carpinteiro, tecelão, balaieiro, cesteiro, domadores, atores das áreas de saúde, comerciantes e seus armazéns, farmácias, lojas de secos e molhados e tantos outros que contribuíram para a base do desenvolvimento das sociedades locais, além da movimentação da economia.

A religiosidade sempre fez parte da história de vida dos tropeiros, e em Minas Gerais não

foi diferente. Por trás da suntuosidade das igrejas, capelas, acervo de imagens e oratórios, registra-se o trabalho de homens com seus muares e cargueiros. Não viajavam em dias santificados, pois seria desrespeito a Deus, e se estivessem numa vila ou povoado assistiam à missa aos domingos e dias santos de guarda.

A musicalidade, poesias, danças, cantigas e notícias acompanhavam as tropas, levadas daqui para ali e de lá para cá, o que lhes atribui o conceito de importantes agentes culturais.

A conhecida expressão "no fio do bigode", na qual a palavra e compromisso a serem honrados dispensavam papel ou testemunha, assinala, dentre as muitas heranças, a promessa de fazê-lo. A historiografia tropeira não relata, com poucas exceções, casos em que a palavra não tenha sido cumprida. A honra estava ligada à palavra; uma vez proferida, era mantida sob qualquer circunstância.

"Foram homens que construíram um novo Brasil. Sem medo de errar, poderíamos dividir o Brasil em duas épocas distintas: antes e depois do Tropeirismo, tal sua influência e magnitude no desenvolvimento do país."(*Vida e morte do tropeiro* - pseudônimo Aluísio de Almeida)

O tropeiro, requisitado e ansiosamente esperado, atuou como correio, transmissor de notícias e portador de encomendas. As missões que lhe eram atribuídas foram cumpridas com muito cuidado, originando confiança ilimitada. Sob sua responsabilidade, transportavam-se verdadeiras fortunas em produtos e mercadorias. Atitudes de solidariedade, dignas de inúmeros registros, exemplificam a sua humana condição de ser. Caso uma mula se atolasse no barro e não conseguisse se recuperar, era abandonada e coberta com um galho para avisar do atoleiro os que vinham depois. Se duas tropas se encontravam nos estreitos caminhos, a

que descia esperava passar a que subia.

Nos ranchos, após a jornada de trabalho, reuniam-se em volta da trempe para contar “causos” das próprias tropas e do imaginário popular: o lobisomem que andava rondando os pousos; os nós que apareciam nas crinas dos animais, atribuídos ao moleque saci, e que ninguém conseguia desatar; as tropas fantasmas que andavam pelas trilhas batendo cincerros e bruacas, dia e noite.

Dos tropeiros, a influência na culinária. Diante dos desafios nas estradas, buscavam alternativas para manter a provisão das viagens e de fácil transporte. Na dieta simples, encontraram formas de conservar alimentos. A salga, defumação, e a conservação em gorduras nas latas são métodos utilizados até hoje no meio rural.

A gastronomia tropeira espalhou-se pelo Brasil e produtos alimentares de uma região passaram a ser conhecidos e utilizados em outras, na mais perfeita interligação entre os povos.

O feijão tropeiro demandava mais tempo. O cozinheiro ia à frente. No ponto de parada, em caldeirão de ferro, cozinhava-se o feijão para os demais; era trato. Depois de cozido, o preparo. Farinha de milho ou mandioca no prato. Por cima, o feijão inteiro. Depois, gordura de porco bem quente. Em seguida, alho, cebola e pimenta. Misturava-se tudo. Por último, torresmo e a carne de charque.

Para facilitar o transporte nas longas viagens, a comida tropeira tinha que ser mais seca. O preparo dos alimentos e o ato de se alimentar estiveram ligados a sucessos e fracassos da história, ao panorama da sociedade e cultura. Com certeza, o declínio de um povo está em suas bases alimentícias. Daí, o significativo espaço que ocupa a culinária na compreensão de uma sociedade em busca do cotidiano. A cozinha da tropa, ao lado das fazendas, traduz herança recebida. Ambas fortalecem a identidade, seja em volta da trempe ou em volta do

fogão a lenha.

E o que dizer da medicina campeira, tão utilizada entre tropeiros, citada inúmeras vezes pelos escritores naturalistas europeus que aqui vieram estudar a flora e fauna brasileira? Ao lado desse universo da cultura, perpetuaram-se simpatias, rezas e benzeções que revelam os saberes da cultura popular.

A unificação da língua portuguesa, mesmo que entremeada de variações regionais, diferentes estratos sociais e circunstâncias diversas da comunicação, teve no tropeirismo o fator responsável pelo processo de entendimento nacional. Dos tropeiros, provérbios continuam vivos na linguagem do povo:

Burro velho não pega marcha. Bate na cangalha para o burro entender. Quando um burro fala, o outro murcha a orelha. Quem não pode com a sela, não pode com a cangalha. Burro que não aguenta carga deita. Pela andadura da besta se conhece o montador. Picar a mula. Dar com os burros n'água. Teimoso como uma mula. Cor de burro fugido. Deixar de ser besta. Dizer besteira. Fazer burrice. Ficar emburrado, etc.

A historiografia oficial brasileira preferiu calar-se por um tempo após o declínio do Ciclo do Tropeirismo. A construção das estradas de ferro e a chegada do transporte rodoviário provocaram a consequente ruptura, por um tempo.

Hoje um novo olhar reconstrói a saga tropeira, ao lado do índio e do negro, com a devida reverência. Inúmeras ações cuidam para que a memória dos tropeiros permaneça viva na cultura do país e se torne, através do projeto elaborado e desenvolvido pelo Instituto Cultural Tropeiro Brasil, Patrimônio Imaterial Brasileiro, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e Patrimônio Cultural da Humanidade, pela UNESCO.

Eleni Cássia Vieira

Bibliografia

A Celebração do Tricentenário de Santa Bárbara/Uma realização da sociedade civil organizada, José de Anchieta da Silva (autor e editor), Belo Horizonte, 2005.

A viagem proibida: nas trilhas do ouro, Mary Del Priore, 2013, Editora Planeta do Brasil Ltda. 103 p.

O caminho dos currais do Rio das Velhas: A Estrada Real do Sertão, Eugênio Marcos Andrade Goulart, 2009 , Coopmed 213p.

Viagens do naturalista Saint-Hilaire por toda a Província de Minas Gerais, Eugênio Marcos Andrade Goulart, 2013, Livraria&Editora Graphar 178 p.

Os caminhos do ouro e a Estrada Real, Organização de Antônio Gilberto Costa, Editora UFMG, Belo Horizonte.

Elites egionais e a Formação do Estado Imperial Brasileiro, Marcos Ferreira de Andrade, Arquivo Nacional, 2008.

Guia de Ecoturismo Estrada Real Brasil, Editare Editora/Empresa das Artes, São Paulo, 2005. 1889, Laurentino Gomes, Editora Globo S. A. 1ª Ed. São Paulo.SP

Maria do Matué: uma estória do Rio São Francisco, Moura, Otávio Augusto Pinto, Belo Horizonte, 2007.

Planilhas elaboradas pelo IER.

Jornais e Revistas:

Jornal O Tempo, 04/11/2016

Jornal "O Estado de Minas" de 06 de agosto de 2005

Cidades - Prefeitura de Catas Altas/3 de dezembro de 2003

Diário de Itabira, 31 de agosto de 2014, p. 8.

Internet:

[www.cemig.com.br/pt-br/A cemig](http://www.cemig.com.br/pt-br/A_cemig)

<http://www.estradareal.org.br>

<http://www.er.org.br>

www.idasbrasil.com.br/casa+de+Tiradentes

Estrada Real em Revista: www.estradareal.org.br

www.serradoespinhaco.com.br

Fui impresso em
dezembro de 2016 na
gráfica da Impressões de
Minas, miolo em papel
apergaminhado 75g e capa
em papel supremo 250g
em tipologia Myriad Pro

Após cumprimentá-la, expliquei a nossa situação e indaguei se, por acaso, ela sabia de algum lugar onde pudéssemos fazer uma refeição. Ela não sabia. Continuou subindo e, de repente, voltou-se e disse: *Eu moro logo ali, posso fazer um lanche pra vocês*. E, em seguida: *Lanche não, vou fazer uma sopa de legumes pra vocês!!!* E fez! Lourdes é o nome dessa pessoa generosa... Ela é natural de Tiradentes e trabalhou muitos anos na UFMG, em Belo Horizonte. Havia se aposentado e retornado à cidade natal. Deu-nos o seu endereço e quando lá chegamos, a sopa já borbulhava na panela. Sentimo-nos muito bem ali, uma casa simples e acolhedora. Conversávamos à luz de velas enquanto Leda, ao celular, fazia contatos para organizar o dia seguinte, a questão de onde dormir, por exemplo, era uma incógnita. Nem é preciso dizer que a sopa estava deliciosa! Foi um prazer saboreá-la enquanto conversávamos com dona Lourdes. Ao nos alimentar, ela fez muito mais que matar a fome dessas peregrinas, até então em apuros. Deixou-nos uma memorável lembrança de generosidade e delicadeza.

